

CREUSA SALETTE DE OLIVEIRA

**O DESVELAMENTO DO MUNDO KARAJÁ
COLHIDO PELOS NOMES E PELAS IMAGENS DO
PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH**



Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Mestrado em Psicologia

Goiânia
Setembro, 2004

¹ Foto tirada por Rosa Gauditano.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

CREUSA SALETTE DE OLIVEIRA

**O DESVELAMENTO DO MUNDO KARAJÁ
COLHIDO PELOS NOMES E PELAS IMAGENS DO
PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia – Área de Concentração: Aprendizagem e Comportamento Social, da Universidade Católica de Goiás, sob a orientação do Prof. Dr. Rodolfo Petrelli.

Goiânia

Setembro, 2004

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

FOLHA DE AVALIAÇÃO

**O DESVELAMENTO DO MUNDO KARAJÁ COLHIDO PELOS NOMES E
PELAS IMAGENS DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH**

CREUSA SALETTE DE OLIVEIRA

Professor Dr. Rodolfo Petrelli
Orientador

Examinador

Examinador

Goiânia

Setembro, 2004

Dedico este trabalho ao Povo Karajá e a todos os povos que por primeiro habitaram este continente, nossa “Pacha Mama”. Aos que foram dizimados nesses 500 anos e aos que corajosamente resistem.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, que conduz minha história e me sustenta na caminhada.
- Ao Professor Dr. Rodolfo Petrelli, mestre e amigo que, com sua grandeza de alma, com seu jeito – o mais humanizado que já conheci – e com sua competência profissional, incentivou-me à pesquisa e me introduziu no mundo do Psicodiagnóstico de Rorschach.
- Às minhas irmãs, do mais profundo do meu coração, Iara, Socorro e Joana, pela presença, incentivo e por tudo o que elas representam na minha vida.
- À minha família, que está no Rio Grande do Sul, e com seu carinho me animou.
- Ao mestre e irmão Pedro Casaldáliga, com quem tive a graça de con-viver durante dez anos e com quem aprendi o sentido de pertença a uma Igreja comprometida com os pequenos e empobrecidos e a admirar e respeitar o povo Karajá.
- À “Tia”, Ir. Irene, amiga e companheira de caminhada que, com carinho, abriu os arquivos da Prelazia de São Félix do Araguaia onde, zelosamente, cuida de preciosidades.
- Aos Agostinianos que, através do Fundo de Solidariedade Joreny Nasser Kehdy, me proporcionaram a bolsa de estudo para este mestrado.
- A Luzia Coutinho, minha amiga de São Félix do Araguaia, que me levou pela primeira vez à Aldeia Santa Isabel do Morro e me ajudou nos primeiros contatos da minha pesquisa.
- Ao Waxiÿ Maluá Karajá, que me auxiliou na aplicação e tradução dos protocolos de Rorschach.
- A todos(as) os(as) amigos(as) Karajá por quem tenho enorme carinho, em especial à família de Maluaré Karajá.
- À Liliana Vieira, pelo dedicado trabalho de revisão e digitação desta pesquisa.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	10
1 NO PRINCÍPIO... ..	20
1.1 Da Terra sem Males aos Males sem Fim – A História do Contato	20
1.1.1 A terra sem males.....	20
1.1.2 A história do contato.....	23
1.1.3 A terra dos males sem fim.....	31
1.2 Os Karajá – O Povo do Berohokÿ.....	33
1.2.1 Sua origem	33
1.2.2 Seu espaço geográfico.....	39
1.2.3 Sua organização familiar	43
1.3 Dados Populacionais.....	44
1.4 A História do Contato.....	48
2 CONSTRUINDO UM PENSAMENTO METODOLÓGICO QUALITATIVO, NA TRÍADE DA FENOMENOLOGIA, DO EXISTENCIALISMO E DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH.....	52
2.1 Buscando o Instrumento Científico Capaz de Retratar a Experiência Viva.	52
2.2 O Método Fenomenológico	57
2.3 Breve Introdução ao Psicodiagnóstico de Rorschach.....	65
2.4 Um Olhar Fenomenológico Existencial Sobre os Temas do Rorschach	74

3 METODOLOGIA	82
3.1 Procedimento e Instrumento	82
3.2 Campo da Pesquisa.....	85
3.3 Os Participantes	87
3.4 Recursos Financeiros	95
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	97
4.1 O Desvelamento	105
4.2 A Dor Desvelada no Protocolo de S. Karajá.....	113
4.3 A Esperança na Dor do Velho Líder.....	114
4.4 A Dor e a Esperança.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXO 1	127
GRUPO A – KARAJÁ COM CONTATO	
ANEXO 2	184
GRUPO B – KARAJÁ SEM CONTATO	

RESUMO

Este trabalho trata do processo histórico do contato da sociedade nacional com o povo Karajá da Aldeia *Hãwalo Mahãdu* (Santa Isabel do Morro), na Ilha do Bananal-TO.

Tem como objetivo o “desvelamento” do mundo Karajá - marcado por esse contato - colhido pelos nomes e pelas imagens do Psicodiagnóstico de Rorschach, como também através da escuta etnográfica, nas falas, depoimentos e histórias de vida.

A autora investiga o impacto dessa história de contato de 300 anos na vida do povo Karajá, hoje passando por dolorosas e desafiadoras experiências, entre as quais a bebida alcoólica, a desnutrição e as doenças, inclusive a “loucura infantil”, e as ameaças da Hidrovia Araguaia-Tocantins e da estrada da Ilha do Bananal.

O Psicodiagnóstico de Rorschach, aplicado em língua Karajá em 40 indivíduos, revela os resultados do contato maléfico, mas desvela também um povo que ainda preserva sua identidade cultural e alguns de seus valores mais profundos, como sua relação holística com o mundo que o cerca. Este resultado colhido no Rorschach confirma-se na vida da aldeia: seus mitos e ritos, sua língua, suas pinturas e festas são sinais de resistência e de sobrevivência cultural dos filhos e filhas do Berohokÿ.

ABSTRACT

The present work deals with the historical process of the contact between the Brazilian society and the Karajá people, from the native village Hãwalo Mahãdu (Santa Isabel do Morro), in the Bananal Island (Ilha do Bananal), state of Tocantins.

The work aims to unveil the Karajá world - marked by this contact –through codes and images collected through the Rorschach Psychodiagnostics plates as well as the ethnographic listening, through speeches, hearings, and life stories. The author investigates the impact of this history of contacts of over 300 years on the lives of the Karajá people, today, going through painful and challenging experiences, such as alcohol addiction, malnutrition and diseases, including infant mental disruption, in addition to the threats of the construction of the Araguaia-Tocantins waterway and construction of the road to the Bananal Island, which will destroy their natural habitat.

The Rorschach psychodiagnosis, applied in the Karajá dialect, to over 40 individuals, reveals the deepest values kept by these people while it also reveals the results of the malefic contact with the colonizing world. The test reveals a people who still preserve a holistic relationship with their surrounding world. This result, gathered through the application of Rorschach is confirmed by the life of the village: their myths and rituals, their language, their cultural paintings and feasts, which are signs of resilience and cultural survival of the sons and daughters of the Berohokÿ.

INTRODUÇÃO

*“A imaginação nada mais é senão o sujeito transportado às coisas.
As imagens trazem as marcas do sujeito.
E essa marca é tão clara que, afinal,
é pelas imagens que se pode obter o diagnóstico
mais seguro dos temperamentos.”*

(BACHELARD, 1992: 2)

O desejo de fazer uma pesquisa com povos indígenas nasceu numa viagem, em 1992, à região do Xingu, quando tive a oportunidade de observar, por muitas horas, o comportamento de uma família Kaiapó, sobretudo pela serenidade e tranqüilidade das crianças que, durante muito tempo, brincavam no ônibus sob o olhar dos pais.

Este desejo foi alimentado, e, no decorrer de uma década, o sonho foi se realizando, com a produção de duas pesquisas e, agora, com esta dissertação.

Tive a sorte de ter tido o primeiro contato com os Karajá à sombra luminosa de Pedro Casaldáliga e do Araguaia, onde se misturam o mito e a realidade, a vida e a defesa dos povos. Ninguém melhor do que esse bispo, amante da causa indígena, para me introduzir neste mundo, nesta “Terra sem males” que se tornou a “Terra dos males sem fim”.

Na experiência do dia-a-dia na prelazia de São Felix do Araguaia, nas idas à Aldeia Santa Isabel do Morro (*Hãwalo Mahãdu*), no encontro com os Karajá em sala de aula, nas visitas deles à minha casa, fomos nos conhecendo melhor. Acolhendo-os e sendo acolhida por eles, fui caminhando numa espécie de reconstrução da sofrida história de

dominação cultural de que foram vítimas, recolhendo os traços da violência, perceptíveis em suas falas, na aparência física de muitos, em alguns hábitos herdados dos brancos, como o consumo da bebida alcoólica. Mas também observei a força de sua cultura, com suas festas, seus mitos e ritos e a luta pela preservação do Araguaia, para eles o Berohokÿ. Essa preocupação com a vida do rio está registrada na fala de Samuel Karajá, cacique da aldeia São Domingos-MT, por ocasião do 5º Simpósio Ambientalista Brasileiro do Cerrado, em novembro de 1999:

"A nossa história sempre foi ali da região do Rio Araguaia... Karajá não sabe viver sem o rio. Eles sempre viveram ali...sempre ocorreu ali a história do rio Berohoky... essa a denominação que Karajá dá aquele rio. Então essa é a preocupação que a gente tem a respeito do Rio Araguaia, quando há um projeto sem nenhuma preocupação com o meio ambiente, com as populações que ali vivem há milhares de anos, né?...As nossas festas, como por exemplo, Aruanã, a gente traz do rio. A representação do Aruanã vem do rio...Tudo isso é importante para a sobrevivência da cultura Karajá."

Moradora de São Felix do Araguaia pude, cada vez mais, usufruir do positivo contato com os Karajá e conservo ainda nítidas imagens dos nossos primeiros encontros na Aldeia, na casa do líder e curandeiro Maluaré, rodeado pelos seus inúmeros netos e suas duas esposas. Também da festa do Hetohokÿ, em 1998, quando presenciei uma criança de três anos, um neto de Maluaré, exercendo a função ritual da chefia mais importante entre os Karajá que é o Iòlò. Cenas de cura, os funerais, as crianças na escola bilíngüe e até alteração de comportamento ("loucura") de crianças. E ainda as histórias ouvidas de Maluaré, sobre seu povo, sobre doenças e cura, que ouvi sentada na "esteira nova" – deferência especial aos amigos e visitas importantes. E as cenas domésticas das mulheres

preparando as tintas do jenipapo e do urucum para pinturas das cerâmicas, a confecção das bonecas e cestarias, a produção das pulseiras e brincos... Em minha casa, com frequência, mulheres Karajá chegavam para tomar café ou almoçar. Chegavam cantando meu nome “Creoosaa”. Traziam os artesanatos para vender e sempre deixavam algum de presente. Falavam entre elas, na sua própria língua, como é de costume, para que os não-índios não entendessem. Quando eu reclamava, elas riam e se divertiam.

Falo com emoção de algo que vi, vivi e senti em dez anos de convivência. Falo sobre um povo que aprendi a admirar e a respeitar e entre o qual fiz grandes amigos e amigas.

Nesse tempo de convivência, com um olhar curioso e atento e uma escuta apurada, fui aprendendo a investigar, o que me valeu duas pesquisas.

A primeira surgiu do impacto que o contato com o povo Karajá produziu em mim. Na escola em que dava aula, incomodava-me, por exemplo, o preconceito de que eram vítimas os/as adolescentes quando, ao concluírem a 4ª série do ensino fundamental, na Aldeia, passavam à escola pública da cidade. Por não dominarem a língua portuguesa, eram motivo de risos e zombarias. Os do ensino médio que faziam o magistério, intimidavam-se com as aulas práticas e tinham dificuldade em assimilar a pedagogia que lhes era ministrada, embora se saíssem muito bem nas outras disciplinas. Outro impacto vinha dos Karajá que moravam na cidade e tinham seu emprego e salário. Quando bebiam, ficavam agressivos, brigavam entre si, caíam na rua e eram, muitas vezes, maltratados pela população. Por todas essas formas de violência e preconceito, fiz o estudo com o título: “O poder da indução da cultura dominante no mundo Karajá”.

A segunda pesquisa surgiu depois que fui convidada pelo antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, estudioso do povo Karajá, para integrar uma equipe, formada pela FUNAI, de médicos, enfermeiras, antropólogo e eu como psicóloga, para fazer um levantamento sobre a alteração de comportamento ocorrido entre as crianças Karajá da Aldeia Santa Isabel do Morro. Foram várias reuniões da equipe e desta com as lideranças Karajá. Fomos também algumas vezes à aldeia, e, numa dessas, tivemos a oportunidade de assistir à cena de uma criança correndo na aldeia (a alteração de comportamento que estávamos estudando), com um facão na mão, gritando e cortando tudo o que encontrava pela frente. Os adultos, homens e mulheres, corriam e se fechavam dentro de casa. Também eu e Manuel Filho procuramos abrigo para nos proteger. Um médico, que fazia parte da equipe visitante, gritou: “Não tem ninguém para segurar este moleque?” E de fato não havia. A reação dos Karajá era, como a nossa, de observação e medo. Em seguida, fomos à casa de Maluaré, uma antiga liderança na aldeia, amigo comum e curandeiro. Deparei-me com outra cena de igual impacto. O velho curandeiro estava sentado em sua esteira e, a seu lado, a criança que “correra” minutos antes. Ele estava ali para ser curado. Maluaré tinha as mãos untadas com ervas depositadas em duas cabaças e, lentamente, ia massageando todo o corpo do menino e acompanhava os gestos com gemidos suaves, como se estivesse retirando o mal do seu corpo. A cena durou cerca de uma hora. Depois, Maluaré disse para Manuel e para mim: “eu vou curar todas as crianças!”

Voltei para casa intrigada com tudo o que havia presenciado. Comecei a pensar na possibilidade de procurar entender o fenômeno apresentado por aquelas crianças. Surgiu, assim, a segunda pesquisa, utilizando a mesma

metodologia da primeira, com o título: “Alteração de comportamento entre crianças Karajá”.

O contato foi se intensificando cada vez mais, bem como o interesse pela investigação desse mundo e desse povo. A experiência dizia que era necessário e possível refletir e aprofundar o que já havia sido feito anteriormente. Valia a pena continuar perscrutando o povo Karajá e seu mundo. Nesse povo do Berohokÿ, apesar de os historiadores e estudiosos relatarem que há mais de 300 anos ele vem sofrendo as conseqüências do contato acumulado e destrutivo, encontramos a grandeza de uma história de luta do povo pela preservação de sua cultura, nas artes, nos mitos e ritos, na defesa de tudo o que lhes é mais sagrado, como o Berohokÿ, as crianças e a família.

No arquivo da prelazia de São Felix do Araguaia, existem inúmeras monografias e teses de doutorado e de mestrado envolvendo estudos com o povo Karajá, mas não encontrei nenhuma pesquisa na área da Psicologia. Há alguns anos, tive acesso à tese doutoral que o professor Rodolfo Petrelli, hoje meu orientador, fez em 1989, sobre grupos indígenas do centro-oeste brasileiro. Era uma investigação comparativa pelo Psicodiagnóstico de Rorschach (instrumento que também utilizei nas minhas pesquisas). Nesse estudo, Petrelli investiga os Xavante, os Karajá, os Krahô e os Uru Eu Wau Wau. Moradora de São Felix do Araguaia, quis aproveitar essa situação privilegiada para, de certa forma, dar continuidade ao estudo do professor Petrelli, mas direcionando-o ao povo Karajá.

Os dois primeiros trabalhos tiveram como objetivo avaliar a influência que o contato com a cultura branca dominante teve e tem sobre esse povo.

Agora, este trabalho tem como objetivo mergulhar na interioridade do povo Karajá e, DESVELAR, através das imagens, dos nomes e das falas, o seu mundo e sua subjetividade, valendo-me do Psicodiagnóstico de Rorschach, das histórias de vida de alguns Karajá e da escuta etnográfica.

POR QUÊ ESTUDAR ESTE POVO?

Em razão de algumas constatações a que fomos chegando, no decorrer destes anos:

- Os Karajá estão passando por uma profunda e dolorosa experiência de contato interétnico, acumulado ao longo dos séculos.
- A bebida alcoólica e a subnutrição, de uma maneira geral, estão minando o grupo.
- O processo de desestruturação social e cultural parece atingir arquétipos muito valorizados e igualmente sensíveis para o grupo, como o papel da família, do xamanismo e, principalmente, o lugar da criança na estrutura social.
- Outras categorias de pensamento não Karajá, como as de natureza religiosa e a intervenção da FUNAI em seu cotidiano, têm contribuído sobremaneira para um choque de valores.
- Os povos indígenas continuam sendo violentados em seus direitos em nome do “desenvolvimento”. É o caso da construção da hidrovía Araguaia-Tocantins e da estrada que cortará a Ilha do Bananal em relação aos Karajá.

- Os Karajá são alvo de preconceito nas escolas, no comércio e por parte da população em geral, em São Felix do Araguaia.

Por tudo isso, acreditamos que um trabalho interdisciplinar contribuiria, positivamente, com a luta desse povo. É o que propomos com esta pesquisa: um diálogo multidisciplinar que se some às outras vozes que se têm levantado a favor da questão indígena, como a do bispo e poeta Pedro Casaldáliga:

*“Mortos, ainda vivos:
Navegar é burlar a linha reta...
Canoas javaés, ganhai os furos!
Deuses um dia destas largas águas,
Sacerdotes da lua nas areias,
Juntai todos os remos FESTEIROS KARAJÁ,
Como outro braços,
Subversivos
Uníssonos
No ritmo,
Na procura
E ainda na impossível necessária arribada!”*

(Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, 2000: 95)

Este proclama, é sem dúvida, um convite à esperança, à luta pela sobrevivência dos Filhos do Berohokÿ e, certamente, é também a nossa causa. Aprendamos com esse povo a profunda experiência da relação com a natureza e com o meio ambiente, aquela atitude holística e integradora que estamos procurando recuperar, como bem diz o antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão, no já citado 5º Simpósio Ambientalista Brasileiro do Cerrado, quando proferiu a conferência “Outros olhares, outros afetos, outras idéias sobre as relações entre o homem e a natureza”:

“Já se acabaram os tempos que lá estava a ciência e aqui a religião. Aqui, a arte e lá a espiritualidade. Somos hoje chamados absolutamente a integrar tudo isso. A vida de fé, de trabalho como artista, como cientista, como pesquisador... Trata-se sem dúvida de um grande movimento de realizar as coisas que têm justamente um pé na ciência, um pé na política, um pé na arte, um pé na ética e um pé na espiritualidade. Re-encantar o mundo; re-encantar a própria vida. [...] Mas em termos da experiência do cotidiano redescobrir a maravilha do mundo em que vivemos... despertar para a fruição, para o imenso prazer que é viver o cotidiano desse mundo de maravilha...que não pensa que grandes desejos, grandes magias, aconteçam só nos livros de fadas. Eles estão à nossa volta, em cada cotidiano. A noite estrelada é ainda uma grande magia. [...] Nós precisamos nos reconciliar com o mundo natural”.

Nossa pesquisa está organizada em torno de alguns grupos de idéias e de conceitos:

- Em um primeiro momento será apresentado o que era “no princípio”, a “Terra sem males”, seguido de um breve histórico do contato dos povos autóctones com os europeus, invasores de suas terras, até nossos tempos, fechando com a “Terra dos males sem fim”.
- Em um segundo momento, o Povo Karajá:
 - Sua origem mítica
 - Seu espaço geográfico
 - Sua organização familiar
 - Dados populacionais
 - História do contato.
- No terceiro momento, para melhor compreensão do título e do método utilizados na pesquisa, apresentaremos uma breve descrição da

investigação qualitativa, da fenomenologia, do existencialismo e do Psicodiagnóstico de Rorschach.

- Em um quarto momento, apresentaremos a metodologia da pesquisa e a análise dos dados:
 - Procedimento e instrumento
 - Campo da pesquisa
 - Participantes
 - Recursos financeiros
 - Discussão e resultados, como também algumas histórias de vida e depoimentos colhidos durante o processo de investigação desse povo, fazendo uma correlação com as respostas dadas no Rorschach.

- Num quinto momento, apresentaremos as considerações finais e algumas propostas.

Com este estudo, queremos levar o leitor (leitora), o estudioso (estudiosa), a uma reflexão sobre as ações governamentais e da sociedade nacional, em relação a este povo. Oxalá aprendamos com eles a olhar para “o rio” e a ler seus sinais: *”Os índios percebem quando o rio está triste; quando está agitado; quando o rio está quieto. Tudo isso não passa despercebido pelos índios”* (Depoimento de Maluaré). A comunicação com os espíritos, o saber ler a/na natureza, o decifrar os sinais, é um outro tipo de conhecimento que

podemos aprender com eles. Assim, aprenderemos a respeitar sua cultura, seu povo. Não sei se responderemos às inquietações, às dúvidas mas, quem sabe, aprenderemos a estar abertos, sem prepotência, sem o falso rigor que a ciência, com seu poder, diz o que é científico ou não. Mas estar diante da beleza de sonhar e ver acontecer, todos em mutirão, construindo e aprendendo com a experiência vivida daqueles que, há milênios, conhecem a arte de se relacionar com a natureza e com o mundo ao seu redor.

Que aprendamos a respeitar esse e todos os povos, a preservar com eles essa cultura milenar, antes que seja tarde demais, como diz Frei Betto, na apresentação do livro “Ameríndia, morte e vida”:

“Causa espanto a sociedade de consumo transformar em moda a nostalgia dos dinossauros, extintos há 65 milhões de anos, da face da Terra, por causa da colisão de um asteróide com o nosso planeta. Temo que, no futuro, a nostalgia recaia sobre os índios, hoje em fase de progressivo extermínio por força do choque com nossa cultura de egoísmo e acumulação”. (BETTO in CASALDÁLIGA, 2000: 12)

1 NO PRINCÍPIO...

1.1 DA TERRA SEM MALES AOS MALES SEM FIM – A HISTÓRIA DO CONTATO

1.1.1 A terra sem males

Eu sou a América
sou o Povo da Terra,
da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,
o Povo das selvas,
o Povo dos Pampas,
o Povo do Mar



Eu tinha uma cultura de milênios
antiga como o sol,
como os montes e os rios
de grande Llakta-Mama².
Eu plantava os filhos e as palavras.
Eu plantava o milho e a mandioca.
Eu cantava com a língua das flautas.
Eu dançava, vestido de luar,
enfeitado de pássaros e palmas.
Eu era a cultura em harmonia
com a Mãe Natureza
Eu era a Paz comigo e com a Terra.

3

Eu conhecia o ouro, o diamante, a prata,
a nobre madeira das matas,
mas eram para mim os enfeites sagrados
do corpo da Terra Mãe.
Eu respeitava a Natureza
como se respeita a própria esposa

² Palavra quíchua que significa “mãe nutrícia”.

³ Foto de Rosa Gauditano.

Eu tinha meus pecados,
eu fiz as minhas guerras,
mas eu não conhecia
a Lei feita Mentira,
o Lucro feito Deus.

Meu tempo era o Dia e a Noite,
o Sol e a Lua,
as chuvas e os Ventos gerais,
meu tempo era o tempo, sem horas.

Eu vos dei a beleza do Mar e suas praias,
eu vos dei minha Terra e seus segredos,
os pássaros, os peixes, os animais amigos,
servidores.

Eu vivia na pura nudez,
brincando, plantando, amando.
gerando, nascendo, crescendo,
na pura nudez da vida.

Eu era a Liberdade
- não uma estátua apenas -
Moara⁴ em carne humana,
a Liberdade viva.
Eu era a dignidade,
sem medo e sem orgulho,
a Dignidade humana.

Eu adorava a Deus
Maíra em toda coisa,
Tupã de todo gesto,
Razão de toda hora

Eu conhecia a ciência
do Bem e do Mal primeiros.
A Vida era meu culto,
a Dança era o meu culto,
a terra era o meu culto,
a Morte era o meu culto,
eu era um culto vivo!

⁴ Variante de Maíra, grande entidade tupi.

Eu era a terra livre,
eu era a Água limpa,
eu era o Vento puro,
fecundos de abundância,
repletos de cantigas.

Eu fazia um caminho cada vez que passava.
Era a Terra o caminho
O caminho era o Homem.

Eu era a terra inteira,
eu era o Homem Livre.

Eu vivia embriagado de alegria
A aldeia era uma roda de amizade
Meus Chefes comandavam,
servidores do Povo,
com a sabedoria e o respeito
de quem se reconhece igual ao outro.

Eu vos dei
o milho da espiga apertada e repartida,
o bulbo generoso da mandioca,
o pão de cada dia,
o guaraná cheiroso da floresta,
o caldo assossegante do chimarrão do Sul.
O remédio da terra enfermeira,
a canoa, voadora nas águas.
O Pau-Brasil de fogo,
nome do coração do vosso País...

Eu era a Saúde dos olhos,
penetrantes como flechas.
dos ouvidos atentos,
dos músculos harmônicos,
da alma em sossego.

Eu era um Povo de milhões de vivos
de milhões de Gente Humana,
milhões de imagens vivas do Deus Vivo.

Eu era toda América
eu sou ainda América
eu sou a nova América!

(Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra,
"Ameríndia, Morte e Vida")

1.1.2 A história do contato

Assim era o povo e a terra que os europeus encontraram ao aportar no continente hoje denominado América. Cerca de 80 milhões de habitantes, falando duas mil línguas diferentes e constituindo culturas diversas, ocupavam e se espalhavam por estas terras. A realidade com que se depararam os encantou e surpreendeu como algo totalmente novo e inesperado.

No Brasil, quando a esquadra portuguesa chegou, a população de cinco a seis milhões de pessoas contrastava com os um milhão de habitantes de Portugal. Só o povo Tupinambá, que habitava o litoral, possuía este mesmo número de pessoas, espalhadas da foz do Amazonas à Lagoa dos Patos.

Foi com esse povo o primeiro encontro dos “visitantes” portugueses. E estes não encontraram apenas uma natureza rica, privilegiada e exuberante, uma espécie de paraíso. Conforme narra o antropólogo Mércio Pereira Gomes, em *Os índios e o Brasil*, os europeus encontraram também o “paraíso social” dos Tupinambá. Este era *“constituído por um sistema de igualdades econômicas, de liberdades pessoais amplas e de um controle de poder que permitia a todos, por idade ou por mérito, alcançar os seus graus mais elevados”* (GOMES, 1988: 40).

A estatura e porte físico dos autóctones foi outro fator a chamar a atenção dos europeus. Claude Lévi-Strauss, conhecido etnógrafo e um dos maiores cientistas sociais do século XX, emocionou-se, por ocasião de seu primeiro contato com os Bororo, já na década de 30, e assim os descreveu:

“Os Bororo são os índios mais altos e os mais corpulentos do Brasil. Sua cabeça redonda, sua face comprida com feições regulares e vigorosas, seus ombros de atleta lembram alguns tipos patagônicos aos quais talvez se deva vinculá-los do ponto de vista racial.” (LÉVI-STRAUSS, 1998: 203)

E ainda:

“A nudez dos habitantes parece protegida pelo veludo herbáceo das paredes e pela franja das folhas de palmeiras: eles se esgueiram para fora de suas casas como quem se despisse de gigantescos roupões de avestruz. Os corpos, jóias desses estojos de plumas, possuem formas depuradas e tonalidades realçadas pelo brilho das pinturas e das tintas, suportes – dir-se-ia – destinados a valorizar ornamentos mais esplêndidos: as pinceladas grandes e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às penas e às flores. Como se uma civilização inteira conspirasse numa idêntica ternura apaixonada pelas formas, as substâncias e as cores da vida; e que, a fim de reter em volta do corpo humano sua essência mais rica, apelasse – entre todas as suas produções – para as que são duráveis ou fugazes em extremo mas que, por um curioso encontro, são seus depositários privilegiados.” (LÉVI-STRAUSS, 1998: 203)

◆ Da surpresa à cobiça e à violência

Se os nossos índios conseguiram, por um lado, surpreender e encantar os europeus e até inspirar pensadores, romances e ensaios, por outro, aguçaram também a cobiça dos invasores que logo perceberam o potencial de exploração da “nova” terra.

A amistosa acolhida dos Tupinambá aos visitantes dava início a um contato que seria fatal a eles e aos demais povos autóctones. Os inúmeros relatos de historiadores e antropólogos registram a violenta conquista do continente.

No Brasil, de norte a sul, a começar do litoral, os invasores fizeram do contato experiência de morte e dominação. ALENCASTRE (1863: 16), em *Anais da Província de Goiás*, diz:

“A História do descobrimento e conquista do território, com a expulsão bárbara das tribos indígenas; a guerra contra os aborígenas, feita por meio de bandeiras e derramas, essa afanosa exploração de minas com suas inúmeras medidas agressivas, à força de serem fiscalizadores, essas leis do extremo rigor emanadas do soberano absoluto e postas em execução ainda mais rigorosamente pelos donatários, capitães-generais e seus prepostos, a fim de obstar o extravio do ouro e dos direitos senhoriais, nos dizem em linguagem eloqüente o que foi a política portuguesa, e como, exercida por tanto tempo e com tamanha perseverança, conseguiu obstar que capitânias cuidassem do próprio interesse seu.”

GOMES (1988) classifica o contato dos europeus em “guerras de extermínio”, “morte por epidemias”, “escravidão e servilismo” e “experiência religiosa”. Apresentando uma intensa biografia, o autor elenca as diversas formas de violência impetrada contra os primeiros habitantes deste país.

As “guerras de extermínio caracterizaram a colonização portuguesa do começo ao fim” (GOMES, 1988: 50). Seguiram-se a cada território descoberto a ser colonizado.

No território que hoje é o Piauí, Domingos Jorge Velho liderou o extermínio dos povos Gueguês, Acroás, Pimenteiras e Gamelas.

Na Bahia, Mém de Sá matou entre 15 a 30 mil Tupinambá. Outros 30 mil foram liquidados no Maranhão.

No Baixo Amazonas, Pe. Antônio Vieira *“acusa os portugueses de terem destruído dois milhões de índios em quatrocentas aldeias no período de 1616 a 1656”*

(GOMES, 1988: 49), quantidade considerada exagerada pelo autor, mas que bem demonstra a dimensão e o significado da mortandade.

Morte por epidemias – esta foi, talvez, a forma mais devastadora de dizimação dos povos autóctones. O contato com as doenças trazidas pelos europeus, como tuberculose, febre amarela e gripes, desencadeavam epidemias que se alastravam rapidamente, causando mortes em grande escala. Estarrecedoras aos nossos olhos, hoje, foram as epidemias provocadas que tinham como finalidade exterminar aldeias e povos. Aquilo que, em nossos dias, seria chamado de guerra bacteriológica, foi utilizada por portugueses e brasileiros:

”Sua primeira utilização conhecida no Brasil se deu em 1815, em Caxias, Maranhão, terra de Gonçalves Dias. Lá estava havendo uma epidemia de varíola quando um bando de índios Canelas Finas apareceu de visita. As autoridades lhes distribuíram brindes e roupas previamente contaminadas por doentes. Os índios pegaram a doença, e, dando-se conta do caráter do contágio, fugiram para os matos. Os sobreviventes contaminaram outros mais, e meses depois essa epidemia alcançava os índios já em Goiás.” (GOMES, 1988: 52)

O mesmo autor assim comenta a “escravidão”:

“Aos sobreviventes aprisionados das guerras não restava destino honroso. A escravidão pessoal ou uma servidão compulsória eram mais a regra do que a exceção, sobretudo nos tempos iniciais da colonização e antes da utilização em massa da escravidão dos negros africanos.” (GOMES, 1988: 52)

ALENCASTRE (1863: 145) dá notícia de que, na segunda metade do século XVIII, embora a lei “garanta” a liberdade dos índios, esta não era a prática: *“Esta expedição, que custou ao povo 8:000\$, não*

produziu outro fruto senão, diz o mesmo cronista, de alguns prisioneiros, que foram vendidos em proveito dos empregados da bandeira”.

Por fim, “**a experiência religiosa**”. Segundo GOMES (1988), a ação dos missionários em relação aos povos indígenas foi mais uma forma de violência. Ele cita LÉVI-STRAUSS (1998) que, em *Tristes Trópicos*, ao narrar sua experiência junto aos Bororo, diz terem os missionários empreendido “*o extermínio metódico da cultura indígena*” (1998:203). Trata-se da ação dos padres Salesianos que conseguiram

“modificar fundamentalmente a estrutura arquitetônica da aldeia Bororo, base de sua organização social e de sua filosofia para, assim, desintegrar o seu fulcro Cultural e abrir uma brecha para a penetração do novo pensamento religioso.”

Darci Ribeiro, citando Botelho de Magalhães, tem um texto que, além de confirmar a observação acima, mostra outras conseqüências da dominação dos missionários na sociedade e na cultura indígena:

“Em 1901, os salesianos tentariam novamente a catequese dos Bororo, desta vez junto aos grupos do rio das Garças. Para este fim, estabeleceram-se próximos da linha telegráfica que une Goiás a Cuiabá, atraindo grande número de índios para a nova missão que foi denominada Sagrado Coração. Quando visitada, em 1911, pelo gen. Rondon, que fora o primeiro a manter relações pacíficas com aqueles índios, sua situação não era muito superior à das colônias do alferes. Todo o antigo território dos Bororo do rio das Garças fora doado à missão e constituía um latifúndio, onde o índio vivia na condição de agregado. Ali também as crianças haviam sido tomadas aos pais e isoladas para receber educação especial, fora das influências gentílicas dos adultos. Os índios moravam em casas evidentemente inferiores àquelas que constroem em suas matas. A aldeia tradicional, de forma circular, em que a posição de cada casa obedece a princípios rigidamente estabelecidos, dera lugar a uma rancharia arruada onde era impossível operar antiga organização social bororo. Sob a direção dos missionários, os

Índios integravam-se na economia regional, produzindo nas roças da missão e sendo alugados aos fazendeiros vizinhos. (BOTELHO DE MAGALHÃES, 1942a *apud* RIBEIRO, 1996: 118-119)

Contudo, há que se reconhecer, ainda segundo GOMES (1988: 58-59), que a expulsão dos Jesuítas, em 1759, levou ao extermínio grande parte das aldeias que estavam sob seu controle, da Amazônia ao Rio Grande do Sul.

A essas diversas formas de violência, que tiveram início com os colonizadores, foram se acrescentando outras, sobretudo as decorrentes da interiorização do “progresso” e do “desenvolvimento”.

◆ Resistência

Muitos povos desapareceram, mas a resistência indígena teve algum resultado. Após séculos, nos quais a população autóctone vinha diminuindo sistematicamente, nos últimos 80 anos houve significativa recuperação, seja pela aquisição de anticorpos, seja pelo maior controle das epidemias.

A resistência, como movimento que sempre esteve presente, reagindo frente à violência do branco, foi-se tornando mais organizada. Em 1979, foi criada a União das Nações Indígenas (UNI) e outros grupos foram se unindo e formando a partir de objetivos comuns a serem defendidos. Já bem próximos de nós, podemos destacar dois momentos fortes de manifestação dos povos organizados: as comemorações oficiais da, assim chamada, “Descoberta da América”, em 1992, e dos “500 anos do Descobrimento do Brasil”, em 2000.

Para os povos indígenas, tratava-se de celebrar sua resistência à invasão e à violência sistematicamente praticada contra eles, e avançar nas conquistas, especialmente na demarcação e respeito às suas terras e na aprovação do Estatuto do Índio. Em 1998, em um encontro da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), nasceu a proposta de uma grande mobilização, a Marcha e Conferência Indígena a se realizar em 2000, em Porto Seguro, com o lema “Brasil 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular”. O brado de todos: “Brasil: outros 500”.

O confronto entre a celebração oficial do governo federal e a organizada pelos índios era inevitável. A mídia, presente para mostrar ao mundo a celebração oficial, acabou por mostrar, ao vivo, a velha agressão contra os povos indígenas perpetuando-se sobre os que estavam na Marcha, justamente para protestar contra a violência de que têm sido vítimas pelos invasores de suas terras. Quem não viu a violência da Polícia Militar agredindo os índios, que marchavam pacificamente, com bombas de gás, com cacetetes, com cães e cavalaria? Foi como se, diante de nossos olhos, em um só quadro, se condensasse toda a violência dos 500 anos. Enfim, depois de cinco séculos, os mesmos gestos de prepotência e desprezo!

Segundo o Censo Demográfico 2000, do IBGE, a População Indígena do Brasil é de 734.127 pessoas, distribuída em 794 terras, 235 povos e 180 línguas. Está presente em 24 unidades federativas. Em meio a muitas dificuldades, luta, ainda hoje, pelo direito à vida, isto é, a ter suas terras preservadas e demarcadas, sua cultura respeitada e garantido o acesso à educação e saúde. “*Segundo estudo*

do Instituto de Medicina Tropical de Manaus (dados de 1995), a expectativa de vida dos índios é de apenas 42,6 anos, em média” enquanto a do não índio brasileiro é de 67, segundo a OMS (cf. CIMI, *Povos indígenas*, site da Internet). O desafio dos povos indígenas, hoje, no Brasil, não é apenas desses povos autóctones. Ele é também desafio para todo aquele que deseja e quer construir um país melhor, para todos os brasileiros. Se é verdade que a elite brasileira mantém seus preconceitos em relação aos indígenas, é verdade também que, para muitos, esses povos e suas culturas representam valores perdidos por nossas “civilizações” que muito ganhariam com um projeto comum. GOMES (1988: 229) conclui seu livro com estas palavras:

“Podemos imaginar que ainda haverá florestas e rios indevassados pela ação humana, onde ainda se ande nu como quiser, se possa caçar pela manhã, pescar ao meio-dia, cuidar do gado ao entardecer e filosofar depois do jantar, e compartilhar de uma vida solidária e generosa. Todos nós.”

Seria a recuperação do “paraíso”, então encontrado, em 1500? Ou apenas a única chance dada à **vida**, no planeta, na concepção holística que a cada dia se firma?

1.1.3 A terra dos males sem fim

Caravelas do Lucro
Viemos navegando,
Para vender a Terra
Para explorar lucrando.

E nós te destruimos
Cheios de prepotência,
Negando a identidade
Dos Povos diferentes,
Todos Família Humana.

E nós te violamos,
Ao fio das espadas,
No fogo do arcabuz
Queimando teu sossego.
E nós te escravizamos
E nós te sepultamos
Nas fendas dos garimpos.



E dobramos o teu corpo
Sob os canaviais.
E te jogamos contra
As árvores amadas
Para cortar madeira
Cortando o teu espírito,
O cerne do teu Povo.

E nós te revestimos
Com roupas de malícia.
Violamos tuas filhas,
Te demos por Moral
A nossa Hipocrisia.

E nós te missionamos
Infiéis ao Evangelho,
Cravamos em tua vida
A espada de uma cruz
Sinos de Boa Nova
Num dobre de finados!

⁵ Mãe e filha Nambiquara na rodovia Cuiabá-Porto Velho. (Foto de Marcos Santilli)

E nós te dividimos
Em regras e em fronteiras.
A golpes de ganância
Retalhamos a Terra
Invadimos as roças,
Invadimos as tabas,
Invadimos o Homem.

E nós te reduzimos
Em Vitrina e Reserva
Em Parque zoológico,
Em Arquivo-poeira.

E nós te embriagamos
De cachaça e desprezo
Fizemos-te objeto
Do Turismo impudente.

E nós te mergulhamos
Nos vírus, nos bacilos,
Nas pestes importadas.
Teu povo reduzimos
A um Povo de doentes,
A um Povo de defuntos.



6

⁶ Sobrevivente Nambiquara, da Chapada dos Parecis (MT), por ocasião da construção da rodovia Cuiabá-Porto Velho, nos anos 70. (Foto de Vincent Carelli)

Jogamos tua Língua
Nas covas do silêncio,
E os teus Sobreviventes
À beira das estradas,
À beira dos viventes...
Mão-de-obra barata
Nas fazendas e usinas
Nos bordéis e nas fábricas:
Mendigos, periferias
Das cidades sem alma:
Restos do Continente
Da Grande Llakta-Mama.

(Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra.
"Ameríndia - Morte e Vida")

1.2 OS KARAJÁ – O POVO DO BEROHOKÿ

1.2.1 O mito de origem

Ao chegar ao continente “novo”, o europeu trouxe consigo a transformação espacial. No Brasil, os invasores empurraram, cada vez mais para o interior, os povos que aqui viviam. Os Karajá – sujeitos de nosso trabalho – não ficaram imunes a essa violência, mas sua mobilização sempre – ao que se tem notícia – teve como referência o “grande rio”, o “*Berohokÿ*” ou o Araguaia – rio manso e largo que passa por vários Estados, no Centro-Oeste, e, junto com o Tocantins, lança suas águas no Amazonas.

A palavra “*Karajá*” possui um duplo significado. Ela designa uma família lingüística do tronco Macro-Jê, bem como um dos subgrupos desta mesma família. A

família lingüística Karajá é formada pelos Xambioá, ou Karajá do norte, pelos Javaé e pelos Karajá. Cada uma tem suas peculiaridades e formas diferenciadas de falar, de acordo com o sexo do falante. Essas diferenças não chegam a caracterizar línguas diferentes; todos se entendem. Em algumas aldeias, como em Xambioá (TO) e em Aruanã (GO), devido ao processo de contato com a sociedade nacional, o português tem sido dominante (Manuel Lima Filho, site da Internet, p. 1).

Os Karajá, mesmo, não se chamam assim. O nome deste povo na própria língua é INY, ou seja, “NÓS”. O nome Karajá, não é a autodenominação original. É um nome Tupi que se aproxima do significado de “macaco grande”. As primeiras fontes dos séculos XVI e XVII, embora incertas, já apresentavam as grafias “Caraiaúnas” ou “carajaúna”. EHRENREICH, em 1888, propôs a grafia “carajahi”, mas KRAUSE, em 1908, desfaz as confusões de nomes e consagra a grafia KARAJÁ (Manuel Lima Filho, site da Internet, p. 1).

A origem mítica deste povo é o fundo das águas. LIMA FILHO (1994: 145), na análise comparativa de alguns mitos Karajá, chama a atenção para um deles que afirma que, antes de terem a forma humana, os Karajá eram os peixes aruanãs (LIMA FILHO, 1994: 145). Além de nome de peixe, “aruanã” é festa ritual, aruanã é dança e “Casa de Aruanã” é o espaço sagrado dos homens na aldeia.

O lugar de origem dos Karajá, seu ponto de partida, é identificado por eles como sendo o Araguaia, mais precisamente, o baixo Araguaia – próximo à sua foz, no Rio Tocantins, segundo TORAL (1992: 3). De acordo com o mesmo autor, fontes do final do século XVI e início do século XVII, já os descrevem no baixo e médio Araguaia.

As bandeiras paulistas, no século XVIII e a política de navegação do General Couto de Magalhães noticiam a presença dos Karajá nesse espaço geográfico. Por isso, os filhos do Araguaia não podiam mesmo resistir ao “terrível encanto” deste “rio” “Berohokÿ” – Rio de cantos... recantos... encantos! Suas praias contagiavam o nosso olhar à luz da imaginação. Estes são os povos do fundo das águas.

O povo Karajá tem sido um dos povos que mereceu a atenção de estudiosos. Grandes etnólogos, historiadores, pesquisadores, médicos e antropólogos têm escrito sobre seus costumes, descrito sua forma de viver e de se organizar. David Azoubel Neto, médico psiquiatra, psicanalista e pesquisador, rendeu-se também aos encantos desse povo, a partir do momento em que conheceu sua cerâmica figurativa. Em seu livro *Mito e psicanálise*, AZOUBEL NETO fala sobre o mito da origem Karajá. Ele conta que estava conversando na beira do Araguaia com Arutana, importante líder Karajá, quando lhe perguntou se ainda morava gente no fundo do rio, em uma alusão ao mito. A resposta que teve do velho Arutana deixou-o comovido, como ele mesmo diz. *“Ele falava-me do fundo do rio como se fosse o fundo do seu coração, do seu íntimo”* (AZOUBEL NETO, 1993: 9). Em relação ao mito, além desta importante fonte, AZOUBEL NETO cita outras duas: MACHADO (1947) e MIRANDA (1978). Preferimos citar o relato de AZOUBEL NETO:

“Num tempo imemorial, os índios Carajás viviam no fundo do rio Araguaia (designação dada ao grande rio que forma a ilha do Bananal, separando os estados de Goiás e do Mato Grosso do Norte, no Brasil Central e que na língua tupi significa rio das araras); para os índios Carajás, em sua língua, o Berohoky (isto é um rio de águas muito grandes) teria sido criado por Kanansiuê, o seu deus, o único que seria também capaz de explicar onde eles

teriam vindo e passado a morar e a viver no fundo do rio. Aí fundaram uma aldeia onde todos viviam muito pacificamente; nada lhes faltava; tinham comida em abundância, havia uma panela de barro para cada um e essa panela enchia-se novamente de comida sempre que alguém a esvaziava. Era Kanansiuê, na sua bondade infinita, quem provia para que nunca lhes faltasse o alimento. Por essa razão, eles eram todos, sem exceção, muito gordos e, na sua cerâmica figurativa, são, ainda hoje, representados freqüentemente através de figuras ventrudas e em geral com muita adiposidade nas nádegas e nas coxas, sobretudo as mulheres. Nesta aldeia do fundo do rio, ninguém tampouco morria; era somente nascer, crescer, engordar e reproduzir-se à vontade; não existiam doenças e eles não conheciam o sofrimento e a dor de qualquer espécie. Kanansiuê invisível, mas estava presente o tempo todo por meio de sua generosidade e magnanimidade; era o pai de todos os Inan, como eles chamavam-se a si próprios em sua língua e nenhum índio jamais ousara contrariar a sua vontade. A vida na aldeia desenrolava-se monotonamente; os mais jovens ficavam a maior parte do tempo sentados em volta de um índio mais velho que contava as estórias da tribo e, em todas, Kanansiuê era exaltado pelos seus feitos benevolentes. Praticamente, ninguém teria qualquer motivo para estar insatisfeito. Ainda assim, um índio chamado Kboí um dia começou a mostrar sinais de inquietação. Tinha ouvido falar que fora das águas, além das margens do grande rio, havia outras formas de vida, um mundo completamente diferente daquele que todos conheciam, com animais estranhos e uma vegetação abundante. Parece que a condição humana contém essa qualidade: mesmo nos estados de satisfação plena, surge algo que pressiona a ser no sentido de provocar mudanças, de procurar transformar a própria satisfação num estado de insatisfação. Aos poucos, o desejo de conhecer esse mundo novo e imaginário foi crescendo na mente de Kboí. Era, em parte, um produto das muitas estórias que ele ouvira dos mais velhos, desde pequeno, descrições fabulosas sobre um mundo estranho, de onde ninguém jamais retornara. Viu-se possuído pelo fantasma da curiosidade e a sua inquietação crescia cada vez mais, até tornar-se incontrolável. Os mais velhos e mais vividos, percebendo o perigo, trataram de persuadi-lo. Para que sair? Ele não tinha tudo quanto precisava no fundo do rio? Kanansiuê não era amigo de todos? Eram perguntas que o próprio Kboí não saberia responder; sentia avolumar-se a curiosidade como uma força irresistível. 'As coisas existem e são como são' – dissera-lhe certa vez um índio mais velho, bem mais velho. Na aldeia do fundo do rio ninguém sabia a idade de ninguém; e para que saber? Não havia razão alguma, aparentemente, para preocupar-se com essas coisas, de resto, absolutamente sem importância. Para que se preocupar com o tempo, quando ele não tinha lá grande utilidade? De qualquer modo, foram em vão todos os esforços para tentar dissuadir e desestimular Kboí. Ele permanecia em suas dúvidas, tendo

possivelmente conseguido introduzir entre os companheiros, na aldeia (pode ser que pela primeira vez), um incerto sentimento de mal-estar. Procurou um amigo e tratou de partilhar com ele os seus planos. U-ô-Ubêdo relutou um pouco, mas terminou por concordar em acompanhá-lo. E se nós dois morrermos? Perguntou-lhe. 'Eu não sei...' retrucou Kboí, 'Você não está cansado desta vida de nunca morrer... de nunca acontecer nada?'

Segundo a lenda, os dois amigos decidiram procurar a saída que dava acesso à superfície do rio. Tinham ouvido falar de um buraco, o ruê-Bêérokán, que era preciso achar para chegar à tona. Depois de uma busca prolongada, de uma longa e cansativa caminhada, conseguiram encontrá-lo, justo no local onde o rio era mais fundo e a água mais escura. Dizem que foi ao amanhecer. Kboí foi o primeiro a subir; queria ser o primeiro a sair. Pôs a cabeça para fora, olhou em redor, viu as margens, árvores grandes, de copas frondosas; havia algumas caídas, provavelmente tombadas pelo efeito das enchentes e da erosão; queria encontrar sinais de vida, dos animais fantásticos de que ouvira falar, mas não havia um só. Indagou-se sobre o que estaria acontecendo. Seriam verdadeiros os relatos que ouvira, ou Kanansiuê, para desanimá-los teria mandado que se escondessem? Sentiu-se intrigado com aquela ausência. Tentou sair, de uma vez, para a superfície, mas ele era muito gordo e a sua barriga não permitiu, mesmo forçando o corpo na passagem. Ficou meio do lado de fora e metade par dentro, tendo que ser ajudado por U-ô-Ubedô para retornar. Seu amigo era um pouco mais magro; experimentou a passagem, ajeitou-se e conseguiu. De pronto, viu-se nadando sobre as águas, o que era, para ele, uma sensação absolutamente nova e inusitada. Entusiasmado com o sucesso, dirigiu-se para uma das margens, pisou em terra firme e viu-se caminhando sobre os próprios pés com o ar batendo no corpo. Estava deslumbrado com o que via, porém não encontrou, como Kboí, qualquer vestígio de animais diferentes. Depois de andar durante algum tempo, sentiu fome; procurou a panela de barro e a encontrou cheia de comida, bem ao seu lado. Alimentou-se fartamente, como de hábito, e prosseguiu explorando aquele mundo novo e enigmático; era tudo diferente... Cada detalhe, cada árvore, arbusto, vegetação, tudo atraía a sua atenção. Mais tarde, quando voltou a sentir fome, procurou a panela, mas, dessa vez, não a encontrou. A princípio, pareceu não dar grande importância ao fato. Entretanto, a fome foi aumentando; começou a achar muito estranha aquela sensação nova e, pela primeira vez, sentiu, no estômago vazio, algo que poderia ser dor. Resolveu voltar. Kboí esperava-o ansioso para ouvir os detalhes de sua exploração. Contou-lhe tudo quanto vira; estava; contudo, fortemente impressionado com a ausência da panela de comida; pediu ao amigo que lhe trouxesse algo para comer, pois aquela sensação estava se tornando insuportável;

não sabia que era assim tão ruim. Tentou ultrapassar o buraco de volta, e, surpreendentemente, não o conseguiu. Isso era estranho e preocupante, porque o buraco permanecia igualmente aberto, e não dava para entender porque o acesso só poderia ser feito de dentro para fora, e não de fora para dentro. Os dois companheiros estavam aturdidos e começavam a acreditar nas estórias dos mais velhos: não haveria retorno para quem fosse à superfície. Sem saber o que fazer, Kboí decidiu voltar à aldeia no fundo do rio e consultar os anciãos da tribo para pedir-lhes conselhos. Rogou-lhes que interferissem junto a Kanansiuê. Estes o fizeram a contragosto, insistindo em advertir-lhes sobre as conseqüências de sua decisão. O deus, a essa altura, já estava irritado: concordou em deixá-los partir, porém deveriam ficar sabendo que, fora das águas, seus poderes eram muito limitados. Kboí era mesmo um obstinado; estava decidido a correr todos os riscos; para começar, submeteu-se a um rigoroso regime de emagrecimento, enquanto convencia outros índios a arriscarem a vida do lado de fora das águas. Terminou convencendo um grupo, que o seguiu ao encontro do amigo; este já os esperava impaciente. Atingiram a superfície, nadaram na direção da margem do rio e por ela caminhara até encontrar um barranco mais alto. Aí se fixaram, formando a primeira aldeia em terra firme.

Mas... fora do rio, a vida era muito difícil; eles tiveram que aprender a pescar e a caçar, precisavam saber quais as plantas que serviam para a sua alimentação, quais as que eram venenosas. Não tinham noção de como construir uma cabana. Ficaram, durante muito tempo, expostos às intempéries, não conseguindo adivinhar o que era bom e o que era mau. No fundo do rio era tudo igual, ninguém jamais tivera a menor necessidade de ficar sabendo dessas coisas. Logo, alguns índios começaram a adoecer e a morrer. Fazia-se necessária uma ajuda grande e urgente. Quando o seu desespero chegou a um ponto crítico, um dia Kanansiuê apareceu-lhes, conta a lenda, sob a forma de um índio alto e forte:

▪ *Então, os fugitivos dos meus domínios não sabem viver sem a minha proteção?*

▪ *Não somos fugitivos, respondeu-lhe o chefe, saímos com a tua permissão.*

▪ *Permiti porque fui obrigado pelo vosso desejo e nem mesmo um deus deverá matar, nos homens, os seus anseios de liberdade; mas isso me doeu muito, pois lá, no fundo das águas, eu vos dava tudo e vós recusastes as minhas dádivas.*

Ainda assim, o deus, magoado, consentiu em ajudá-los, e saiu em busca do Urubu-Rei, armando uma trama para atraí-lo e aprisioná-lo, obrigando-o a passar um dia na terra, entre os Inan, ensinando-lhes tudo quanto precisavam saber para poderem sobreviver fora das águas.” (AZOUBEL NETO, 1993: 65-68)

Ao perguntar pelos “moradores do fundo do rio”, o autor referia-se também à cosmovisão Karajá. Em seu universo mítico, eles se dividem em “Povo de Baixo”, ou *Iraru Mahãdu*, em “Povo de Cima”, ou *Ibòò Mahãdu* e “Povo do Meio”, ou *Ityka Mahãdu*. Esta mesma divisão estende-se à distribuição dos três subgrupos, no espaço geográfico, e à organização das casas nas aldeias. Nesta, as casas são dispostas aos pares, formando duas linhas paralelas ao rio, representando os “povos de baixo” na extremidade rio abaixo, os “de cima” na direção oposta e, no centro da aldeia os que vieram do céu.

1.2.2 Seu espaço geográfico

Hoje, a família lingüística está em quatro Estados da Federação: Pará, Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

O subgrupo maior, o dos Karajá, estende-se do município de Santana do Araguaia, no Pará, até Aruanã, em Goiás, concentrando-se, sobretudo, nas duas margens do Araguaia, entre a foz do Rio das Mortes, ao sul, e do Rio Tapirapé, ao norte (TORAL, 1992: 10). Estes são os *Ibòò Mahãdu*.

“Os Karajá têm o rio Araguaia como eixo de referência mitológica e social. O território do Grupo é definido por uma extensa faixa do vale do Rio Araguaia, inclusive a maior ilha fluvial do mundo, a do Bananal, que mede cerca de dois milhões de hectares. Suas 29 aldeias estão preferencialmente próximas aos lagos e afluentes do Rio Araguaia e do Rio Javaé, assim como no interior da ilha do Bananal. Cada aldeia estabelece um território específico de pesca, caça e práticas rituais, demarcando internamente espaços culturais conhecido por todo o grupo.

Isto mostra uma grande mobilidade dos Karajá que apresentam como uma de suas feições culturais a exploração dos

recursos alimentares do Rio Araguaia. Eles têm, ainda hoje, o costume de acampar com suas famílias em busca de melhores pontos de pesca de peixes e de tartarugas, nos lagos, nas praias e nos tributários do rio, onde no passado, faziam aldeias temporárias, inclusive com realizações de festas, na época da estiagem do Araguaia. Com a chegada das chuvas, mudavam-se para as aldeias construídas nos grandes barrancos, a salvo das subidas das águas, onde, em alguns lugares, ainda hoje fazem suas roças familiares e coletivas, locais de moradias e cemitérios.” (Manuel Lima Filho, site da Internet, p. 1)

A Aldeia de Santa Isabel do Morro não só é a maior, como também a mais importante, seja pela sua posição estratégica, seja pelo seu significado de referência cultural. Situada na região central da bacia do Araguaia, porta privilegiada para a penetração na Amazônia e no interior do Brasil, divide espaço com um destacamento da Aeronáutica (a única pista de pouso asfaltada até início 1977) e as ruínas de um antigo hospital da Força Aérea Brasileira (FAB) e de um famoso hotel, o JK – refúgio, hoje, de muitas famílias que estão tendo suas casas destruídas, formando uma outra aldeia. O antigo posto avançado da FAB, em Santa Isabel, propiciou aos Karajá importantes e diversificados contatos com lideranças de outros povos indígenas. Além disso, bem próximo, do outro lado do Araguaia, está o município de São Félix do Araguaia, com a Administração Regional do Araguaia – FUNAI.

Quanto à situação jurídica das terras do subgrupo Karajá, podemos relacionar:

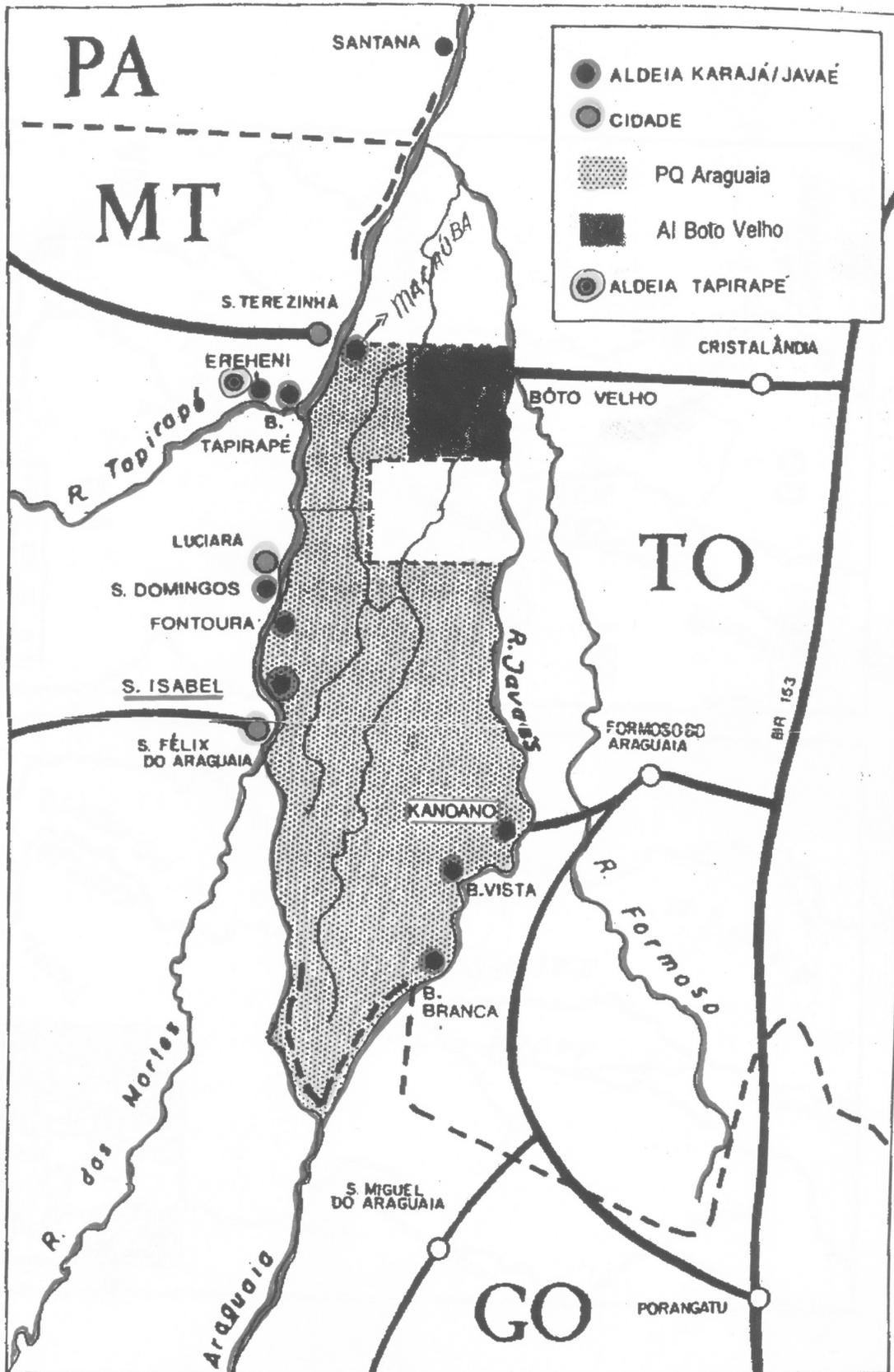
- *“Parque Indígena do Araguaia (ilha do Bananal) – área total de 1.358.499 hectares, demarcada, homologada e esperando registro (FUNAI, 1998).*
- *Karajá de Aruanã – Área I (GO) com 11 hectares, Área II (MT) com 769 hectares e Área III (GO) com 586 hectares, em processo de demarcação (Funai, 1998)*

- *São Domingos, com 5.705 hectares no município de Luciara, MT, homologada.*
- *Maramanduba, com 26 hectares, no município de Santana do Araguaia, Pa, em revisão.*
- *TI Tapirapé/Karajá, MT, homologada.” (LIMA FILHO, site da Internet, p. 1)*

As terras dos Karajá, como a dos demais povos indígenas, têm sido alvo de invasões de fazendeiros e criadores de gado. Nem mesmo a criação do Parque Nacional do Araguaia preservou as aldeias da exploração das terras. Em 1959 é criado o Parque Nacional do Araguaia, que abrange a Ilha do Bananal, mas apenas em 1971 é criado o Parque Indígena Araguaia, que assegura a terra dos Karajá e dos Javaé. No entanto, no traçado do Parque Indígena Araguaia, as várias aldeias da margem matogrossense não são incorporadas. Juridicamente, são terras Karajá a parte sul da Ilha do Bananal e duas pequenas reservas no Estado do Mato Grosso. Mas essas terras tem mais de 1.200 invasões de posseiros e fazendeiros que “arrendam” as pastagens naturais da Ilha por intermédio da FUNAI. (OPAN/CIMI. *Índios em Mato Grosso*, 1978: 157).

Atualmente, depois de muita luta, os Karajá conseguiram que os posseiros e fazendeiros se retirassem, com exceção de um, que, até bem pouco tempo, ainda permanecia na Ilha e se vangloriava disso.

A Aldeia Santa Isabel do Morro – *Hãwalo Mahãdu*, “povo do morro alto”, local de nossa pesquisa, está localizada na margem direita do Araguaia, na ilha do Bananal, TO, e é a maior e a mais importante dentre as aldeias do subgrupo Karajá. Da aldeia a São Felix do Araguaia – MT, cidade mais próxima, chega-se de canoa, em cerca de 15 minutos. (Ver mapa a seguir)



1.2.3 Dados populacionais

Não temos informações precisas, mais atuais, sobre a densidade demográfica das aldeias Karajá. Os dados populacionais deste povo são de 1997.

Como tem acontecido com outros povos indígenas, constata-se que, apesar das doenças e do contato com a sociedade nacional, essas populações têm aumentado.

Podemos observar o fato, na tabela abaixo, apresentada pelo antropólogo Manuel Lima Filho, sobre a População Karajá.

População Karajá					Fonte
Karajá	Javaé	Xambioá	Total	Ano	
----	----	----	7 a 8 mil	1775	FONSECA, 1920
815	----	----	----	1908	KRAUSE, 1908: 238
795	----	----	----	1939	LIPKIND, 1948: 180
1406	----	----	----	1980	TORAL, 1992: 27
1588	----	----	----	1990	TORAL 1992: 41
1900	750	250	2900	1995	ISA, 1996: VII
± 1500	± 841	202	± 2593	1997	BRAGGIO, 1997

O subgrupo Karajá é formado pela comunidade de Aruanã (GO) que tem, aproximadamente, 50 pessoas⁷ (dados mais recentes indicam que esta aldeia recebeu mais alguns Karajá motivados pela demarcação da terra, totalizando cerca de 70 pessoas), pelas aldeias Santa Isabel do Morro, Fontoura, Macaúba e São Raimundo,

⁷ Dados mais recentes indicam que esta aldeia recebeu mais alguns Karajá motivados pela demarcação da terra, totalizando cerca de 70 pessoas.

no oeste da ilha do Bananal, por aldeias menores como São Domingos e também duas aldeias pequenas próximas ao rio Tapirapé, além de pequenos grupos depois da ponta norte da ilha, totalizando em torno de 1.500 pessoas.

1.2.4 Sua organização familiar

A organização familiar, é a chave de sua organização social. Assim, o antropólogo TORAL (1992: 58) refere-se à questão:

“Todos os Karajá se ligam de maneira bastante forte à família extensa da qual faz parte. Essas, por sua vez, têm considerável potencial de separação em relação à comunidade onde vivem. Essas famílias extensas fazem parte de parentelas maiores e articuladas em facções, procedem a um mutável jogo de alianças cuja consequência mais visível é o deslocamento periódico de parte da população de uma comunidade a outra com o estabelecimento de novas aldeias.

A família extensa é a unidade social e política básica e mínima, podendo viver como um grupo autônomo ou associado a outras famílias ou aldeias. Nesta estrutura o casamento é aquele arranjado pelas avós dos nubentes, preferencialmente da mesma aldeia, quando os jovens estão aptos a ter relações sexuais. Porém, o casamento mais comum é a simples ida do rapaz para a casa da moça, o que pode ser precipitado se algum parente masculino, da parte dela, surpreender algum encontro do casal às escondidas. O homem, uma vez casado passa morar na casa da mãe da esposa, seguindo a regra matrilocal. Quando a família se torna numerosa, o casal faz uma casa própria, mas anexa àquela de onde saiu, caracterizando espacialmente a família extensa. Assim a mulher mais velha assume um papel central na unidade doméstica, enquanto o homem, com a idade, vai perdendo o prestígio político na praça dos homens, mas se tornando, em compensação, referência de poder espiritual, normalmente exercendo atividades xamanísticas.” (TORAL, 1992: 52)

É difícil a convivência política, em aldeias grandes, com mais de uma família extensa. É o caso da Santa Isabel, onde três famílias dividem o espaço e a liderança: as famílias do Watau, de Maluaré e de Arutana. O jogo político do poder, associado hoje a formas de organização impostas pela nossa cultura, leva ao aumento de situações de tensões e conflito.

Nesses casos, um dos grupos se muda e constitui uma nova aldeia. Esse processo de auto-defesa social passou, recentemente, por um momento crítico. A proximidade da cidade com o que ela tem a “oferecer” parece exercer uma força grande de atração que neutraliza o instrumento anterior de deslocamento das tensões. Foi um pouco o que se percebeu na Aldeia *Hāwalo Mahādu*, para os Karajá, em 1997, ano em que foi assolada por uma série de casos de “loucura” entre crianças, fato inédito na cultura deste povo. O grupo de estudo criado pela FUNAI, composto por médico, psicóloga, enfermeira e antropólogo, entre outros, todos profissionais com contato na área, pôde constatar que a luta pela liderança na aldeia era um dos fatores preponderantes para o surgimento do fenômeno.

Entre os homens e as mulheres Karajá, estabelece-se uma grande divisão social em que o gênero define socialmente os papéis de uns e outras, previstos nos mitos.

“Aos homens cabem a defesa do território, a abertura das roças, as pescarias familiares ou coletivas, as construções das casas de moradia, as discussões políticas formalizadas na Casa de Aruanã ou praça dos homens, a negociação com a sociedade nacional e a condução das principais atividades rituais, já que eles equivalem simbolicamente à importante categoria dos mortos.”

As mulheres são responsáveis pela educação dos filhos até a idade da iniciação para os meninos e de modo permanente para as meninas, pelos afazeres domésticos, como cozinhar, colher produtos da roça, pelo cuidado com o casamento dos filhos, normalmente gerenciado pelas avós, pela confecção das bonecas de cerâmica, que se tornaram uma importante renda familiar fomentada pelo contato, além da pintura e ornamentação das crianças, das moças e dos homens para os rituais do grupo. No plano ritual, elas são responsáveis pelo preparo dos alimentos das principais festas e pela memória afetiva da aldeia, que é expressa por meio de choros rituais, de modo especial quando alguém fica doente ou morre.” (Manuel Lima Filho, site da Internet, p. 4)

Entre os arquétipos muito valorizados pelos Karajá, está o lugar da criança na estrutura cosmo-social. Isto é percebido na convivência com o grupo, na forma como as crianças são tratadas e também no seu mundo simbólico. Alguns elementos ilustram esta percepção:

- O ritual mais importante desse grupo é a festa de iniciação dos meninos, o *Hetohokÿ*.
- A designação do homem Karajá muda com o nascimento do primeiro filho: de *hãbu* (homem casado) passa a ser chamado *habu ijoityhy*, ou seja, pai de seu filho. Com a chegada do primeiro neto passa a ser *uladu labie*, “avô de criança”.
- As crianças têm muita autonomia na família. Desde cedo, cuidam e são responsáveis, agindo como donos de fato de seus pertences, como brinquedos, cachorros, roupas e até árvore frutífera dada por algum parente.
- A chefia mais importante entre os Karajá, indicada com o nome de *lòlò*, pode ser dada a uma criança pequena, do sexo feminino ou masculino. Em 1998, por ocasião de um *Hetohokÿ*, presenciei uma criança de três anos, neto de Maluaré, exercendo a função ritual que o nome confere.

Até os 12 anos, os meninos estão totalmente ligados à mãe e à avó. O povo Karajá é um povo Matrilinear. LIMA FILHO (1994), no capítulo “A família e o grupo doméstico”, diz que *“As avós têm uma ligação muito forte com os netos porque a avó é mais querida (a mãe da mãe) torna-se uma interlocutora da menina e principalmente da moça após a primeira menstruação”* (LIMA FILHO, 1994: 122).

Em relação aos filhos homens, é a mãe quem estabelece uma forte e complexa relação, mesmo depois de casados, com filhos e netos. É uma relação tão forte que, se o Hetohokÿ não rompe de uma vez, no mínimo faz com que o grupo se manifeste, ritual e socialmente, no sentido de atenuá-lo, indicando ao menino novos papéis a desempenhar em nível grupal.

Povo alegre, de desenvolvida sensibilidade artística, possui uma base sociológica instável, bastante vulnerável ao contato. *“Sobre este terreno precário os Karajá construíram um sistema ritual elaborado”* (TORAL, 1992: 273), capaz de articular os grupos locais e a totalidade de comunidades tanto Karajá quanto Javaé. Povo de importantes líderes, homens carismáticos que marcaram sua história e de mulheres laboriosas, grandes artesãs, comerciantes convincentes, peças fundamentais na economia familiar de Santa Isabel, os Karajá, como os outros povos indígenas, não podem dizer que vivem um bom momento. Um dos principais desafios a ser enfrentado é o da sobrevivência econômica independente dos órgãos públicos. A articulação entre a antiga economia de subsistência e a de mercado, da sociedade envolvente, não foi ainda alcançada. O potencial artístico e a capacidade intelectual de homens e mulheres Karajá estão em busca de um projeto que possibilite a recuperação de sua dignidade como povo e sua contribuição para a constituição de uma nação pluricultural e pluriétnica.

1.4 HISTÓRIA DO CONTATO

Estudos históricos informam que os Karajá estiveram em disputas indígenas com os Kaiapó, os Xavante, os Xerente, os Ava-Canoeiros e, menos freqüentes, com os Bororo e Apinayé, no intuito de salvaguardar seu território. Como resultado desse contato, houve a troca de práticas culturais entre os Karajá, os Tapirapé e os Xikrin (Kaiapó).

Com relação ao contato com a sociedade nacional, as informações históricas dizem que a primeira frente de contato foram as missões Jesuítas da província do Pará, assinalando a presença do Padre Tomé Ribeiro em 1658, que se encontrou com os Karajá do baixo Araguaia, provavelmente os Xambioá ou Karajá do norte. A segunda frente de contato foram as “bandeiras”. Após dizimarem os povos do litoral, as “bandeiras” paulistas penetraram Brasil adentro, valendo-se de suas artérias, os rios. Foi a vez das nações do Brasil central, a vez dos Karajá.

Nas primeiras décadas do século XVIII, o sertanista Antonio Pires de Campos fez guerra e aprisionou índios Karajá da Ilha do Bananal. Mas, já no século XVII, os colonizadores que utilizavam o rio Araguaia como rota de penetração do Brasil central já tinham conhecimento desse povo.

No final do século XVIII, no governo do capitão General José de Almeida Vasconcelos (PEDROSO, 1994: 26), expediram-se quatro bandeiras que tinham o objetivo de tentar novas descobertas auríferas, baseadas nos antigos roteiros, e também estabelecer contatos com índios que porventura encontrassem. A expedição partiu do Arraial de Traíras em direção ao Araguaia, apenas encontrando índios Karajá e Javaé na ponta meridional da ilha do Bananal.

Em 1775, José de Vasconcelos mandou uma nova expedição para a ilha do Bananal, chefiada pelo alferes José Pinto da Fonseca que constatou ser a nação Karajá a mais numerosa do Araguaia, com seis aldeias, sendo a principal denominada São Pedro pelos expedicionários, e informou ainda a presença dos Javaé, com três aldeias.

O governo, entusiasmado com o sucesso da expedição, enviou outra, no ano seguinte, com 135 homens, para fundar o presídio São Pedro do Sul e o Aldeamento Nova Beira, com a intenção de acolher índios Karajá e Javaé. Este aldeamento teve curta duração, pois o governo que sucedeu a José de Almeida Vasconcelos, o capitão General Luiz da Cunha Meneses, transferiu os 800 indígenas que lá estavam para São José de Mossâmedes. Esta mudança provocou declínio do aldeamento e a extinção do presídio São Pedro do Sul, retardando, assim, a colonização da região do Araguaia.

No século XIX, o governo colonial procurou incentivar a ocupação das margens do Araguaia e Tocantins. Visando a apoiar a navegação, o governador da capitania fundou o presídio de Santa Maria, localizado nas proximidades da cachoeira do mesmo nome. No ano seguinte, temendo ser escravizados, os Karajá formaram uma coligação, unindo-se aos Xavante, Xerente e Karajaí (PEDROSO, 1994: 26). Juntos, destruíram o presídio e expulsaram os colonizadores.

Os Karajá habitavam, então, ambas as margens do rio Araguaia, desde a foz do rio Crixás até a boca ou furo, abaixo da ilha do Bananal. Há referências dos índios Karajá habitando o ponto meridional da grande ilha nas proximidades de Salinas e à margem esquerda do Araguaia. Os Javaé viviam na ilha do Bananal e suas aldeias

ficavam na parte ocidental do furo do Bananal. Os Xambioá, por sua vez, foram encontrados na região da cachoeira de Santa Maria, mais abaixo.

Em 1855, o presidente da Província informou que nas margens do Araguaia existiam 14 aldeias Karajá. Vinte e quatro anos depois, um relatório do engenheiro Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim enumerou 18 aldeias Karajá, do braço esquerdo da Ilha do Bananal, até o presídio de Santa Maria.

Ao longo do século XIX, a ocupação colonizadora só fez expandir seus domínios, em virtude dos programas governamentais para a navegação e colonização da região do Araguaia. Foram fundados presídios e colônias militares, além de aldeamento para “civilização” e catequese indígenas. Aos poucos, os Karajá aceitaram o contato e se estabeleceram em povoações colonizadoras, como os aldeamentos de Salinas e São Joaquim do Jamimbu, tendo sido utilizados como mão-de-obra para a navegação.

Esse povo, que havia séculos ocupava esta região, desenvolveu um modo de vida adaptado ao rio, provavelmente, desde tempos pré-históricos, segundo PEDROSO (1994: 27).

Além disso, os Karajá, em contato com os colonizadores, eram requisitados para comporem bandeiras de “pacificação” dos índios Xavante na região de Salinas e dos Avá-Canoeiros no Araguaia.

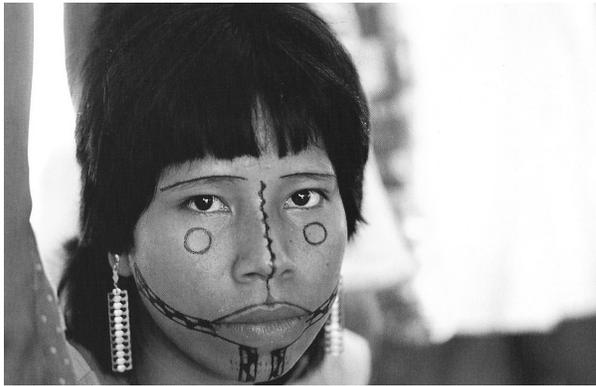
Coudreau, que viajou através do rio Araguaia em 1897, observou o estado de miséria e mendicância em que se encontravam os Karajá nas povoações ribeirinhas. Esta informação revela o contato colonizador com o povo Karajá, documentando a forma cruel e devastadora da passagem dos bandeirantes.

Na luta para preservar sua cultura e sobreviver com dignidade, o povo Karajá enfrenta hoje alguns velhos desafios como o alcoolismo e suas conseqüências, tuberculose, desnutrição, mendicância, agressividade e morte e a ação de algumas Igrejas que se contrapõem a seus costumes, tradições e cultura. Darcy Ribeiro (1996: 92), em *Os índios e a civilização*, ao falar das incursões “civilizatórias” dos não-índios junto aos Karajá, resume com esta frase o que restou do contato:

“Ao findar o século, os Karajá haviam voltado à vida antiga, em suas praias desertas ou só raramente visitadas por civilizados. Porém, algumas aquisições da civilização já provocavam profundas mudanças em sua vida, como o hábito de tomar cachaça e a contingência de sofrer doenças antes desconhecidas.”

O dossiê da Operação Anchieta (OPAN/Conselho Indigenista Missionário (CIMI do Mato Grosso), *Índios em Mato Grosso*, publicado em 1987, mostrava uma preocupação: *“As terras karajá também estão ameaçadas pela implantação de uma destilaria de álcool, através do programa Pró-álcool, nas cabeceiras do Tapirapé”* (1987: 157). Atualmente, os Karajá se deparam com outras grandes ameaças, criadas pelo governo Fernando Henrique Cardoso, em nome do progresso e do desenvolvimento, que é a construção da Hidrovia Araguaia-Tocantins, e a Estrada da Ilha. Esta é, sem dúvida, uma das maiores violências destes tempos que se faz a uma dezena de povos indígenas e à população ribeirinha de quatro estados da Federação. Para os Karajá, que têm suas aldeias localizadas às margens do Araguaia, a ameaça é grave. As obras irão tocar o seu território sagrado, seu lugar de origem – o fundo do rio, Berohokÿ, lugar onde vivem seus antepassados e de onde retiram sua sobrevivência.

Mortos, ainda vivos
Escutai o proclama!
É tempo de Paixão,
Na Liturgia,
Na Terra violentada,
Na luta, na agonia destes Povos primeiros,
Na teimosia incerteza deste meu povo
sempre preterido...



8

Mortos, ainda vivos:
Navegar é burlar a linha reta...
Canoas Javaé, ganhai os furos!
Deuses um dia destas largas águas,
Juntai todos os remos, festeiros KARAJÁ,
Como outros braços,
Subversivos
Uníssonos

No ritmo,
Na procura
E ainda na impossível necessária arribata!
(Ilha do Bananal, parque apenas de
impostos!)

(Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra.
"Ameríndia, Morte e Vida")

⁸ Foto de Rosa Gauditano.

2 CONSTRUINDO UM PENSAMENTO METODOLÓGICO QUALITATIVO, NA TRÍADE DA FENOMENOLOGIA, DO EXISTENCIALISMO E DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

2.1 BUSCANDO O INSTRUMENTO CIENTÍFICO CAPAZ DE RETRATAR A EXPERIÊNCIA VIVIDA

Nossas escolas têm se dedicado a ensinar o conhecimento científico, e todos os esforços têm sido feitos para que isso aconteça de forma competente. Isso é muito bom.

A ciência é um meio indispensável para que os sonhos sejam realizados. Sem a ciência não se pode nem plantar nem cuidar do jardim. Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejarem plantar jardins. Ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, poder de criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo.
(Rubem Alves, 1999: 26)

Deparo-me com a realidade de estar escrevendo sobre a experiência vivida, no sentido de despertar, em cada um de nós, a alegria e a beleza de sonhar, de “gerar desejos”, de lutar por um mundo melhor, mais humano e solidário, onde a educação, a arte e a cultura procuram confluír no campo da pesquisa e da investigação, sem prepotência, mas com a humildade de quem está aberto para o novo, na busca do conhecimento do ser-no-mundo. Povoá meu

pensamento e a minha percepção a dúvida, o entendimento, a busca do encontro entre o dado e seu significado... São revelações advindas do contato com o objeto de investigação que, como diz Rubem Alves, são capazes de “gerar sonhos”, tornar a pesquisa realidade.

Enquanto contemplamos, também investigamos, e assim vamos construindo um corpo teórico, permeado de *“sonhos e beleza, que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo”* (ALVES, 1999: 26).

Investigar um povo milenar que, durante séculos, vem sendo estudado por antropólogos, etnólogos, médicos e tantos outros, é sempre um desafio, mas compensador e gratificante. Diante de tantos conhecimentos “adquiridos”, de tantos trabalhos já realizados com este povo, perguntamos se ainda há algo a ser dito, se é possível fazer investigações num trabalho interdisciplinar, uma psicoetnografia, aberta à questão indígena. Acreditamos que sim, e é isto que nos propomos. Para levar o tema nesta direção, é possível e é preciso transversalizar os múltiplos canais de informação e de investigação para que os caminhos não sejam falhos e perversos. É necessário que o pesquisador seja alguém disposto a pensar, a descobrir seus próprios caminhos, testando, avançando, recuando, ensaiando, corrigindo-se. Assim, vamos aprendendo e contribuindo na construção de novos conhecimentos.

Para que este trabalho seja fiel ao tema e possibilite o acesso à cosmovisão Karajá, desvelado através das imagens, dos nomes e das falas, servimo-nos do método qualitativo de investigação científica, alicerçado nos pilares

da fenomenologia, do existencialismo e do Psicodiagnóstico de Rorschach humanizado, como instrumento mobilizador da psique e da alma do sujeito.

Estamos iniciando um século, em uma sociedade globalizada e impregnada de fenômenos que desumanizam e coisificam o ser humano. A forma de pensar hegemônica é excludente, privilegia o individualismo, a descrença em valores éticos, o consumismo exacerbado, a ausência da solidariedade, a valorização do ter em relação ao ser, a competitividade destrutiva, a ganância, a intolerância e o autoritarismo. Parece curiosamente paradoxal que os governos, em sua maioria considerados democráticos, nos quais os direitos humanos são consensuais, a tortura, o racismo e o preconceito condenados ignorem, na prática, direitos milenares, muitas vezes até reconhecidos no “papel”. Assim vemos em relação aos nossos povos indígenas. Aqui, bem perto de nós, a prepotência, o preconceito, o genocídio do passado e do presente, armados com fogo, mercúrio ou leis que privam os índios do sagrado direito à vida, à terra e à sua cultura. A violência que abriu feridas, no corpo e na alma, desafia os séculos e permanece lembrando a dor ancestral de tantos povos massacrados em nome do chamado desenvolvimento.

Não somos poetas nem artistas, mas somos capazes de, no âmago da dor e do drama desses povos, ter atitudes de empatia, de inclusão, de proximidade à sua luta e à sua causa. Somos capazes de sonhar com eles “sonhos de beleza”, os “sonhos com poder de transformar” povos agredidos e submetidos em povos respeitados e soberanos.

“[...] E nisso eu fui empurrado pela bomba e eu caí no chão, sem defesa nenhuma, sem agressão nenhuma, eu tentei levantar e fui pisoteado pelo batalhão. Senti como se fosse animal depois. Eu chorei, eu não agüentei ver em mim um índio pisado, pisado no começo de uma nova era dos 500 anos. Eu chorei, chorei me perguntando, o que eles estavam fazendo. É doído, é doído em mim. É doído ver meu povo triste, de longe de todo o Brasil, foi para protestar com paz.”
(Depoimento de Gildo Terena, in *Marcha e Conferência Indígena*, Conselho Indigenista Missionário, abril de 2000: 101)

Trazemos parte do depoimento e da agressão sofrida por Gildo Terena para ilustrar, ou, melhor dizendo, para mostrar o paradoxo do mundo em que vivemos. A dor, o prazer, os sonhos, fazem parte de nossa realidade, do mundo que está aí. Fazem parte também do mundo Karajá.



Já dizia Rubem Alves que prazer “*é uma experiência qualitativa*”. Não pode ser medida. Não há receitas para sua repetição. Cada vez é única e irrepetível.

A dor de Gildo Terena sendo pisoteado pela polícia é uma experiência qualitativa, não pode ser quantificada, mensurada. Os fenômenos colhidos pelas imagens, pelos nomes, pelas falas que desvelam um mundo desconhecido de um povo e de uma cultura, não podem ser medidos na profundidade e na extensão das experiências vividas. Só com um olhar fenomenológico existencial seremos capazes de captar sua essência, seu valor, sua dimensão, seu significado.

No livro de Egberto Ribeiro Turato, Rubem Alves escreve “*à guisa de um postscriptum humorístico*“, respondendo à pergunta “*o que é Científico?*”. No decorrer do artigo, fazendo uma correlação entre quantitativo e qualitativo, ele diz: “*os cientistas, ao fazer ciência, não são movidos por razões quantitativas, científicas. São movidos por curiosidade, prazer, inveja, competição, narcisismo, ambição profissional, dinheiro, fama, autoritarismo*” (TURATO, 2004: 611). Na verdade, o que move os homens e os faz agir é sempre o qualitativo.

Entendemos que, neste trabalho, devemos apresentar uma discussão crítica, pessoal, de tudo o que foi colhido e organizado, dentro da metodologia, das técnicas e das referências bibliográficas, do tema e do problema levantado,

⁹ Foto de Gildo Terena, 22 de abril de 2000. Fotógrafos: Diego Pelizzari, Edson Caetano, Egon Heck, Fernando López, Francisca Picanço, Ivo Souza, J. Rosha, Rosa, Gauditano, Terezinha Weber, Danielle.

respondendo honestamente às indagações que podem ser feitas e, muitas vezes, não as respondendo, porque todo conhecimento vem sendo construído.

A história de contato do povo Karajá com a cultura branca dominante se fez há mais de 300 anos. Nesses séculos, eles sofreram os massacres, as doenças, as conseqüências das bebidas alcoólicas, enfim, todos os males que a nossa cultura introjetou. Mas eles sobreviveram, resistiram. Conservam ainda seus mitos e ritos. Objetivando a essência desses fenômenos, aplicando o método fenomenológico, certamente colheremos um pouco da rica experiência vivida dos participantes desta pesquisa.

2.2 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

O contato com esse povo foi sendo construído através de encontros, e, nesses encontros, aconteceram as conversas, que foram fluindo com imagens e símbolos, extraídos, revelados e desvelados por falas, vozes, gestos, formas e costumes de uma cultura milenar. O desvelamento foi acontecendo num processo revelador da essência cultural, das experiências vividas e da relação com o mundo, a natureza e o outro.

Para melhor compreensão desses fenômenos do mundo Karajá, utilizamos o método fenomenológico. Pois, quando estudamos o ser humano não podemos nos amarrar a variáveis definidas, empobrecedoras, a preconceitos

teóricos dogmáticamente postos, mas devemos manter-nos abertas para sua complexidade.

Acreditamos que este método possibilitar-nos-á a compreensão dos fenômenos dos eventos, chegando à intuição das essências, da singularidade de um povo e de cada pessoa, sobretudo, entrando neste mundo intencionando a essência da cultura de um povo. Poderíamos dizer que estamos diante de uma obra, na qual vamos, aos poucos, desvelando seu valor, sua origem, sua história, seu significado, com um olhar ampliado, rumo ao fenômeno que está aí... em atitude de quem faz uma antropologia existencial. Como diz BICUDO (2000: 74):

O investigador que opta pela fenomenologia

“trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem, e trabalha também com o significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem.”

Fomos introduzidas no método fenomenológico pelo Prof. Petrelli. É sua experiência, seu pensamento, que registramos em diversas ocasiões, e agora nos servimos desses registros para expor a compreensão que temos do método fenomenológico.

Podemos dizer que a fenomenologia não é uma teoria em
Psicologia.

“A fenomenologia é o método específico – eletivo para fenômenos... da consciência, da subjetividade, da cultura, que Binswanger denomina como ‘eventos do espírito’. É um método que disciplina o uso das teorias na compreensão de um ‘fenômeno’. É uma exigência de ‘reter’, ‘suspender’, teorias, dogmas e preconceitos, tanto subjetivos quanto culturais.” (PETRELLI, supervisão de Mestrado, 2004)

A fenomenologia é uma disciplina para o uso das teorias. Uma teoria do conhecimento, especialmente, que tem como objeto fatos, eventos. Eventos, por exemplo, que pertencem à experiência do sujeito, eventos que se constituem modos culturais, eventos da cultura, eventos da intencionalidade. A fenomenologia apresenta-se como método prioritário, eletivo, dos eventos do espírito. Pode-se definir a fenomenologia como *“ciência dos eventos do Espírito”*. É chamada de ciência das “essências universais”. Ciência dos fenômenos da consciência, ciência da experiência da subjetividade. Ciência de eventos complexos, pois, o comportamento humano é um evento complexo, que postula, exige uma sintonia de abordagens tanto teóricas quanto metodológicas. Exige uma interdisciplinaridade, e também uma experiência do fenômeno quando se aplica a investigações experienciais e comportamentais do indivíduo e do grupo.

O importante é traduzir, operacionalmente, os postulados da fenomenologia quando a mesma fala da redução e do método fenomenológico. É o que aqui vamos tentar fazer neste trabalho. Claro que a fenomenologia, como ciência do espírito, privilegia métodos qualitativos sem, contudo, recusar os fenômenos quantitativos, como, por exemplo, frequência, relações de porcentagem, coeficientes etc. Estes se tornam essências e indicadores do espírito, quando aplicados a seres humanos.

Por último, a fenomenologia, integrando HURSSSEL e HEIDEGGER (*apud* REZENDE, 1990), integra, combina, descobre, desvela, e, no mesmo evento, fenômenos, tanto em seu significado universal quanto em seus significados singulares. Nesse sentido, a fenomenologia é uma ciência holística, uma ciência que enfrenta a totalidade, a universalidade a singularidade dos fatos e dos eventos. Segundo TURATO (2003: 192), uma “definição detalhada” de métodos qualitativos, segundo MORSE & FIELD (*in* TURATO, 2003: 192), deve incluir estas características:

“Métodos de pesquisa indutivos, holísticos, êmicos, subjetivos e orientados para o processo, usados para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a fenômenos ou a setting”.

Vamos trazer alguns aspectos e conceitos da fenomenologia e do método fenomenológico, partindo de alguns teóricos.

A Fenomenologia, o que é

O termo *fenomenologia* foi criado por Johann Lambert, no século XVIII, “*para designar o estudo descritivo do fenômeno, tal como se apresenta à nossa consciência*” (JAPIASSU & MARCONDES, 1996: 101).

No século seguinte, reaparece a partir das análises de BRETANO sobre a intencionalidade da consciência humana, que trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção.

Mas é com Edmund Husserl, com a publicação da obra *Investigações lógicas* que a fenomenologia se firma como uma nova ciência:

“Uma nova ciência fundamental, a Fenomenologia pura, desenvolveu-se dentro da Filosofia. Esta é uma ciência de um tipo inteiramente novo: sem fim. Não é inferior em rigor a nenhuma das ciências modernas. Todos os ramos da Filosofia têm raízes na Fenomenologia pura, através de cujo desenvolvimento, e apenas através dele, eles obtêm sua própria força.” (*HUSSERL, na aula inicial em Freiburg, 1917, apud MOREIRA, 2002: 62*)

A fenomenologia nasce como um questionamento ao modo científico de pensar: uma crítica à postura epistemológica que fundamenta a técnica moderna de conhecimento fundamentado nas ciências naturais. BINSWANGER (1970: 14), ao defender a nova ciência e propugnar a utilização do método fenomenológico pela psiquiatria, diz:

“nas ciências naturais tudo procede, tudo se constrói a partir da percepção sensível, externa ou interna; na fenomenologia, tudo deriva da intuição categorial ou visão das essências; ainda: as ciências naturais têm a ver com as coisas que existem realmente, com eventos naturais; a fenomenologia tem a ver com os fenômenos, com os gêneros ou com as formas da consciência que não fazem parte da natureza mas, em compensação, possuem uma essência que pode ser colhida através de uma visão imediata.”

A fenomenologia pode ser entendida como a “*teoria da aparência*”, (“*teoria do desvelamento do ser e das suas múltiplas faces*”, segundo Aristóteles), o fundamento de todo o saber empírico, um método e um modo de ver. Para HUSSERL, a fenomenologia consiste em “*reconsiderar todos os conteúdos da consciência*”. Em vez de examinar se tais conteúdos são reais ou irrealis, ideais, imaginários etc., procede-se examinando-os enquanto são, puramente. Coloca-se anteriormente a qualquer crença e juízo para explorar, singularmente, o dado. Nesse sentido ela é, como declarou HUSSERL, “*um positivismo absoluto*”.

Com isso, ela nos faz reformular o entendimento a respeito das coisas básicas, tais como a compreensão de homem e de mundo. Essa discussão chega ao ponto máximo com a obra *Ser e tempo*, do filósofo alemão Martin Heidegger.

HEIDEGGER, ao discutir a questão do sentido do ser, demonstra que a fenomenologia compreende a verdade com um caráter de provisoriedade, mutabilidade e relatividade, radicalmente diferente do entendimento da metafísica que pressupõe a verdade una, estável e absoluta. Essa é uma das razões por que dizemos que a fenomenologia é uma postura ou atitude – um modo de compreender o mundo e não uma teoria – modo de explicar. “*A fenomenologia é ciência descritiva e não interpretativa*”, diz PETRELLI (supervisão de Mestrado, 2003).

A fenomenologia orienta o seu olhar para o fenômeno, ou seja, na relação sujeito-objeto (ser-no-mundo). Isto, em última análise, representa o rompimento do clássico conceito sujeito/objeto. Assim, HEIDEGGER começa a nos apresentar um modo novo de conhecer as coisas do mundo, diferente do modo

metafísico. Por esta razão, compreender o mundo fenomenologicamente torna-se tarefa complexa. Foi pela consciência dessa complexidade que aceitamos o desafio de lançar um novo olhar sobre o mundo Karajá.

HUSSERL, ao elaborar o método fenomenológico, tem como objetivo

“alicerçar o conhecimento, através da identificação das estruturas fundamentais. Tentando extrair da observação o sentido do fenômeno, o método supõe que se relegue para segundo plano toda apreensão a priori, todo parâmetro externo. Essa abertura para o fenômeno, que pretende ser o mais ‘ingênua’ possível, a mais despojada de preconceitos, visa operar uma redução que permite apreender o significado do fenômeno, a sua ‘essência’.” (AUGRAS, 1993: 15-16)

O método fenomenológico define-se como uma “volta às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, àquilo que aparece. Portanto, caracteriza-se pela ênfase ao “mundo da vida cotidiana”, um retorno à totalidade do mundo vivido.

Segundo MASINI (1989), não existe **o** ou **um** método, mas uma postura de estar livre de conceitos e definições aprorísticas do ser humano para compreender o que se mostra, buscando remontar àquilo que está estabelecido como critério de certeza, questionando, assim, os seus fundamentos. A fenomenologia deve proporcionar um método inteiramente livre de todos os pré-supostos e pré-conceitos e descrever o fenômeno em si. Seu objetivo é a investigação do fenômeno, ou seja, o que se mostra a si e em si mesmo, tal como é. Como principal instrumento de conhecimento, o método adota a intuição, uma vez que, segundo HUSSERL, as essências são dadas intuitivamente. Essa intuição pode ser compreendida como uma visão intelectual do objeto do conhecimento,

entendendo-se visão como uma forma de consciência na qual se dá, originalmente, algo. É o fundamento último de todas as afirmações racionais.

A fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência, enfatizando a experiência pura do sujeito e, nessa apreensão intuitiva da realidade, faz ver, segundo REZENDE (site da Internet, 2004), “*uma dialética polissêmica*”.

Na fenomenologia, a intencionalidade ou referência intencional da consciência do pesquisador é tida como um fato primário e irreduzível e apresentada como uma direção do fluxo da consciência, refletida em uma vivência intencional que se concretiza pelos atos voltados ao seu objeto de indagação.

A redução ou *epoché* é caracterizada pela busca do fenômeno enquanto algo puro, livre dos elementos pessoais e culturais e que, por conseguinte, promoverá o alcance da essência, ou seja, daquilo que faz com que o objeto seja o que é, e não outra coisa.

Esse rigor científico do método fenomenológico tem-no firmado como o instrumento adequado à investigação e pesquisa, sobretudo, na área das ciências humanas. CHAUI (1995: 159) diz que, com a fenomenologia (e o estruturalismo), cada campo do conhecimento passou a ter seu método próprio. Foi também, em grande parte, graças à fenomenologia, que a psicologia pode estudar uma série de fenômenos ligados à consciência, dotados de significação própria. Por outro lado, é através da psicologia que o método fenomenológico “*irá disponibilizar-se para o restante das disciplinas de cunho humano e social*”

(MOREIRA, 2002: 60). *“Sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado”* (CHAUÍ 1995: 60).

2.3 BREVE INTRODUÇÃO AO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

O Psicodiagnóstico de Rorschach é o teste de personalidade mais apreciado em todo o mundo por psicólogos e psiquiatras, clínicos e investigadores. Hermann Rorschach, nasceu no dia 8 de novembro de 1884, à Rua Haldenstraten, 278, em Zurique e faleceu aos 2 de abril de 1922. Ele próprio médico psiquiatra, foi o primeiro a utilizar os estímulos visuais para o estudo da personalidade, criando um instrumento de investigação a partir da experiência sobre a livre interpretação de formas fortuitas, isto é, figuras formadas ao acaso. A dedicação de dez anos teve como resultado um teste projetivo da personalidade composto por dez pranchas que ele denominou “Psicodiagnóstico”.

O Psicodiagnóstico de Rorschach é constituído por estímulos indefinidos que apelam por “respostas definidas” que dizem respeito a processos mentais: sua natureza, seus níveis de maturidade, sua posição entre a média e os extremos em fenômenos, tanto normais quanto patológicos. Através de atos perceptivos e interpretação de formas mediadas por comportamentos verbais, fazem-se avaliações de modalidades cognitivas, afetivas e tendências do sujeito em experimentação e de configuração de personalidades como, por exemplo, a “normal”, a personalidade neurótica e a psicótica.

O Rorschach capacita o investigador a reconhecer as tendências espontâneas que constituem a base do sujeito, com segurança superior à demonstrada por qualquer outra técnica experimental.

Além de ser um excelente instrumento diagnóstico para a clínica, possuindo inestimável vantagem que acelera o processo psicoterapêutico, é ainda utilizado em outros campos da psicologia, como seleção de pessoal, orientação profissional, psiquiatria e tantas outras áreas.

No dizer do próprio criador, pode prestar serviço ao analista, permitindo *“com freqüência e no futuro talvez sempre, um diagnóstico diferencial”* útil na orientação do tratamento (RORSCHACH, 1978: 131).

O Psicodiagnóstico de Rorschach é um instrumento universal de avaliação da personalidade e é um teste intercultural que se aplica a todas as categorias: sócio-econômica, de gênero, de faixa etária, etc.

É um teste muito abrangente, como se pode observar na fala de estudiosos como ADRADOS (1980: 5), quando afirma que o Rorschach:

“revela a organização básica da estrutura de personalidade, incluindo características da afetividade, sensualidade, vida interior, recursos mentais, energia psíquica e traços gerais e particulares do estado intelectual do indivíduo.”

Para McCULLY (1980: 111), o indivíduo submetido ao teste de Rorschach, é posto em um estado similar ao do homem primitivo. Ele não pode recorrer aos seus conhecimentos, pois se defronta com formas estranhas ao seu material interno. Segundo esse autor, as pranchas de Rorschach têm um potencial capaz de conduzir as forças psíquicas a canais opostos à consciência.

VAZ (1997) considera que as pranchas são instrumentos para exames dos elementos psicodinâmicos. Esta ponderação vem ao encontro de nosso estudo com o povo Karajá, quando considera que as respostas emitidas por uma pessoa

diante das pranchas do Psicodiagnóstico de Rorschach, têm sentido no contexto em que ela vive, com as experiências vivenciadas.

◆ O significado das pranchas

Hermann Rorschach, ao descrever as pranchas selecionadas por ele para o teste, diz que se tratam de *“figuras fortuitas”*, *“alguns borrões grandes sobre uma folha de papel”* (RORSCHACH, 1978: 15), formas relativamente simples e simétricas, com boa distribuição espacial. Além da forma, da cor e da seqüência. Todo o conjunto vai provocar, naquele que se submete ao teste, representação, no inconsciente, de experiências arcaicas, que se perdem na história da humanidade, imagens primordiais ou arquétipos – no dizer de Jung.

Vários autores dão a sua interpretação sobre o significado das pranchas. Optei pela abordagem fenomenológica do Prof. Dr. Rodolfo Petrelli, recolhida nas anotações feitas durante o curso de Formação/Especialização do Psicodiagnóstico de Rorschach.

PRANCHA I



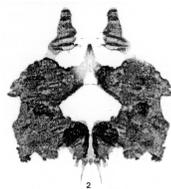
A prancha I, por ser a primeira, mobiliza um conjunto de impulsos, emoções, sentimentos, mecanismos de defesa, estratégias mentais expressivas, que se concentram ao redor da ansiedade. A pessoa solicitada a interpretar a primeira prancha sente-se profundamente ameaçada, na sua segurança

psicossocial. Esta prancha desperta, mesmo que inconscientemente, uma arcana finitude do ser humano, quando, por decreto, é jogado, com a sua existência, no tempo e no mundo.

Esta prancha é inédita; por isso, indica como o indivíduo reage diante de uma situação nova. Evoca uma ansiedade de existir, ansiedade de ser tutelado, de adoção.

Para muitos estudiosos de Rorschach, a primeira prancha é um significante materno. De fato, no seu centro aparece uma figura de mulher com os braços levantados, em atitude orante. A adoção do filho pelo *dominus pater* familiar que tinha poder de vida e de morte sobre todos os nascidos e gerados de mulher.

PRANCHA II



O arquétipo que ela mobiliza é o violento, o agressivo, o sujo, o perdido. A visão desta prancha é, pela combinação dos próprios estímulos cromáticos, desconcertante às defesas do sujeito. A ansiedade residual, acumulada na primeira prancha, desencadeia, como um material explosivo, uma reação de pânico pelo retorno ao inconsciente e à consciência de antigos traumas que afligiram a vida, nas suas primeiras experiências, reevocando o terrífico originário.

O conjunto plástico cromático desta segunda prancha parece mobilizar três arquétipos de traumas que a humanidade registrou, na sua evolução, como estruturas de risco à integridade da vida e da existência. São eles:

1. o trauma da violência e da agressão à corporalidade;
2. o trauma gerado pelas experiências de perda, de abandono e de luto;
3. o trauma por culpa e por violação à integridade do Eu, gerado por defesas profundas à auto-estima.

PRANCHA III



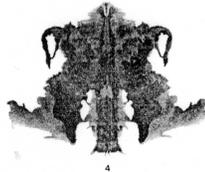
3

A terceira prancha é a do *eidós* da normalidade, da dualidade humana em ação, da unidade do eu-tu. Perceber humanos na terceira prancha é um reconhecimento imediato, espontâneo, carregado de alegria e maravilha, sem demora e/ou dúvidas, como se algo familiar viesse se desvelando depois de um ocultamento temporário.

O humano reconhece e aceita o humano; sente uma atração de natureza ontológica, estética: é um humano como um “ego” e “alter ego”, dotado de tudo, cabeça, tronco, braços, pernas, pés. O humano, mais do que qualquer outra espécie, tem uma atenção seletiva para indivíduos da sua própria espécie, para além do amor e por uma solidariedade primária! Reconhecer o humano, nesta prancha, é expressão de uma projeção

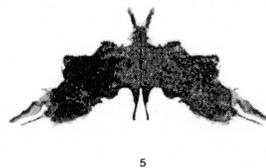
de algo constitutivo do próprio ser, atribuível para si e para outros similares, dotado dos próprios atributos.

PRANCHA IV



A quarta prancha estimula, mobiliza, reevoca todas as experiências antigas com relação à figura paterna, que se mistura com autoridade e poder. O terrificante masculino paterno constitui-se, na psique humana, contribuindo para a antropomorfização de uma divindade, cujo templo é um tribunal erguido ao lado de uma prisão: deus é um juiz que sentencia, condena e castiga. A forma e a composição das texturas acromáticas produz uma reação de espanto e de susto de um poder inacessível, exigente e punitivo, constituído como estrutura arcaica e arquetípica da psique humana.

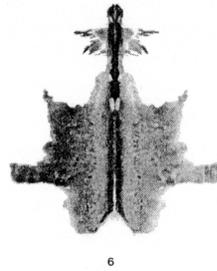
PRANCHA V



A visão da quinta prancha produz, para quem a percebe, um efeito análogo ao produzido na terceira prancha: um reconhecimento imediato, acompanhado por um sentimento de alegria espontânea frente a algo muito familiar, fácil e extremamente compreensível, pois é expressivo de um senso e

consenso de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo e de uma mesma cultura. É o óbvio de um símbolo dos seres vivos do planeta Terra, que, junto com os homens, se dividem em recursos e espaço: é um ser vivo dotado de asas e que por isso voa; desde uma borboleta até um morcego ou pássaro qualquer.

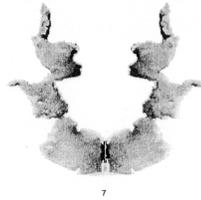
PRANCHA VI



A sexta prancha mobiliza temas da genitalidade. Sempre, e em qualquer cultura, a sexualidade representou algo de importante, constituindo conteúdos de culto, de tabu, de comunicação simbólica.

Em Rorschach, a sexta prancha reevoca, consciente ou inconscientemente, uma linguagem esquecida (Erich Fromm) e mobiliza uma pluralidade de temáticas religiosas, políticas, artísticas, lúdicas e eróticas. Esta prancha revela como a sexualidade é vista e o enfrentamento da própria sexualidade, quer pelos apelos do outro, quer no convívio social e na intimidade.

PRANCHA VII

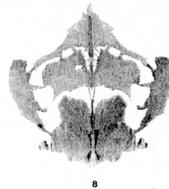


A visão da sétima prancha é a capacidade de estar junto, da intimidade pessoal; evoca a situação de encontro.

Esta prancha é considerada um arquétipo da imagem materna; talvez seja em virtude do grande vão central, branco e inferior, pela fenda em claro-escuro, por onde passa o drama de vir a dar à luz.

São reveladas estruturas e capacidade de enfrentamento de situações, além de expressão da “intimidade interpessoal” que se caracteriza quando duas pessoas estão uma frente à outra.

PRANCHA VIII



Na prancha oitava deve acontecer o efeito do reconhecimento imediato, como na terceira e na quinta pranchas. Isso garante ao sujeito a capacidade de enfrentamento das tarefas de coabitação, da vivência em grupo, do estar-junto-com.

A oitava prancha vem carregada de cores, o que provoca uma reação mais ou menos intensa para quem não lida bem com as emoções. Esta prancha

articula processos afetivo-emocionais, indicando uma sintonia afetiva com o mundo exterior e com o entorno social comunitário.

PRANCHA IX



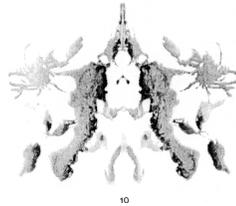
A nona prancha apresenta-se com uma deslumbrante coreografia de cores, frente à qual é preciso muito controle para não perder o vigor interpretativo.

A reevocação da imagem maternal sempre tem efeito regressivo. Esta prancha é considerada materna, por muitos estudiosos, especialmente por motivo deste vão central cujas dimensões restritas no fundo como numa fissura, constringem a reevocação da passagem natal para um novo drama de nascimento. É o terceiro arquétipo materno e também, o arquétipo feminino.

Projeta-se nesta prancha, tanto euforia como disforia primária, como um equilíbrio entre duas modalidades da vida afetiva. Essas primeiras formações da afetividade se moldam, compondo-se com mecanismos físicos e biológicos, a base temperamental, caracterial da pessoa. Pessimismo, otimismo, irritabilidade e tolerância, distonia e sintonia, têm as suas matrizes neste *imprinting* primário com a mãe.

A nona prancha desvela uma história de vida mãe-filho, mãe-filha implícita na relação indivíduo-mundo, indivíduo-cultura, indivíduo-grupo. Daí revelar também o tipo de percepção do mundo, hostil ou harmônico.

PRANCHA X



A décima prancha apresenta-se como um dado de fato: a dispersão necessária e a fragmentação de uma unidade que, desfazendo-se, possibilite a multiplicidade. Nesta última prancha, medem-se o nível e a qualidade da inteligência prática operativa, a capacidade de organizar fatos e elementos em um espaço operativo, capacidade de operar sistematicamente. Deve ser percebida a forma dissociada. Essa prancha pode pôr uma palavra final no diagnóstico da pessoa.

2.4 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL SOBRE OS TEMAS DO RORSCHACH

Percorrer o caminho da humanização do Rorschach, só mergulhando num método que possibilite o conhecimento da verdade e a construção de um saber científico, numa eticidade onde a abordagem fenomenológica para o pesquisador dá a garantia de seriedade, rigor na objetividade, autenticidade do objeto, do fenômeno do evento, que, percebido, é avaliado em seu contexto, com a preocupação das relações compreensíveis e as correlações dos significados da existência.

Percorrer esse caminho é trilhar o mesmo do mestre, Dr. Rodolfo Petrelli, que o faz com seu modo de ser e de fazer, fenomênico-existencial, com sua abordagem preferida, a fenomenológica, e que busca no existencialismo as categorias que vão humanizar o Psicodiagnóstico de Rorschach, exigindo de nós, pesquisadores, um desarmamento que objetiva o respeito à singularidade do indivíduo, a sua subjetividade. PETRELLI, humanizando este instrumento, devolve à pessoa o seu rosto próprio, sua própria fisionomia, não uma máscara.

Se a fenomenologia, em sentido restrito, é a ciência da existência, a fenomenologia e o existencialismo são, respectivamente, método e objeto de estudo.

Dessa forma, podemos ir rastreando, de maneira rigorosa, os vestígios dos significados da existência encontrados no Rorschach. Se, como diz o ditado, "primeiro viver e depois filosofar", então, viver, refletir, pensar, agir, voltando a viver e a refletir, tecendo uma teia esférica, um circuito em expansão compreensivo e corretivo, chegaremos ao desvelamento como pesquisador do existir humano.

O Rorschach, como diz PETRELLI (supervisão de Mestrado, 2004), "*É um teatro dos fenômenos da existência*". Revelados em formas e cores, símbolos da experiência vivida, é também um conjunto provocador das nossas experiências inconscientes, de experiências arcaicas que se perdem na história da humanidade, imagens primordiais ou arquétipos.

O Rorschach mobiliza em nós os impulsos, emoções, sentimentos, mecanismos de defesa, estratégias mentais expressivas, que se concentram ao redor da ansiedade, de uma ansiedade de existir, de ser tutelado, de adoção.

Mobiliza, também, experiências do violento, do agressivo, da dor, do perdido. Revela os traumas que a humanidade registrou, na sua evolução, como estrutura de risco à integridade da vida e da existência.

Percebe-se o humano, a normalidade, a dualidade, a natureza ontológica, a estética, o humano, como um “ego e alter ego” dotado dos próprios atributos.

Evoca, ainda, todas as experiências antigas com relação à autoridade e poder inacessíveis, exigentes, punitivos, constituídos como estrutura arcaica e arquetípica da psique humana.

Produz um reconhecimento imediato, acompanhado por um sentimento de alegria espontânea, frente a algo muito familiar. É o senso e o consenso de indivíduos pertencentes ao mesmo grupo e de uma mesma cultura.

Em Rorschach, também se pode evocar e reevocar, consciente e inconscientemente, uma linguagem esquecida. Mobiliza uma pluralidade de temáticas religiosas, políticas, artísticas, lúdicas e eróticas.

Evoca situação de encontro, de estar junto, da intimidade interpessoal, e capacidade de enfrentamento de situações. Enfrentamentos de tarefas, da vivência em grupo, do estar-junto-com.

Articula também os processos afetivo-emocionais, indicando uma sintonia afetiva com o modo exterior e com o entorno social comunitário.

O Rorschach deslumbra coreografia de cores, reevoca o materno, o novo drama do nascimento, bem como a mobilidade da vida afetiva, isto é, as primeiras formações da afetividade, a base temperamental da pessoa – pessimismo, otimismo, irritabilidade e tolerância.

Ele desperta a capacidade de operar, sistematicamente, a inteligência operante e a capacidade de organizar fatos e elementos de um espaço operativo.

O Rorschach possibilita-nos ver nossas identificações, relações de objetos, estado de socialização, capacidade de tomada de consciência e auto-conhecimento, donde podemos perceber nossas imagens psíquicas, como ainda as mobilizações internas de um dinamismo tanto humano, como de animais e de objetos. Projeções de uma atividade, de uma intencionalidade, de um desejo.

Produzimos energias internas advindas de uma dimensão espiritual que H. Bérghson chama de “élan vital”. São energias dirigidas a objetos postos por valores vitais e existenciais, são puras intencionalidades do ser existente sobre as modalidades e sobre as possibilidades do próprio existir.

O Rorschach é também indicador da força interior e do existir. Força da interioridade da pessoa frente aos inúmeros obstáculos do meio ambiente, como o comportamento autônomo da capacidade de escolha e de continuação de projetos.

Podemos dizer que o Rorschach apresenta o resultado de um ato compreensivo de processos psíquicos interiores de uma história de vida, à qual, muitas vezes, assume a dimensão de um drama humano. A mente operante é apresentada por uma seqüência de atos perceptivos que, por sua vez, são mediados por um discurso ou, simplesmente, uma fala. Assim, produz o desvelar de uma mente operante.

E a linguagem, com suas riquíssimas modulações, completa a coreografia da vida vivida, permitindo que uma história desvele toda a sua interioridade e parte de seu mistério.

Os fenômenos que fazem os eventos do Rorschach são fenômenos da existência. É por isso que o existencialismo se combina com a fenomenologia. E é como olhássemos “um teatro dos fenômenos da existência”. Fenomenologia e existencialismo são sempre apresentados juntos.

Essas visões da psique, em particular, mostram, analisam, existências – a forma do existir do *Dasein*.

O Rorschach fenomenológico apresenta-nos, como já vimos, os fenômenos da mundanidade da existência, da passagem pelo mundo, caminhos lúdicos, eróticos, místicos, normalidade e patologia.

A psicanálise e o estruturalismo deram-se o direito e a competência de admitir estes métodos que se baseiam no ponto de vista psicológico de uma percepção. Também o existencialismo dá-se, hoje, o direito da epistemologia dos fenômenos psíquicos, produzidos pelas manchas de tintas, produzidos pelos processos perceptivos.

A análise fenomenológica existencial é uma análise existencial conduzida pelas exigências da fenomenologia.

O Rorschach situa-se em quatro grandes regiões, e, nesta abordagem fenomenológica, investigamos a presença do sujeito experiente.

A. A PRESENÇA COMO DOMÍNIO DO ESPAÇO

G+ D+ DG+ Dd+ Dbl+ Do DG- Dbl-

Uma presença que abrange o consenso dos objetos no campo – presença que se limita. Parte é uma presença que combina, parte chama o campo

da experiência. É uma presença defeituosa importante, uma presença esquizóide, confusa, uma presença caótica (Do contaminada).

A presença do sujeito, nesta tarefa, manifesta o fenômeno da percepção, presença transformadora, ou ausência, fracasso criador.

Sinais do Rorschach – presença consciente, ativa, transformadora, operante. Símbolos: GM, F+, GK.

DG: presença que combina, agrega, constrói, contudo respeita as diferenças.

Dbl: o nada que, se transformado em essencial e criativo, é uma dimensão criadora desta presença.

B. INSTRUMENTOS DA PRESENÇA

Atributos de presença

Presença inteligente: F+

Presença categorial: organiza, ordena os objetos do mundo em categorias, em classes, onde a inteligência se transforma em intencionalidade categorial. A F+ é o poder categorial da inteligência ordenadora.

Presença empreendedora: K em H.

Presença que vive a simpatia, que manifesta a dimensão afetiva, emocional, vibração com objetos do mundo, as cores, a sintonia.

O estar construindo junto: DDGK+

Defeito de uma presença inoperante, coagida, empobrecida, sem vibração, sem sintonia.

A perda dos vínculos: DDK-

A perda do élan vital: Kp

C. PRESENÇA DOS CONTEÚDOS

Entre tantos conteúdos de grandes significados estão os conteúdos humanos, a essência da humanidade. A forma desta humanidade desvela-se no encontro com o tu, no diálogo, na construtividade lúdica, erótica, na construtividade científica, no como este humano se organiza, se enriquece, se formaliza no sentido aristotélico – matéria e forma, vivente inteiro operante.

A não presença do humano é indicadora de queda, de isolamento, de rupturas, de reduções. Reduções a um grotesco, dramático, diabólico.

No conteúdo, a presença da vida, o vivente na natureza, nas flores, no céu, no ar.

D. FENÔMENOS PARTICULARES E SEUS VALORES EXISTENCIAIS

- a rejeição

A rejeição é indicadora de bloqueios nos processos perceptivos e associativos. A reação do choque, do estupor e da perplexidade pode aproximar-se, de forma leve, através de uma ligeira reação de mal-estar e de hesitação ou de forma mais forte, chegando a um máximo de intensidade na rejeição.

Portanto, o Rorschach, numa perspectiva fenomênica-existencial, nos possibilita e exige de nós, pesquisadores, um desarmamento para captar os significados que a realidade oculta.

‘

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTO E INSTRUMENTO

Depois de ter passado dez anos de contato, investigando e estudando, e produzido duas pesquisas, estar escrevendo este trabalho é uma satisfação muito grande. Com ele, vamos procurar aprofundar alguns aspectos das nossas duas primeiras pesquisas e também da tese doutoral de PETRELLI.

Aprendemos com a equipe da Prelazia de São Félix do Araguaia, sobretudo com o testemunho de Pedro Casaldáliga, amante da causa indígena, a respeitar e a conviver sem choque com a cultura dos povos indígenas da região: Karajá, Tapirapé, Xavante. Como o próprio Casaldáliga dizia: *"Eles são plenos de humanização... eles são os verdadeiros civilizados e nós cidadãos, os bárbaros..."*

O início da investigação se deu, primeiramente, conhecendo o povo, ouvindo, observando, anotando algumas informações. Quantas horas fiquei sentada na casa de amigos Karajá ouvindo suas histórias, a nostalgia e a saudade dos tempos em que só os melhores peixes eram comidos, e da "panela grande" que sempre estava cheia, como conta o mito da origem Karajá.

Tenho documentado vários depoimentos, histórias de vida, entrevistas, que, no decorrer deste capítulo, serão descritos.

Num segundo momento, depois de muito tempo de contato, quando sentimos já haver estabelecido uma relação de confiança, começamos a aplicar os primeiros protocolos de Rorschach nos alunos do magistério. Eles eram também professores na escola bilíngüe da aldeia. Aos poucos, fomos ampliando os conhecidos: alguns funcionários da FUNAI que moram em São Félix do Araguaia e outros moradores da área indígena.

Nas idas à aldeia, havíamos observado a forma “primitiva” de viverem – o contato com a natureza, a maneira de assar o peixe, as relações no seio da família, a comunicação somente na língua Karajá. Alguns nunca tinham ido à cidade. Perguntávamo-nos como estas experiências vividas de uma forma tão sadia e original poderiam se refletir no Rorschach. De que forma esses fenômenos do “teatro da existência” poderiam se revelar nas imagens e nomes colhidos pelo Rorschach. Esta experiência é tão rica e tão bonita que encanta qualquer pesquisador no campo.

Da observação e breve análise dos protocolos aplicados, foi possível perceber que estávamos diante de dois grupos de respostas: as advindas do grupo de alunos/professores e funcionários da FUNAI, pareciam ter características diversas das fornecidas pelos outros homens e mulheres, que permaneciam mais na aldeia, não estudaram na escola bilíngüe e não falavam bem a língua portuguesa.

Pensamos, então, na possibilidade de dividir os protocolos em dois grupos distintos. Denominamos o primeiro grupo de “grupo com contato” e o segundo de “sem contato”. A proposta de obter 20 indivíduos por grupo foi um desafio. Os Karajá são simpáticos no contato mais superficial, mas não abrem sua

casa e sua intimidade com facilidade, mesmo tendo bastante tempo de convivência. Além disso, o tempo tem para eles outra dimensão: podem-se levar dias ou até semanas para se conseguir realizar uma entrevista previamente marcada.

Foi utilizado o método fenomenológico de investigação através do Psicodiagnóstico de Rorschach, cujo objetivo é chegar aos eventos, aos fenômenos vivenciados por este povo, desvelando, através das imagens e dos nomes, a experiência vivida dos participantes da pesquisa. Neste caso, como diz PETRELLI (supervisão de Mestrado, 2004), o Rorschach “*é um teatro dos fenômenos da existência*”. E como o mestre, com seu modo de ser e de fazer fenomênico-existencial busca nas categorias humanizar o Rorschach, também de nós era exigido um desarmamento, que objetivava o respeito à singularidade do indivíduo e à sua subjetividade, de forma a devolver à pessoa, sua própria fisionomia. E, tratando-se dos Karajá, teremos o retrato desvelado de um povo milenar que sofreu as conseqüências do contato imposto, mas que resistiu, e ainda hoje está aí para aprendermos com eles a ser “civilizados”.

O método fenomenológico é qualitativo, remete a tudo aquilo que não pode ser medido, mas com o objetivo de captar os eventos da experiência vivida dos participantes, como eles fazem a experiência, como eles vivem essa relação com a natureza, com o Araguaia, com seus mitos e com seus ritos. Como, por exemplo, a experiência que este depoimento traz:

“O rio Araguaia Berohokÿ deve ser visto como parte da nossa vida, ele não pode ser visto como uma coisa sem sentido. É muita emoção. Isso pra nós é importante. De conversar com as pessoas...de as pessoas entenderem o que os índios pensam. É importante porque na vez que a gente saiu da aldeia pra estudar e pra entender vocês também. E intermediado assim, o saber pra sociedade entender qual o relacionamento que a gente tem com a natureza. Então, o rio Araguaia, o que a gente tem falado é ... A água do rio Araguaia é como sangue que corre dentro do Karajá.” (*Samuel Karajá é advogado e cacique*)

Contudo, segundo o Prof. Rodolfo Petrelli, se a fenomenologia privilegia os métodos qualitativos, nem por isso recusa os fenômenos quantitativos quando se referem a humanos. Nesta nossa pesquisa, incluímos alguns dados estatísticos que nos ajudarão a apreender o significado do todo. Inicialmente, não tínhamos a intenção de fazer um estudo comparativo. Mas, a partir da análise das respostas, dois grupos foram se formando espontaneamente. Vimos, então, que seria interessante e revelador quantificar alguns resultados.

3.2 CAMPO DA PESQUISA

Às margens do Araguaia, o rio dos povos indígenas, do ipê e das garças brancas, o rio das pacuzinhas e das tracajás, o rio dos ribeirinhos, nas margens do Araguaia, o rio “Útero” Karajá, o velho Berohokÿ, como seus filhos carinhosamente o chamam, envolvida como num abraço, está a Aldeia Santa Isabel do Morro (*Hãwalo Mahãdu*), distante, aproximadamente, 15 minutos de São

Félix do Araguaia-MT, no território da Ilha do Bananal (TO). Abriga mais de 450 pessoas, sendo considerada, atualmente, a maior aldeia Karajá.

O Araguaia é o território por excelência, o principal referencial do espaço geográfico e social desse antigo povo, no coração do Brasil, na chamada Amazônia Legal. *“São Felix do Araguaia foi antigo Território Karajá, hoje ainda conserva um cemitério indígena e a cidade está construída em cima de sítios arqueológicos Karajá”* (LIMA FILHO, 1994: 25).

O contato diário nas escolas onde estudam os Karajá, as visitas à aldeia e à minha casa, foram a porta de entrada no campo da pesquisa. Para que esta tivesse maior fidelidade no discurso da linguagem, tivemos a preocupação de fazer todos as aplicações do Psicodiagnóstico de Rorschach na língua Karajá (Macro Jê) ou, melhor dizendo, na “língua dos homens” e na “língua das mulheres”, pois a língua falada pela mulher Karajá tem pequenas diferenças em relação à “dos homens”. Isso aconteceu graças à capacidade e à disponibilidade de Waxiÿ Maluá Karajá, professor bilíngüe da escola da aldeia e aluno do 3º Magistério da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, em São Felix do Araguaia. Após ter se submetido à aplicação do referido Psicodiagnóstico, Waxiÿ passou por um treinamento que constou de orientações teóricas, observação de minhas aplicações e prática. Durante mais de seis meses, ele e eu aplicamos os testes. Em seguida, ele fez a tradução e a revisão.

3.3 OS PARTICIPANTES

O objeto da pesquisa são os 40 indivíduos, homens e mulheres, que depois constituíram os grupos “A” e “B”, respectivamente, “Karajá com contato” e “Karajá sem contato”. Entre esses participantes, colhemos alguns depoimentos, entrevistas e histórias de vida que serão também analisados nos resultados e discussões.

Grupo A – Karajá com Contato

População de 20 pessoas, a quem chamei COM CONTATO, por causa da farta convivência com a sociedade nacional (não-índios), pelo acesso às escolas públicas e ao estudo regular até o 2º grau. Alguns fazem faculdade, trabalham como funcionários da FUNAI, como agentes de saúde e professores, alguns também moram na cidade, usufruindo de certo conforto, do tipo de nossa sociedade .

Este grupo é composto, em sua maioria, de pessoas do sexo masculino (80%), e de apenas 20% do sexo feminino.

A diferença de gênero na amostra deve-se ao fato de que os homens têm mais acesso ao tipo de contato citado acima.

O nível de instrução é, na sua quase totalidade, de ensino médio, professores bilíngüe, agentes de saúde, funcionários da FUNAI e alguns pescadores que negociam o peixe na cidade de São Felix do Araguaia.

A idade da amostra é acima de 18 anos, prevalecendo a faixa etária de 20 a 38 anos.

A condição de vida deste grupo, se comparada à do outro, é de certo privilégio, devido à posição de funcionários públicos, pessoas que têm um ganho mensal definido. Alguns moram em São Félix do Araguaia, mas também já moraram em Goiânia, Brasília e São Paulo, para onde foram a fim de estudar. Os outros que moram na aldeia têm acesso diário à cidade, todos falam bem a língua portuguesa.

A maior parte do grupo tem como agravante conflitivo o uso de bebida alcoólica, seguido de agressividade. Há também um outro componente de discriminação: nas escolas onde estudam, os não-índios ainda têm preconceito e não percebem a importância e os valores da cultura Karajá.

Grupo B – Karajá sem Contato

Essa população também é composta por 20 pessoas. Chamei esse grupo SEM CONTATO, devido ao pouco contato com a sociedade nacional (não-índios). Eles falam muito pouco a língua portuguesa, alguns nem falam, não tiveram acesso às escolas bilíngües e, muito menos, às escolas públicas na cidade.

Este grupo é formado, em grande parte, por mulheres (75%), com minoria de homens (25%). Tem essa característica feminina porque, para as mulheres, é bem mais difícil o acesso à escola e à cidade. Por isso não dominam a

língua portuguesa, quase sempre só falam na sua própria língua e o contato na cidade é apenas para comercializar artesanato.

A faixa etária é acima de 18 anos, indo até 90 anos.

A condição de vida deste grupo é bastante adversa. A aldeia está passando por grandes dificuldades, inclusive fome, doenças, queima das casas, alcoolismo e falta de resposta adequada dos órgãos competentes. A sede do município (Formoso do Araguaia) fica distante, e não há estrada ligando a aldeia à cidade.

Os Karajá continuam sofrendo o processo de “agressão cultural” com a entrada da televisão na Aldeia e o antigo uso da bebida alcoólica.

Eles vivem da pesca e da venda de artesanato. As roças são feitas mais para as festas de Aruanã. Essas festas rituais são a força agregadora da cultura Karajá.

Em um relatório de atividades de campo, de cuja equipe de trabalho fizemos parte, o antropólogo Manuel Lima Filho apresenta algumas constatações, com as quais concordamos plenamente e que nos ajudam a descrever, de forma mais fiel, a realidade do povo Karajá no momento em que esta pesquisa foi realizada:

“Os Karajá estão passando por uma profunda e dolorosa experiência de contato interétnico, acumulado ao longo dos séculos, onde a bebida alcoólica e a subnutrição de uma maneira em geral estão minando a base intelectual do grupo que possui, se posso dizer, personalidades hiper sensíveis. [...] Esse processo de destrutura social e cultural parece evocar arquétipos muito valorizados e igualmente sensíveis para o grupo como o papel da família do xamanismo

e principalmente do lugar da criança na estrutura cosmo-social.

Outras categorias de pensamento não Karajá como categorias religiosas ocidentais, categorias de ação e intervenção oficial do estado Brasileiro (SPI, FUNAI) em seu cotidiano têm contribuído sobremaneira para um choque de valores: alguns convivem satisfatoriamente com domínios culturais diferenciados fazendo habilmente 'um jogo de cintura' de identidade étnica, outros não. Apesar das alterações de comportamento encontrarem ressonância na organização social e cultural dos Karajá, sem dúvida o alcoolismo agrava a situação desses Karajá que estão em plena confusão diante de categorias tão diferenciadas. Então, se instala um ciclo vicioso, não conseguem ter uma relação satisfatória com o contato e bebem, bebem porque não conseguem ver saídas para esta convivência imposta." (LIMA FILHO, 1997: 7)

Trazemos alguns depoimentos, entrevistas e histórias de vida de alguns Karajá que participaram desta pesquisa.

Aos 76 anos, M. Karajá é hoje uma das mais importantes lideranças do povo Karajá. É curandeiro (Pajé) como seu pai, de quem aprendeu a arte de curar.

Ainda jovem foi feito guarda da FAB, que mantinha uma pista de pouso e um hospital na Ilha do Bananal e, em função disso, portava arma de fogo. Certo dia, M.K. teve um desentendimento com outro Karajá que estava alcoolizado e usando sua arma, atirou nele e o matou.

Segundo ele me contou, envergonhado com o que fez porque seu pai era cacique da Aldeia, M.K., refugiou-se na região do Xingu, junto a outros povos indígenas, os Kamaiurá. Deixou para trás mulher e filhos. No que hoje é o Parque Nacional do Xingu, procurou

refazer sua vida. Anos depois, foi chamado pelos Karajá para ser cacique, pois seu pai havia morrido. Retornou à sua aldeia levando a nova família. M.K., hoje idoso, continua sendo, na aldeia Santa Isabel do Morro, a mais importante liderança. Exercendo a função ritual no Hetohokÿ, sempre amigo e exercendo sua “função de curar”.

Uma ocasião, na minha casa, M. tirou a carteira do bolso e mostrou uma fotografia de quando usava a farda de guarda da FAB. Nesse mesmo dia, ele fez um desabafo mostrando a carteira de identidade: *”Creusa, depois que Karajá tem este papel não quer mais usar a identidade Karajá”*, mostrando no rosto a marca tatuada abaixo dos olhos que identifica o povo Karajá.

Em outra oportunidade, estava em casa de M.K. na Aldeia Santa Isabel do Morro, e perguntei-lhe como era a doença para o povo Karajá.

M.K. começou fazendo um desabafo, dizendo que as atuais lideranças, como por exemplo o I.K. *“dizem que eu não posso participar das reuniões porque tudo o que eu falo e as histórias que eu conto, do passado, não interessam mais para os atuais Karajá”*. M. disse que estava triste e que seu conhecimento da cultura do seu povo estava acabando!

Eu escutava atentamente. Nem as interferências das crianças brincando, nem a atividade de M. (mulher de M.K.) fazendo biju, tiravam minha atenção.

Com voz firme, português claro e a sabedoria de grande líder, M., um dos maiores curandeiros de sua aldeia, discorreu sobre a doença e cura.

Começou lembrando o antigo Hospital da FAB, na ilha, e contou esta história: disse que seu primo T.K. (hoje já falecido) ficou doente e o doutor do hospital estava tentando tratar da doença. T.K. botava sangue pela boca e pelo nariz. O médico não estava dando conta de curá-lo. O filho de T. conversou com o médico dizendo que seu tio, M., estava na Aldeia, que sabia curar e que o povo confiava nele. Mas o médico não aceitou! Por isso, o sobrinho foi até a casa de M. e disse: *"meu pai vai morrer. Vai lá no hospital e cura ele"*. M. se preparou: passou remédio de índio no corpo todo (explicou que era para a doença não passar para seu corpo) e foi em seguida para o hospital.

M.K. disse: *"Doutor, eu vou onde está a doença"*. Passou a mão no corpo de T. e soprando disse que a doença era um micróbio que estava no coração dele. Então, começou a passar a mão e tirar o micróbio e jogar longe. Disse que só ele via o micróbio. O médico não enxergava nada. Sob o olhar do médico, M.K. continuou a "cura". A barriga de T. foi crescendo e ele foi tirando o micróbio, até que parou de sair sangue da boca e do nariz. Quando ele acabou, T. sentou e disse: *"Doutor, eu vou dormir na minha casa"*. O médico não queria deixar porque disse que ele precisava tomar soro. Mas T. foi para sua casa e dormiu. No outro dia já estava bom. O doutor pediu para M. que o ensinasse a curar. M. respondeu que aquela doença era doença de índio por isso o doutor não saberia curar.

M.K. continuou sua narração dizendo que os espíritos do fundo do rio jogam pequenas flechas nas pessoas; por isso vem a doença. Falou ainda que aprendeu a curar com seu pai, M.K., mas que ele sabe mais do que o pai.

Quando prepara os remédios, ele vai para o mato procurar as folhas e aquele que está lá em cima fala para ele qual a folha é boa para a doença, e só ele escuta a voz. Os outros não escutam. Sobre as plantas que servem para curar a loucura (*idjanté*) disse que, quando chega perto das referidas folhas, elas caem para baixo como se murchassem. "*É a planta para doido*", disse.

M.K. é o único remanescente das três grandes lideranças familiares Karajá de Santa Isabel do Morro. Seu poder de cura é reconhecido e sua liderança, apesar da idade de 79 anos, permanece.

S. Karajá: na ocasião com 20 anos.

É um jovem que sofreu as conseqüências da imposição da cultura dominante. Sua mãe, uma mulher Karajá quase ausente da aldeia, prefere a cidade onde, geralmente alcoolizada, é explorada pelos homens e vítima de humilhações e até de violência corporal.

Quando está na aldeia, S. prefere a companhia das primas. Ele, como a mãe, opta pelos centros urbanos.

S. estudou alguns anos na escola adventista de Anápolis e recebeu o nome "cristão".

Assumiu os traços da identidade feminina que são pequenos traços, como tatuagem no queixo, e é discriminado em sua aldeia de origem por ser homossexual. Tentou suicídio algumas vezes, se auto-puniu com cortes pelo corpo, nos braços e pulsos, além de ter ingerido cacos de vidro e "correu na aldeia" (ficou louco, "*idjanté*" na língua Karajá).

É uma pessoa intranquã que já percorreu várias cidades nas quais viveu fortes experiências. Uma ocasião, conversando comigo, ele contou que viveu com um grupo de homossexuais na, como ele dizia, “fábrica de bichas”.

Em março de 1997, no encerramento de uma festa ritual, o Hetohokÿ, diante das câmeras de uma televisão sueca, S. tirou da cabeça do primo adolescente o *laheto* (cocar), pediu aos jornalistas que o filmassem e em tom de denúncia, relatou sua história mostrando as marcas das tentativas de suicídio.

S. ainda não conseguiu acabar o 2º grau, porque fica um pouco na aldeia, outro pouco em Brasília e outras vezes em Goiânia.

Relato de uma experiência com grupo de Karajá funcionários da FUNAI:

Fui convidada para assessorar um encontro com funcionários da FUNAI, que estavam tendo dificuldades devido ao problema com a bebida alcoólica e muitas vezes faltavam o trabalho, não chegavam na hora, etc.

Preparei algumas dinâmicas para trabalhar com o grupo, sem me dar conta de que poderia ter Karajá no grupo.

Quando cheguei, para surpresa minha, entre aproximadamente 40 pessoas, 90% eram Karajá. Fiquei desconcertada e muito preocupada, pensando como iria trabalhar com o grupo. Decidi-me por manter a programação.

Na primeira parte da manhã, trabalhamos com argila as experiências na família e no trabalho. Foi uma coisa fantástica! Os Karajá, na sua maioria conhecidos meus, e vários participantes da minha pesquisa, trouxeram sua

experiências do dia-a-dia, como sua relação com os animais, com os mitos, com as tarefas de casa etc.

Um dos Karajá, I.K., fez uma panela grande de barro, e quando falou sobre sua obra disse: *"Esta é a panela grande dos Karajá. Tenho saudade do tempo em que Karajá pescava só o peixe bom. E a panela estava cheia e lá todos os Karajá comiam e nunca faltava comida pra Karajá"*. Ele falou com emoção, e trouxe a memória dos seus ancestrais, e da origem mítica: Kanansiuê (pai de todos os Inan), na aldeia do fundo do rio, nunca deixava a panela ficar vazia.

Outros mostraram grande habilidade em trabalhar com o barro, trazendo, de forma perfeita os animais que expressavam sua relação com a natureza e com o cotidiano, fazendo uma correlação das esculturas com as experiências de vida.

Por ultimo, trazemos uma fala do Velho Watau Karajá, numa conversa com Pedro Casaldáliga. Mostrando seu profundo vínculo com categorias da sua experiência vivida, disse: *"Karajá não morre, vira pedra bonita à beira do Araguaia!"* O que quer dizer que cada vez que ele via uma pedra à beira do Araguaia, ele estava vendo uma pessoa do seu povo. Neste ponto, Casaldáliga concluiu seu pensamento: *"Então, na medida em que há lugares mais puros, menos poluídos, menos invadidos pelo cimento e pela máquina, aí é que conserva esse cordão umbilical mais forte e... você vive mais facilmente essa natureza"*.

Diante dessa expressão de sentimento ao mundo e ao universal, isto transporta, transfigura, transcende ao mundo vivido.

3.4 RECURSOS FINANCEIROS

Todos os recursos utilizados na pesquisa de campo foram decorrentes de trabalho da própria mestranda – autora do projeto, como também as outras pesquisas anteriores, que não recebeu, portanto, nenhum recurso orçamentário de Instituto, Fundação ou qualquer outra fonte de financiamento ou incentivo externo à pesquisa.

A participação do jovem Waxiŷ Karajá, na aplicação e tradução dos testes foi remunerada conforme combinado, com recursos próprios da mestranda – autora da pesquisa.

Os agostinianos contribuíram com a bolsa de estudos utilizada para pagamento das parcelas da Universidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Se a imagem fosse uma língua, seria traduzida em palavras e, essas palavras, por seu turno, em outras imagens, porque o caráter de uma linguagem é ser possível de tradução [...] Se a imagem fosse uma língua ‘falada’ por uma comunidade, com efeito, para que haja linguagem, é preciso que haja grupo (e para que haja grupo, é preciso que haja símbolo) [...] Uma imagem é um signo... E significar é exprimir a identidade de um grupo humano de modo que haja uma relação entre o caráter circular e exclusivo de um sistema de signos e seu valor expressivo... Pode e deve ser interpretada mas não pode ser lida. Pode-se, e deve-se falar de qualquer imagem; no entanto a imagem em si não é capaz de fazê-lo.”
(DEBRAY, 1994: 57-59)

Ainda em consonância com DEBRAY, poderíamos continuar falando sempre da “linguagem” das cores, das flores, da natureza, porque os símbolos, as imagens, não são tesouros enterrados, mas pura realidade construída e vivida, conciliando as experiências do ser no mundo.

Neste capítulo, a linguagem que apresentaremos são os resultados e as discussões que poderão contribuir para um trabalho interdisciplinar, construído nessa longa “aventura” advinda da experiência com o povo Karajá.

Aqui, trazemos somente parte de tudo o que foi investigado. Por outro lado, trazemos a mais íntegra das categorias de conhecimento e de reflexão que, muitas vezes, a gente sabe que tem, mas leva um tempo ou até a vida toda ruminando, refletindo, e refletindo outra vez... É mesmo muito difícil traduzir em palavras ou resultados o que foi visto e ouvido. Uma parte permanece oculta, incorporada ao patrimônio dos sentimentos. É como a paisagem do Araguaia,

muitas vezes contemplada e conservada na memória como um pequeno ponto da existência.

Antes de entrar na análise fenomenológica, apresentaremos alguns dados estatísticos e constatações procedentes da pesquisa que, de início, não tinha o intuito de correlacionar os dois grupos. Estes, aos poucos, foram se configurando e acabaram por sugerir uma breve análise quantitativa de alguns dados. Como disse o PETRELLI (supervisão de Mestrado, 2004), o método fenomenológico não exclui os dados quantitativos, quando se trata de estudo do ser humano.

A análise estatística possibilitou avaliar as diferenças entre os dois grupos.

A interpretação do fenômeno apreendido é em relação à Variável R, Abrangência e Rejeições.

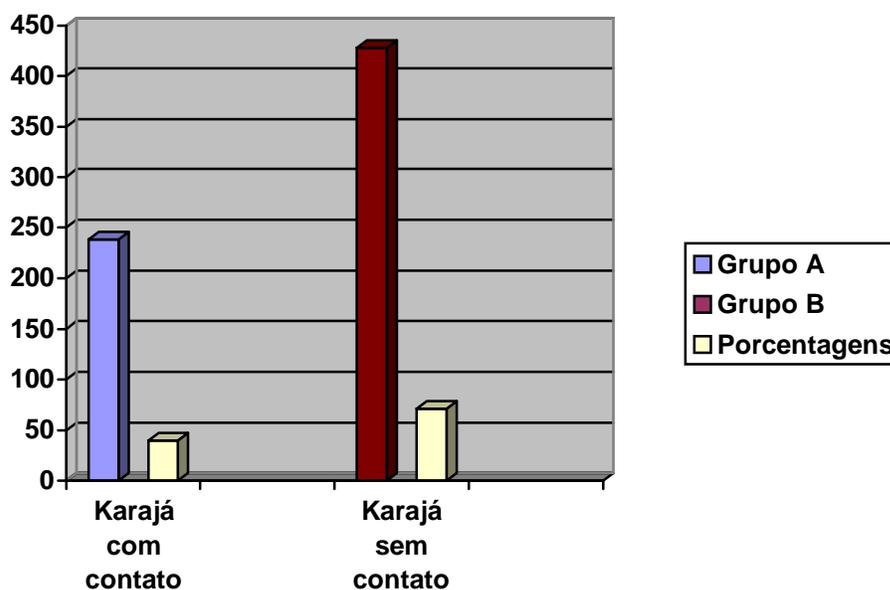
TABELA 1
 ALDEIA SANTA ISABEL DO MORRO
 FORMOSO DO ARAGUAIA
 ILHA DO BANANAL (TO)
 PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH – GRUPOS KARAJÁ
 VARIÁVEL R

RESPOSTAS GRUPOS	NÚMERO DE RESPOSTAS	PORCENTAGENS DE RESPOSTAS (%)*
A Karajá com contato	238	39,66
B Karajá sem contato	428	71,33

FONTE: Pesquisa de campo – Aldeia Santa Isabel do Morro

* Para se chegar a estes dados estatísticos da Variável R, foi utilizada a média de 30 respostas por teste, média atribuída à região centro-oeste.

Gráfico



Em Rorschach, a Variável R apresenta a capacidade de produtividade do sujeito.

Observando a Tabela 1, constatamos que o Grupo A (Karajá com contato) deu um número de resposta bem abaixo do Grupo B (Karajá sem contato).

O Gráfico representa a perda de produtividade, com os seguintes dados: O Grupo A (Karajá com contato) teve uma perda de 60% comparado ao Grupo B (Karajá sem contato), que teve 30%.

Isto significa que o Grupo A teve uma queda na produtividade superior ao Grupo B. Esta significativa queda da produtividade foi percebida como um sinal de *stress*.

É importante observar que não afetou a qualidade das respostas nem debilitou o cognitivo. O que aconteceu foram mutações de estrutura que levaram a uma mudança no referencial – uma confusão causada pelo contato da cultura imposta.

Esses dados sugerem que o contato é causador de um *stress* inibidor de espontaneidade e criatividade.

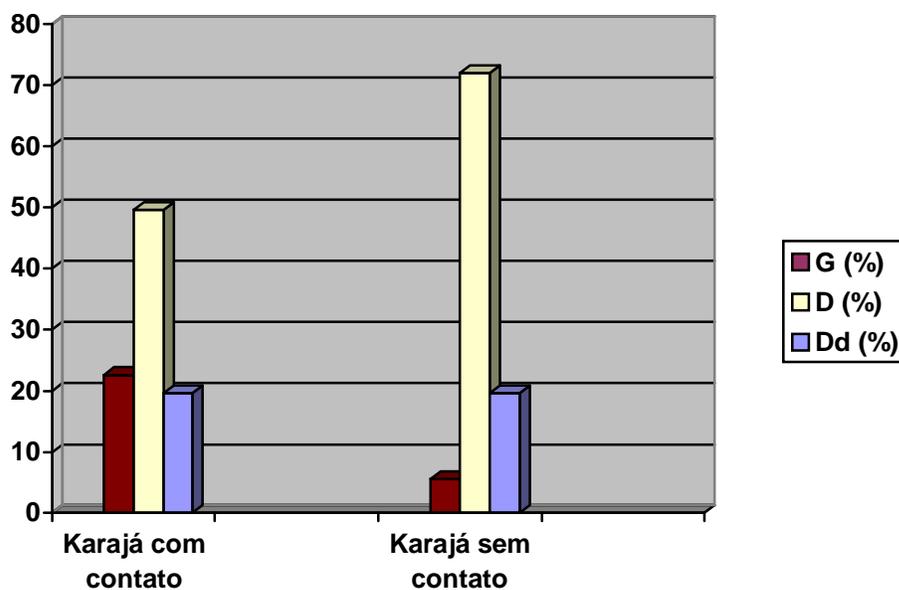
Já o Grupo B apresentou espontaneidade e criatividade nas experiências como povo originário e nas relações com a natureza e com o mundo que o cerca.

TABELA 2
 ALDEIA SANTA ISABEL DO MORRO
 FORMOSO DO ARAGUAIA
 ILHA DO BANANAL (TO)
 PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH – GRUPOS KARAJÁ
 ABRANGÊNCIA

ABRANGÊNCIA GRUPOS	G (%)	D (%)	Dd (%)
A Karajá com contato	22,6	49,6	10,5
B Karajá sem contato	5,61	71,96	19,6

FONTE: Pesquisa de campo – Aldeia Santa Isabel do Morro.

Gráfico



Em Rorschach, os símbolos da abrangência são indicadores das modalidades da percepção espacial, da percepção do todo e das partes e da qualidade da percepção, segundo um parâmetro de maturidade evolutiva da organização mental.

Na Tabela 2, podemos observar que não é significativa a diferença entre os Grupos A e B. Foram encontradas G, D e Dd nos dois grupos.

É importante observar que o Grupo A deu maior número de respostas globais (G) e o Grupo B mais respostas de detalhe (D) e de pequeno detalhe (Dd).

Constatamos, ainda, que o Grupo B, em sua atenção despertada pelo detalhe, traduz sua experiência vivencial de proximidade com a natureza e com o mundo animal, como se pode observar no protocolo do W.K. (Chefe Karajá – 90 anos), que na PRANCHA IV viu “cachorro sentado olhando o céu” e “cachorro sentado, descansando”.

São respostas de pequenos detalhes, mas ricas em mobilizações internas, do dinamismo e de sua atividade, de uma intencionalidade e de um desejo.

O Grupo A obteve mais respostas globais, afastando-se um pouco daquilo que é próprio do grupo originário.

As respostas de detalhes mostram que o grupo originário (B) tem mais acesso ao imaginário do que nós.

TABELA 3

ALDEIA SANTA ISABEL DO MORRO

FORMOSO DO ARAGUAIA

ILHA DO BANANAL (TO)

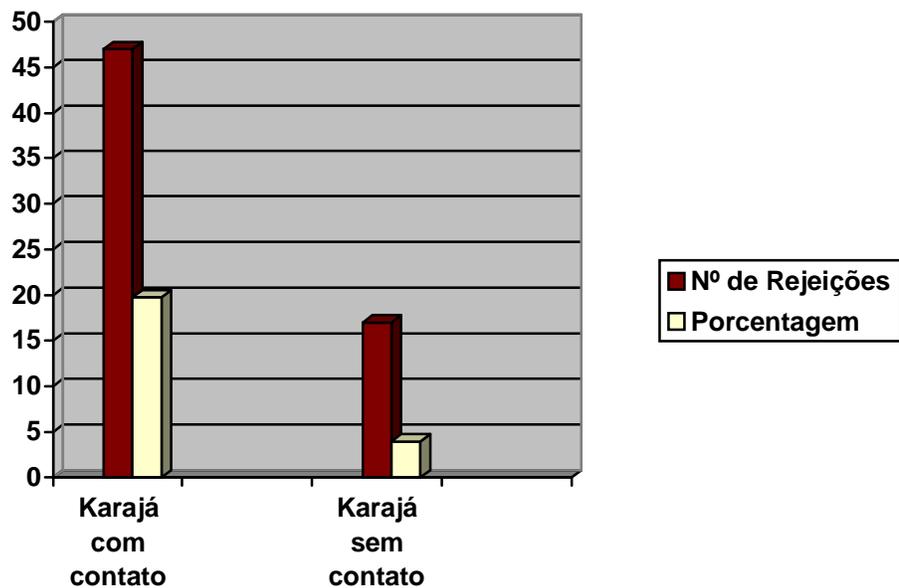
PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH – GRUPOS KARAJÁ

REJEIÇÕES

REJEIÇÕES GRUPOS	Nº DE REJEIÇÕES	%
A Karajá com contato	47	19,74
B Karajá sem contato	17	3,97

FONTE: Pesquisa de campo – Aldeia Santa Isabel do Morro.

Gráfico



As rejeições são indicadores de bloqueios nos processos perceptivos e associativos. A reação de choque, estupor e perplexidade pode apresentar-se, de forma leve, através de uma ligeira reação de mal-estar e de hesitação ou, de forma mais forte, chegando a um máximo de intensidade na rejeição da prancha.

A análise quantitativa da Tabela 3 indica não haver diferença significativa entre o resultado do Grupo A e o do Grupo B. Contudo, se considerarmos os respectivos protocolos, chegaremos a interessantes observações: a prancha IX, por exemplo, é a mais rejeitada, tanto no Grupo A como no B: 50% de rejeição. A seguir, por ordem decrescente, teríamos as rejeições das pranchas IV e VI, ambas com 35% do Grupo A.

Mais significativo ainda é o fato de que as pranchas rejeitadas pelo Grupo A, em seu conjunto, indicam perda nos quadros referenciais. A prancha IX pode ser chamada de prancha “materna” e reporta-se a um dos arquétipos mais antigos da humanidade. Como diz PETRELLI (supervisão de Mestrado, 2004), *“a nona prancha desvela não apenas uma história de vida mãe-filho(a), mas também a que está implícita na relação indivíduo-mundo, indivíduo-cultura, indivíduo-grupo”*. As pranchas IV e VI são, respectivamente, a prancha da figura paterna/autoridade e poder e a da sexualidade.

O Grupo A não sabe em qual matriz se encaixa, e o conflito apresentado está relacionado ao quadro de referência, à cultura de origem e à cultura proposta.

O indicador de 19,74% revela que, nesse grupo, há uma perplexidade maior, indicando uma perda dos paradigmas culturais, nos quadros referenciais.

Voltamos, aqui, à pesquisa de PETRELLI (Observação às margens de uma Tese Doutoral, 1989), já citada, reportando alguns de seus resultados, no que diz respeito ao povo Karajá:

“É uma nação de ‘artistas’. A arte supre duas importantes necessidades: a primeira de natureza espiritual porque pelo objeto plasmado pelas mãos se exteriorizam os mitos e, simbolicamente a ordem social da comunidade...

A arte, porém, está se deteriorando e quase se apagando alienada às exigências da clientela dos brancos.

Entrando nos internos das moradias dos Carajás ribeirinhos registra-se um a significativa separação dos objetos de uso doméstico: os utensílios originários da própria cultura ocupam um espaço inútil como objetos obsoletos na espera de um comprador experto que tira vantagens no desprezo da mercadoria; de outro lado os objetos de uso foram adquiridos nas ‘feirinhas dos brancos’, sucata dos mercados das cidades.”

4.1 O DESVELAMENTO

*“Eu não transformo pedra em imagem.
Eu apenas desbasto a pedra, tiro os excessos
E liberto a imagem que existe nela”.*
(Michelangelo Buonarroti)

Neste segundo momento, trazemos alguns resultados e reflexões do desvelamento dos nomes e das imagens do Psicodiagnóstico de Rorschach, não fazendo uma correlação dos dois grupos, mas trazendo os momentos captados dos significados e dos fenômenos que a realidade, muitas vezes, oculta.

Serão analisados somente alguns protocolos, relacionando-os com algumas histórias de vida e depoimentos que nos ajudarão a entender melhor as experiências vividas desse povo.

Acreditamos que, dessa forma, estará sendo desvelada a singular subjetividade dos participantes desta pesquisa. Serão eles a desvelar sua herança milenar, que é onde a vida – revivida em símbolos e imagens, se destaca, neste “*teatro dos fenômenos da existência*”, re-dimensionados e re-significados por uma poética e artística subjetividade, à luz e à cor de suas pinturas e de suas festas coloridas, acentuando uma nova via de acesso àquela realidade, a seu mundo, à sua cosmovisão.

Em todos os povos primitivos, a relação com a natureza está pré-ditada pela regência dos mitos. A história de uma cultura está marcada pela presença do mito em suas raízes. Dessa forma, o desvelamento das imagens tem a ver com sentimentos profundos das relações que os Karajá têm com a natureza que os cerca e, sobretudo,

a formação de uma consciência ecológica, ética e estética da
experiência vivida.

As respostas dos protocolos que apresentamos são como clamores que evocam a vida quando ainda existia a harmonia entre o índio e natureza, como também fazem ecoar o brado de dor e de esperança da “Terra dos males sem fim”. Distinguimos três categorias mais significativas e mais presentes nos protocolos em questão. Vamos apresentá-las, a seguir, acompanhadas dos quadros com indicação das respostas.

◆ **Dimensão da ação contemplativa - Categoria do olhar**

Prancha	Resposta	Página
IX	Uma pessoa olhando para o céu	17
IV	Onça olhando	129
III	Paca olhando sentada	138
IV	Cachorro olhando sentado	138
I	Cachorro sentado olhando	126
IV	O rosto de uma pessoa olhando para o céu	126
VIII	Sapo sentado olhando	126
VII	Mergulhão olhando o céu	171
VI	Gavião olhando dentro do seu ninho	171

Olhar... Contemplar as formas, as cores, as imagens...

A atitude não surpreende em se tratando dos Karajá. Esses fenômenos fazem parte da sua memória visual e existencial.

Os estímulos das manchas de tinta do Rorschach são ativas e induzem a uma incrível produção psíquica, como podemos ver nas respostas de alguns protocolos. O ambiente físico condiciona a percepção do seu espaço vital que se reflete na produção de respostas de pessoas navegadoras, pescadoras, artistas. A categoria do “olhar” vem acompanhada de riqueza e de surpresas da experiência vivida

com a natureza; de como, por exemplo, eles pensam e vivem a natureza, descrevendo com detalhes, próprios da vida comunitária, suas histórias, acompanhadas de conteúdos com cinestésias, mobilidade e atenção.

A categoria do olhar expressa o significado do existir para o Karajá, um existir contemplativo. O seu existir não é “possuir”, não é “fazer”, mas “olhar”, “contemplar”!

O mundo, para o povo indígena, é vivente. Homem e animal fazem comunidade no espaço comum da natureza, numa relação profunda. Natureza e homem se respeitam e convivem em harmonia, como podemos ver neste depoimento inflamado de Irani Makuxi, de Roraima, em 12/04/2000:

“[...] Como se os brancos que se dizem donos da sabedoria, soubessem de tudo. Eles não sabem de nada. Guardam seus papéis ou jogam numa lata de lixo, que não serve para nada. Cadê a sabedoria de vocês? Vocês estudam tanto e só vejo rios poluídos, os peixes que não podem mais respirar, porque o rio está poluído. Nós não fazemos isso. Nós povos indígenas, sabemos lidar com as pessoas e com a natureza, não sabemos destruir.” (Marcha e Conferência Indígena, 2000: 43)

Partindo dessa experiência ancestral, o olhar revela e desvela o sentido que esses povos têm, a partir da convivência com a natureza.

Essa dimensão do olhar passa por múltiplas imagens e paisagens, definindo a ação que brota do imaginário e dos laços afetivos em relação ao mundo que os cerca. Os conteúdos refletem um espetáculo consciente ou inconsciente de um sonho já contemplado ou vivido nos seus mitos e ritos.

O olhar contemplativo dos Karajá tem uma paixão estética e íntima de uma relação ontológica, plena de humanidade.

Já a nossa cultura branca, não “olha”; ela “faz”, “constrói”, “fabrica”, “cobra”... Não mais se encontra a categoria do olhar em nossa cultura ocidental. O não-índio dirá, por exemplo: “Parece um cachorro”. Sua percepção não é acompanhada de uma espiritualidade, de um existir contemplativo. Esta dimensão contemplativa está por ser recuperada, re-aprendida, como propõe BRANDÃO: *“É preciso reinventar entre nós espiritualidade... experiências religiosas, experiências espirituais, de beleza, de busca da verdade. Que também nos reconciliem com todo este mundo natural”* (BRANDÃO apud GRATÃO, 2001: 171).

Na verdade a nossa sociedade luta, briga, compete e não faz a experiência de viver e buscar nas imagens, nos fenômenos da natureza, o destino cenográfico em direção às imagens de beleza que

são plasmadas no nosso dia-a-dia. Nossa cultura, muitas vezes, não está capacitada para a percepção do mundo ao seu redor.

Os deuses entregaram aos Karajá a ação do olhar, a vida que compreende lutar, enfrentar, prosseguir, acumulando experiências, descobrindo mistérios, desvelando verdades. É por isso que, apesar de todo o contato imposto, eles conservam sempre o vôo dos pássaros, o olhar dos animais, o curso do Araguaia... numa relação de sintonia e harmonia do eterno existir, e resistir.

◆ **Estar junto com**

Prancha	Resposta	Página
VI	Dois macacos sentados juntos	120
I	Duas corujas sentadas juntas	114
II	Dois cachorros sentados juntos	114
III	Dois papagaios sentados	114
VII	Parece um mergulhão sentado	114
X	Dois guaribas segurando um ao outro	129
I	Dois jaburus olhando um para o outro	129
VII	Duas crianças olhando uma para outra	80
I	Dois cachorros se beijando	171

O arquétipo da capacidade de estar junto evoca e desperta situações de encontro. Revela a convivência da dualidade, mede a presença da estrutura ética, lúdica... Estar juntos é uma categoria existencial. Mais uma vez, os Karajá se apresentam com esta característica da relação do ser humano com a natureza, numa situação de dualidade.

Estar sentado junto, para eles, não significa esgotamento ou cansaço, é estar sentado ao lado de alguém, é chegar a uma plenitude da existência.

O espaço de estar junto é ocupado pelos seres vivos,
que proporcionam um verdadeiro encontro.

“De uma perspectiva fenomenológica, os espaços são vazios, abandonados, aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas... mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: ele é vivido.” (RELP, 1979: 8)

Nessa ótica de RELP, para os Karajá, o espaço de “estar com” é revelado no cotidiano, seja na relação com a natureza, seja com os animais ou com as pessoas.

Todos vivem a dimensão de co-dividir o espaço, de estar juntos numa relação de con-vivência.

◆ Dor e esperança

Prancha	Resposta	Página
X	Alguém estendendo a mão de longe	80
IX	Uma pessoa segurando o macaco ainda deitado	165
V	Morcego matando não sei o quê	165
II	O sangue do macaco	165

IV	Verme comendo carne de bicho	50
V	Uma borboleta voando não é normal é feiticeira	50
VI	Arraia rainha, uma mulher transformou para ficar poderosa, o corpo não é igual é tipo algodão	50
X	Escorpião quase falecendo	50

“Aconteceu em 1500, e hoje continua...Ele fez o mesmo papel que fez naquela época em 1500... Mataram nossos parentes, mataram nossos avós, mataram nossos rios, mataram nossa sabedoria, mataram tudo... Mas, tudo renasceu...” (Marcha e Conferência Indígena, 2000: 99)

Nessas imagens, estão plasmadas a dor ancestral e o

clamor de um povo que viu suas terras sendo invadidas, suas mulheres sendo violadas, os frutos sendo roubados, os rios contaminados, os vícios e as doenças do branco alastrando nas aldeias. Era o genocídio passando como um trator demolidor e que continua no presente, como podemos ver também no depoimento de Maura Titiá, Pataxó-Hã-Hã-Hã:

“Nós temos essa dor. E nós estamos vivendo até hoje com esse Cabral presente em nós. Basta ver que esse Cabral ainda se repete em nosso Brasil, em nossa Bahia. Em muitas coisas que sabemos que está acontecendo, mas eu acredito que cada irmão que está aqui, cada mulher que luta pela sua comunidade, cada cacique e liderança, cada índio que vier aqui, mesmo sem entender o que é essa Marcha dos 5000 anos... mas eles entenderam o que anda acontecendo com cada um de nós, o que estamos passando.” (Marcha e Conferência Indígena, 2000: 91)

Respostas apresentadas em alguns protocolos relacionados a histórias de vidas que estão descritas neste trabalho desvelam a dor da alma do povo Karajá que, nesses séculos, vem sofrendo todo o tipo de violência, discriminação, preconceito, abandono, doenças causadas pela prepotência do branco invasor.

As conseqüências da dominação cultural podem ser percebidas, recolhendo traços da violência sofrida. Foi através do Rorschach que a profundidade da dominação cultural mostrou-se melhor. Os conteúdos revelam as experiências sofridas no corpo e na alma, causadas por imposições culturais e religiosas.

4.2 A DOR DESVELADA NO PROTOCOLO DE S. KARAJÁ

O jovem S.K., citado no capítulo anterior, é um exemplo. Passou pelo internato de uma escola confessional proselitista, fora de sua aldeia e longe de seu povo e pela experiência da cidade grande. Nesta, experimentou formas degradantes da sociedade, como uma “fábrica de bichas”, como ele denominou um prostíbulo de homossexuais, onde morou. Fica uns tempos na aldeia e outro nos centros urbanos. Quando está na aldeia, passa a maior parte do tempo em São Félix do Araguaia.

S.K. traz em seu corpo marcas de tentativas de suicídio e da identidade feminina Karajá (pequenos traços tatuados no queixo). Em seu protocolo, as marcas de sua história também se fazem ver:

Prancha IV - *“Verme comendo carne de bicho”*.

Esta é a prancha do arquétipo viril. Reevoca as experiências antigas com relação à figura paterna que se mistura com autoridade e poder. A resposta, “verme comendo carne de bicho”, evoca deterioração, desvitalização.

Prancha V - *“Uma borboleta voando. Não é normal, é feiticeira”*.

Nesta prancha o indivíduo revela-se diante da realidade objetiva e comum. Também se relaciona com a auto-imagem e a auto estima, até mesmo corporal. Espera-se que o óbvio seja percebido. S.K. consegue ver a borboleta, mas não uma borboleta “normal”. Ela se apresenta como uma “feiticeira”. O feiticeiro, segundo M.K., é aquele que “joga flechas envenenadas”, que tem o poder de atingir o corpo e de provocar a doença e a morte. Com isso, traz transtorno e confusão na aldeia.

Na Prancha VI , estão mobilizadas experiências e vivências relativas à gestão da libido. A resposta: *“Arraia rainha. Uma mulher transformou para ficar poderosa. O corpo não é igual, é tipo algodão”*, revela como ele lida com sua própria genitalidade. É preciso se transformar para se sentir dono de sua cultura e de seus pensamentos.

4.3 A ESPERANÇA NA DOR DO VELHO LÍDER

Curandeiro, filho de curandeiro e respeitado líder de uma das três grandes famílias da aldeia Santa Isabel do Morro, M.K. é personagem integrante da história do contato de nossa cultura com a

dos povos indígenas. Sua história de vida foi relatada nas páginas 89-90. Suas respostas, diante das pranchas IX e X revelam a esperança, ou um pedido de socorro, buscando o enfrentamento, a interação com o outro e reevocam saudades do arquétipo materno-cultural. Enquanto na prancha V, com a resposta *“Morcego matando não sei o quê”* fica caracterizado o contato da cultura branca dominante, que fez dos Karajá funcionários e guardas. O Rorschach desvela a experiência de agressão à sua cultura, à sua forma de viver. Revela tudo o que foi sendo morto dentro dele (deles), e agora se mostra na ruptura do belo e da corporalidade, marcada por um vivente que mata... Caracteriza a dor que não tem mais o significado de liberdade e da realidade do senso comum, e por isso sofre ao perceber a sua auto-imagem, marcada pela separação de seu povo, de sua saída da aldeia.

A Prancha IX, que evoca a imagem maternal, induz às primeiras experiências de vida, tanto como existência pessoal quanto social. A resposta de M.K.: *“Uma pessoa segurando o macaco ainda deitado”* desvela o mundo hostil e a saudade do arquétipo materno, do cuidado, da panela grande e cheia, tão forte na experiência vivida do povo Karajá.

A Prancha X mede a capacidade do sujeito de interagir, colocando em ordem a realidade cotidiana, no seu aspecto social.

A resposta *“Alguém estendendo a mão de longe”* evoca as experiências de interação.

Estamos diante de uma poética do drama da dor. Olhando por esse lado, percebem-se traços de destruição, como se estivesse cortado o vínculo com a terra, com a natureza, com o Berohokÿ, com tudo o que tem de mais sagrado para eles.

4.4 A DOR E A ESPERANÇA

“As imagens trazem as marcas do sujeito”. E nessas imagens do desvelamento de sua pequena amostra trouxe a experiência vivida nas categorias do olhar, do estar junto, da dor da alma mascarada pelo contato perverso e prepotente da cultura dominante. Esta análise nos diz que os Karajá continuam lutando pela sobrevivência, pela preservação de sua cultura, de sua língua, dos seus mitos e ritos, como podemos contemplar ao lermos as histórias de vida e os protocolos dos participantes desta pesquisa. Percorrendo

este caminho longo e rico, passamos por um processo de reflexão profunda. E de olhar, olhar, contemplar... E é com emoção que agradecemos ao povo Karajá a oportunidade única que o contato com ele nos proporcionou, de conversas, de escuta e revelações, de investigação, de respeito e admiração, junto aos filhos (e filhas) do Berohokÿ.

Em síntese, o que este trabalho intencionou, foi estudar/investigar a experiência da existência, consciente e inconsciente do povo Karajá. Experiência esta, induzida a se desvelar nos depoimentos livres, nas entrevistas e nas variáveis Rorschach, entre as quais, imagens – falas e nomes.

O registro desta experiência marca uma nova possibilidade de compreender os povos indígenas, não sei se posso dizer assim, uma pequena jóia de antropologia vivida, no respeito e na gratuidade da acolhida.

Quem sabe, aqui, estamos contribuindo para um novo paradigma, no qual a psicologia, a antropologia e a sociologia se reconheçam como parceiras na interdisciplinaridade que a complexidade do tema exige.

O desafio é antigo. Alegrou-nos ver em Marcel Mauss, um dos mais respeitados cientistas do século passado, a mesma compreensão sobre a complementaridade da antropologia, sociologia e psicologia. LÉVI-STRAUSS na introdução à obra de Marcel Mauss, em

Sociologia e antropologia, diz:

“Assim, não é surpreendente que Mauss, convencido da necessidade de uma estreita colaboração entre sociologia e psicologia, tenha constantemente apelado ao inconsciente como o que fornece o caráter comum e específico dos fatos sociais...” (LÉVI-STRAUSS in MAUSS, 2003: 28)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Com os Tapirapé foram elas plantar a sua roça e aprender a pescar. Com as mulheres saíram ao rio buscar água para os afazeres da casa, para lavar roupa ou tomar o seu banho: ‘Nós nos encarregamos do transporte da água, que é sempre o trabalho das mulheres Tapirapé.’” (Irmãzinhas de Jesus, 2002: 14)

Como já vimos no primeiro capítulo, a maior parte dos povos indígenas do continente foi exterminada ao longo do processo de colonização – genocídio físico e cultural. Poucas nações sobreviveram. Entre elas, os Karajá. Talvez por força de um apego incomum à sua cultura. O contato foi destruidor, perverso, prepotente. Mas existiram e existem outras formas de contato, que souberam/sabem respeitar e ouvir os povos já existentes aqui, até assumindo a sobrevivência física e cultural deles como, por exemplo, as Irmãzinhas de Jesus com os Tapirapé, no Mato Grosso.

Desde 1952, elas moram na aldeia, numa casa como a dos indígenas, assumindo a mesma alimentação e o mesmo modo de vida desse povo.

A ousada práxis das Irmãzinhas foi testada e aprovada por um extenso período de mais de 50 anos:

“A autenticidade dessa aliança precisava ser verificada e selada no dia-a-dia no sol, no vento, no banho no rio, na luta pelo alimento, na preservação da saúde, na manutenção da cultura tradicional, na luta pela terra a ser conquistada frente à ameaça dos grandes com a conivência dos governantes. Na esperança com certeza, mas também na dor, na alegria nas riquezas e nos limites de um lado e do outro.” (Depoimento das Irmãzinhas)

Esta forma de contato – este con-viver – foi benéfica e salutar para o povo Tapirapé, como também para seus vizinhos Karajá. A presença inculturada das

Irmãzinhas, essa maneira de se fazer uma com eles, como a própria fundadora lhes recomendou: *“Vocês se farão Tapirapé para, daqui, irem aos outros e amá-los... Mas serão sempre Tapirapé”*, resultou no “renascer”, no revigoramento de um povo, na ocasião prestes a se extinguir, com uma população de menos de 50 pessoas, hoje aumentada para quase 500.

Os depoimentos das Irmãzinhas e de antropólogos que testemunharam essa presença, como Darcy Ribeiro e André Toral, trazem uma nova luz ao nosso trabalho. Iluminados por ela, chegamos ao final do percurso de uma longa viagem, cujo objetivo era alcançar o “Reino dos Karajá”. O encanto do contato, que sempre trouxe junto preocupação diante dos sofrimentos e dificuldades que os Karajá estão enfrentando, mas também sustentada pela esperanças de uma utópica “Terra sem males,” aprendemos um pouco a olhar com o olhar deles, à luz do imenso mistério de sua origem, de sua cultura, de suas lutas.

Nesse percurso, vimos que cada parte da terra é sagrada para os povos indígenas. Cada palmo do Berohokÿ é sagrado para os Karajá – os homens e mulheres da água, da terra e do céu.

Mas existe também a “herança” de nossa civilização, como o alcoolismo, a subnutrição, o processo de desestruturação social, o consumismo, a dependência do poder público, a questão da identidade, a introdução de valores religiosos estranhos à sua cultura.

As transformações que ocorreram e continuam ocorrendo no mundo Karajá, aparecem nos protocolos de Rorschach, bem como nas histórias de vida e escuta etnográfica.

Os dados e os resultados da pesquisa não revelam verdades absolutas, e nem têm a pretensão de “explicar” o momento processual dos Karajá.

Mas são, sim, uma real contribuição da psicologia que, somada a outras contribuições científicas, como a da antropologia e da sociologia, entre outras, poderá trazer resultados significativos, se as questões aqui levantadas forem objeto de ulterior aprofundamento e/ou investigação.

Uma outra questão não menos importante e que o historiador BEOZZO (2000: 15 – prefácio de *O renascer do povo Tapirapé*) traz, é que

“por séculos o olhar sobre o universo indígena foi quase que exclusivamente masculino. Nos últimos quarenta anos, tivemos a riqueza de uma olhar diferente de ANTROPÓLOGAS que construíram uma visão complementar, e por vezes contrastante, do universo indígena ...” (Irmãzinhas de Jesus, 2002:15)

Nós trazemos o olhar feminino, na perspectiva da psicologia científica fenomenológica, de quem esteve por uma década no campo da pesquisa.

A amostra de 40 protocolos em língua Karajá é uma riqueza que merece ser mais explorada. Veio à tona a imagem, o rosto de um povo milenar, que se apresenta com suas cores e uma invejável comunhão com a natureza e o mundo que o cerca. Mas veio também a dor causada pelo contato.

Constatamos, entre os que estão mais expostos ao contato, perda da produtividade, reflexo do estresse e, muitas vezes, perda do referencial que repercute, no processo perceptivo, como o choque diante de algumas categorias importantes para eles. PETRELLI já havia constatado, em 1989 [s.p.]: *“Os índios carajás de fato são aqueles que mais sofrem pelos contatos com a cultura dos brancos pagando com isso a perda da integridade da identidade originária”*.

Sem dúvida, as respostas aos protocolos são clamores que evocam a vida quando ainda existia a harmonia com a natureza, como também fazem ecoar o brado de dor e de esperança da “Terra dos males sem fim”.

O encontro das duas culturas, a nossa e a dos Karajá, traz um desafio comum. Trata-se de superar os pré-conceitos raciais e culturais e investir na construção de relações pautadas pelo conhecimento, pelo respeito e pela cooperação.

O “Paraíso perdido” ou a “Terra sem males” são a utopia da humanidade, o sonho compartilhado por todas as culturas.

O povo indígena, o povo Karajá tem o seu lugar neste imenso universo pluricultural. Nós temos uma dívida para com esses povos, e eles têm o direito de exigir o resgate dessa dívida, como bem diz o bispo poeta Pedro Casaldáliga, em parceria com o também poeta Pedro Tierra:

Exigi,
com recibo de raízes e sangue,
o direito supremo que vos cabe!

Não queirais ser postal televisivo de Presidente ou Governador,

agenda de ministro em reportagem
ou granja de Autarquia...

Não queirais ser vitrina arqueológica de fósseis para-humanos,
nome de rua exótico,
vergonha em rua rio sem memória,
festiva nostalgia de falso carnaval de um Povo vítima...
Nem menos queirais ser
história pervertida da Missão,
martírio de um Martírio utilizado,
escusa prostituta de Evangelho!...

Irmãos:
nem sois menores,
nem mortos,
nem ausentes!

Vós sois a nossa Causa

(causa de nosso pranto envergonhado,
causa de nossa incólume Esperança).



10

(Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, 2000:101)

¹⁰ Foto: Diego Pelizzari, Edson Caetano, Egon Heck, Fernando López, Francisca Picanço, Ivo Souza, J. Roshá, Rosa Gauditano, Terezinha Weber, Danielle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS, Isabel. *Teoria e prática do teste de Rorschach*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Anais da Província de Goiás – 1863*. Brasília, DF: Governo de Goiás/Sudeco, 1979.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- AZOUBEL NETO, David. *Mito e psicanálise: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas de pensamento*. Campinas: Papirus, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- BELO, Ângela A. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.
- BEOZZO, José Oscar. Prefácio. In: IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld*. São Paulo: Salesiana, 2002.
- BICUDO, M.A.V. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Moraes, 2000.
- BINSWANGER, Ludwig. *Per un'antropologia fenomenológica – Saggi e conferenze psichiatriche a cura di Ferruccio Giacanelli*. Trad. dal tedesco di Enrico Filippini. Prima edizione italiana: maggio 1970. Milano: Editore Milano. (Título dell'opera originale: *Ausgewählte Vorträge und Aufsätze*. A.Francke AG, Verlag, Bern, 1955.)
- CAMPOS, R. H. de F., GUARESCH, P. (orgs.). *Paradigmas em psicologia social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASALDÁLIGA, Pedro, TIERRA, Pedro. *Ameríndia, morte e vida*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHABERT, Catherine. *A psicopatologia no exame de Rorschach*. Trad. Nelson da Silva Jr. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- CHAUÍ, M.S. *Convite à filosofia*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). *Marcha e conferência indígena*. Brasília-DF: CIMI, 2000

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Textos e pretextos sobre educação indígena. *Revista da Articulação Nacional de Educação*, Ano I, n. 1. Brasília-DF: CIMI, mar. 2001.

DISTECHY, Hans. Cultura como sistema Psico-higiênico. In: SCHANDEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Biblioteca Universitária, Ed. Nacional, 1976.

ECKERT, Cornelia. Memória e identidade. *Cadernos de Antropologia*, n. 11. Porto Alegre, 1993.

EXNER, John E. *Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo*. Trad. Antônio Carlos Pacheco. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

FARR, Robert M. *As raízes da psicologia social moderna*. 5.ed. Trad. Pedrinho Guaresch e Paulo V. Maya. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg, VOGLER, Paul. *Antropologia biológica*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1977

GAUDITANO, Rosa. *Índios: os primeiros habitantes*. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 1998.

GIORGI, A. *A psicologia como ciência humana: uma abordagem fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GIORGI, A. *Phenomenology and psychological psychology*. Pittsburg PA: Duquesne University Press, 2000.

GOMES, Mércio Pereira. *Os Índios e o Brasil: Ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1988

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Trad. Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *A poética d' "O Rio"... Araguaia! De cheias ... E ... Vazantes (À) Luz da Imaginação*. São Paulo: Departamento de Geografia da USP, 2001. (Dissertação, Mestrado)

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. (Parte I)

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*: tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUISMAN, Denis. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

INSTITUTO DE TREINAMENTO E PESQUISA EM GESTALT-TERAPIA DE GOIÂNIA – ITGT. *Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica – O aqui e o agora gestáltico. Olhando retrospectivamente para a frente*”, maio 2004.

IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld*. São Paulo: Salesiana, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Trad. de Inácia Canelas. Lisboa: Martins Fontes, 1952

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *Hetohokÿ: um rito Karajá*. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *Alteração de comportamento em criança Karajá da Aldeia Santa Isabel do Morro*. Relatório de Atividades. UCG – Goiânia, 1997.

LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Internet, site www.pegue.com/indio/karaja.htm, 1999.

MACHADO, O.X. *Os Carajás (Inan-Son-Uerá)*. Contribuição ao estudo dos indígenas brasileiros, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia: Tradução Paulo Neves*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

McCULLY, R.S. *Rorschach: Teoria e simbolismo – uma abordagem junguiana: Tradução Vera Lúcia Batista de Souza*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, [s.d.].

MIRANDA, L. de A. *A aldeia do lago escondido*. São Paulo: Teribré, 1978.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Creusa Salette. *Alteração de comportamento entre crianças Karajá*. São Félix do Araguaia-MT, 2000. (Pesquisa)

OLIVEIRA, Creusa Salette. *O poder de indução da cultura dominante no mundo Karajá*. UCG/Associação Goiana de Psicodiagnóstico de Rorschach e Outras Técnicas Projetivas – Curso de Formação-Especialização em Rorschach (Trabalho de conclusão de curso). Goiânia: UCG, 1997.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa. *Tribalismo indígena, ideal comuno-missionário para o Brasil no século XXI*. São Paulo: Ed. Vera Cruz, 1977.

OPAN/CIMI. *Índios em Mato Grosso*. [s.l.]: [s.ed.], 1987. (Dossiê)

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. *O povo invisível*. Goiânia: UCG, 1994.

PETRELLI, Rodolfo. *Curso de formação especialização em Psicodiagnóstico de Rorschach*. Goiânia: Associação Goiana de Rorschach e outras Técnicas Projetivas, 1995. (Apostila)

PETRELLI, Rodolfo. *Para uma psicoterapia em perspectiva fenomênico-existencial*. Goiânia: UCG, 1999.

PETRELLI, Rodolfo. *Observações às margens de uma Tese Doutoral de 1989 sobre grupos indígenas do Centro-Oeste brasileiro investigados comparativamente pelo Psicodiagnóstico de Rorschach*. Comunicado em mesa redonda para o Congresso Latino Americano de Rorschach. Rosário/Argentina, 2001a.

PETRELLI, Rodolfo. *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG, 2001b.

PUTTKANNER, W. Jesco von. *Cunhatãs e curumins: criança indígena brasileira*. Goiânia: UCG, 1991.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. *Revista de Geografia*, v 4, n. 7, 1979.

REZENDE, Antônio M. *Concepção fenomenológica em educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RORSCHACH, Hermann. *Psicodiagnóstico: método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção: interpretação de formas fortuitas*. 3.ed. Trad. Marie Sophie de Villemor Amaral. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. *Xakriabá: identidade e história – Relatório de Pesquisa*. Brasília: Departamento de Antropologia UnB, 1994.

TORAL, André Amaral de. *Cosmologia e sociedade Karajá*. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1992.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAZ, Cícero Emídio. *O Rorschach – Teoria e desempenho*. 2ª ed. Rev. Ampl. São Paulo: Manole, 1986.

A N E X O 1

PROTOCOLO DE RORSCHACH

GRUPO A

KARAJÁ COM CONTATO

PROTOCOLO DE RORSCHACH

IDENTIFICAÇÃO

Nome: S.K. Idade: 20 anos Sexo: M Escolaridade: 8ª série

I- TL:15" TT:1'30"

- 1) Tyrehe
- 2) Iny tati ohy rirasenymy

- 1) Morcego
- 2) Uma pessoa agachada

II- TL:20" TT:1'48"

- 1) "Urso" wi riryto wesemy
- 2) Wee wesemy
- 3) Iny-de rasunymhyre wesemy (iuraki)

- 1) Parece urso beijando
- 2) Parece parte da barriga
- 3) Carne do ser humano podre (no branco)

III- TL:30" TT:2'10"

- 1) Inotxi iny aõbõ rimirery, iny hãubu rirÿsÿreri, ituemyhyreu iura-my roimyyhyre.

- 1) Duas pessoas pegando alguma coisa, comendo sangue do ser humano, quando termina fica branco.

IV- TL:8" TT:1'25"

- 1) Irodu ãxi -ò, toti
- 2) Ixÿdo irodu-de rirorerimy

- 1) Ombro e pescoço do animal
- 2) Verme comendo carne de bicho

V- TL:15" TT:1'50"

- 1) Otxixa sohoji ruomy obtimy aõkõ tãsy hàri

- 1) Uma borboleta voando não é normal é feiticeira

VI- TL:10" TT:1'30"

- 1) Boro hywem kawyy sohoji rexirahorera ityhymy rarekremy iumy iwesemy aõkõ esõde wesemy

- 1) Arraia rainha, uma mulher transformou para ficar poderosa; o corpo não é igual é tipo algodão

VII- TL:18" TT:1'30"

- 1) Ariari ruara tadi ribi wihujumy Orabi myna tyre-Ki runyreri wesemy

- 1) Girino saiu da mãe é gêmeo
- 2) Parece macaco sentado na pedra olhando

VIII- TL:19" TT:1'48"

- 1) Inatxi txuxo, bemy riõkomy risunyreri bero-Ki

- 1) Dois quatis, estão quærendo beber água no rio

IX- TL:8" TT:1'15"

- 1) Myna sohoji, wãdãtxuu be -ò ratyytybynymy

- 1) Uma pedra e fumaça, o sol refletindo a água

X- TL:13" TT:1"

- 1) Odemahí irubu iohomy
- 2) KaKi heoty rimyra, heoty wese

- 1) Escorpião quæ falecendo
- 2) Aqui pegou fogo parece fogo

CODIFICAÇÃO

- S.K. 20 anos
- I- 1) DF+A
2) DF+KpH
3) DF+Hd
4) DdF+Hd
- II- 1) GF Clob Kobj
- III- 1) DF+A
2) DbIF+A
- IV- 1) DGF+A
2) DF+obj.
- V- GF+A
- VI- 1) DGF+A
2) DF+obj.
- VII- 1) GF+bot
2) GDbI F+A
3) DFma+Abot
- VIII- 1) DF+A
2) DF=Anat
- IX- 1) DKpH.obj
- X- 1) DF+A

PSICOGRAMA

S.K. 20 anos

$\Sigma R = 19$	
R+= 17	89%
R-= 2	11%

Abrangência

$\Sigma G = 4$	
G+= 4	100%
DG = 2	100%
$\Sigma D = 12$	
D+ = 11	91%
D- = 1	9%
Dbl = 2	100%

Determinantes

$\Sigma F = 18$	
F+ = 16	89%
F- = 2	11%
Kp = 2	
ma+ = 1	
Kobj = 1	

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo

Secundário: 3(K):(C) = Coartativo

Conteúdo

H = 2	
Hd = 2	Anat = 1
A = 10	
obj = 4	
ot = 1	

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.K.

Idade: 20 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:10" TT:50"

1) Aõkõre

1) Não foi visto nada. (Rejeição)

II- TL:15" TT:1'10"

1) Ijorosa rati inatxi

1) Duas cabeças de cachorros

III- TL:8" TT:59"

1) Òròbi rati

1) Cabeça de macaco

IV- TL:15" TT:1'

1) Oworu raruti

1) Toco de pau

V- TL:15" TT:53"

1) Tyrehe

1) Morcego

VI- TL:20" TT:1'40"

1) Aõkõre

1) Não foi visto nada. (Rejeição)

VII- TL:12" TT:49"

1) Tule aõkõre

1) Também não

VIII- TL:15" TT:1'30"

1) Holõe ijamary reareri

1) Onça correndo

IX- TL:8" TT:54"

1) Aõkõre

1) Não foi visto nada. (Rejeição)

X- TL:5" TT:1'10"

1) Aõkõre

1) Não foi visto nada. (Rejeição)

CODIFICAÇÃO

W.K.	20 anos
I-	1) Rejeição
II-	1) DF+Ad
III-	1) DF+Hd
IV-	1) GF+Nat
V-	1) GF+A
VI-	Rejeição
VII-	Rejeição
VIII-	DFma+A
IX-	Rejeição
X-	Rejeição

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.S.K.

Idade: 28 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:10" TT:2'30"

- 1) Tyrehe ruomy irodusomodi tawaki
- 2) Iny sohoji)d) teho-di biutxi, rexiwomy aõwebrokibo
- 3) Iny umy
- 4) Uladu rati bedeyky-ki irade biutxi

- 1) Morcego voando com bichinhos nos pés
- 2) Uma pessoa com as mãos para cima, escondida atrás de alguma coisa
- 3) Corpo de uma pessoa
- 4) Cabeça de criança no meio de uma moita com cabelo arrepiado

II- TL:18" TT:56"

- 1) Tocha sohoji "olimpiada" ludu

- 1) Uma tocha olímpica acesa

III- TL:20" TT:1'30"

- 1) Irodu Golfo myna tyreki
- 2) Iuraki nawiihikÿ widee rexiloromy

- 1) Animais golfo em cima de uma pedra
- 2) Na parte branca um gavião encostando com o outro

IV- TL:8" TT:50"

- 1) Iny tityby

- 1) Esqueleto do ser humano

V- TL:10" TT:48"

- 1) Otxixa tahynawoki

- 1) Borboleta no casulo

VI- TL:15" TT:1'10"

- 1) (O)Boro mar-my rÿimyhÿre
- 2) Iòlò mayrehe

- 1) Arraia do Mar
- 2) Uma espada de um príncipe

VII- TL:10" TT:2'20"

- 1) Bederode sohoji ydò bireki
- 2) Broreni hawwy rati, kaki iò tasÿ tōhōti
- 3) Inatxi txuxò rawakrytomy, widi retehemy oworu tyreki

- 1) Uma planta cactos perto de um cupim
- 2) Cara de uma vaca, aqui o chifre e a orelha
- 3) Dois quatis pulando, olhando um para o outro em cima de um galho

VIII- TL:6" TT:1'10"

- 1) Asy raowonyreri wesemy oworu tyreki
- 2) Weryri, hawwy tyrawo-ki roimyhÿre

- 1) Parece um Guariba subindo um galho
- 2) Intestino, ovário e útero

IX- TL:15" TT:58"

- 1) Sohoji iny rÿmy runyrery mōawa rimymy idi rehumy inyõ-ò

- 1) Uma pessoa sentada segurando uma arma e atirando em alguém

X- TL:10" TT:35"

- 1) Odemahi

- 1) Caranguejo

CODIFICAÇÃO

K.S.K. 28 anos

- I-
 - 1) DF+A
 - 2) DF+KpH
 - 3) DF+Hd
 - 4) DdF+Hd

- II-
 - 1) GFClob Kobj

- III-
 - 1) DF+A
 - 2) DdbIF+A

- IV-
 - 1) DGF+A
 - 2) DF+obj

- V-
 - 1) GF+A

- VI-
 - 1) DGF+A
 - 2) DF+obj

- VII-
 - 1) GF+Bot
 - 2) GDbIF+A
 - 3) DFma+A bot

- VIII-
 - 1) DF+A
 - 2) DF-Anat

- IX-
 - 1) FDKpH.obj

- X-
 - DF+A

PSICOGRAMA

K.S.K. 28 anos

$\Sigma R = 19$
R+ = 18 91%
R- = 1 9%

Abrangência:

$\Sigma G = 4$
G+ = 4 100%
 $\Sigma D = 12$
D+ = 11 91%
D- = 1 9%
Dd = 2
Ddbl = 2

Determinantes:

$\Sigma F = 18$
F+ = 17 91%
F- = 1 9%
Kp = 2
Kobj = 1
ma+ = 1

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo
Secundário: 3(K):O(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 2
Hd = 2
A = 10
obj = 4
bot = 1
Anat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.H.K. Idade: 32 anos Sexo: M Escolaridade: 2º grau

I- TL:8" TT:1'18"

1) Inatxi hãbu wii riãxotimy-my debo-di inatxi myy

1) Dois homens abraçados com as duas mãos assim

II- TL:10" TT:2'10"

1) Inatxi urso wesemy rexibedetxiny my debo-di inatxi myy (riryrymy)

1) Parece dois ursos abaixados com as duas mãos assim (movimentando)

2) Irodu sômõ txytyhãky wesemy ohãri wesena

2) Parece um bichinho que dá coceira, tipo carrapato

III- TL:5" TT:2'50"

1) Myy òhòrati wesemy

1) ↓Assim parece uma mosca

2) Iny inatxi wesemy àòdi kōmi ãobõ cōdi itymady-y my risunyreri

2) Parece duas pessoas tentando ou levantando alguma coisa

IV- TL:10" TT:2'38"

1) Iròdu biu wetyy my rÿimyhÿre weseny, urso wesemy iwanihikÿmy, tules iròdu ty wesemy (ruberyre)

1) Parece um bicho da neve. Parece um urso com pesão, também parece um couro de animal (Assusta)

V- TL:7" TT:1'50"

1) Otxixa wesemy

1) Parecendo uma borboleta

2) Prea yja-yja kia wa wesemy

2) Parece perninhas de preazinha

VI- TL:15" TT:1'54"

1) Ahula tyÿ wesemy

1) Parece um couro de lobo

2) Iura ixÿni suku wesemy

2) No branco parece um focinho de porco

VII- TL:18" TT:1'59"

1) Javali suku wesemy

1) Focinho de javali

2) Hamy tyra ludu wesemy

2) Parece um útero de mulher

VIII- TL:12" TT:2'25"

1) Inatxi gambas

1) Dois gambás

2) Kaki defunto rati

2) Aqui cabeça de defunto

3) Super-homem tytyby wesemy

3) Esqueleto do super-homem

IX- TL:15" TT:1'52"

1) Iròdu rati wesemy

1) Parece cabeça de animal

2) Iura-ki sohoji iny, irade, ityy-tasy ihãbu ijōmy

2) No branco parece uma pessoa o cabelo, o vestido é uma noiva

X- TL:5" TT:1'40"

1) Inatxi Leão wesemy

1) Parecendo dois leões

2) Algas Marinhas Marmy rÿinyhÿre wesemy

2) Parecendo Algas Marinhas no mar

CODIFICAÇÃO

W.H.K. 32 anos

- I- 1) DF+H
2) DF+Hd
- II- 1) DF+A
2) Dma-A
- III- 1) DdbIF+A
2) GMH
- IV- 1) GF+A
- V- 1) GF+A
2) DdF+Ad
- VI- 1) DF+A
2) DdIF+Ad
- VII- 1) DF+Ad
2) DF-Anat
- VIII- 1) DF+A
2) DdbIF-Hd desv.
3) DdbIF-(H) desv.
- IX- 1) DF(c)A
2) DdbIFCH original
- X- 1) DdF+A
2) DFCA

PSICOGRAMA

W.H.K. 32 anos

$\Sigma R = 18$	
R+ = 15	83%
R \pm = 1	5,5%
R- = 2	11,5%

Abrangência:

$\Sigma D = 9$	
D+ = 7	78%
D \pm = 1	11%
D- = 1	22%
$\Sigma Ddbl = 3$	
Ddbl+ = 1	33%
Ddbl- = 2	67%
$\Sigma Dd = 2$	
Dd+ = 2	100%

Determinantes:

$\Sigma F = 15$
F+ = 13
F- = 2
FC = 1
(C) = 1
ma- = 1
M = 1

TRI

Primário: 1M:1C = Coartativo
Secundário: 1(K):1(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 2
Hd = 1
(H) = 1
A = 9
Ad = 3
Anat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: I.K. Idade: 18 anos Sexo: M Escolaridade: 8ª série

I-	TL:10"	TT:40"	
1)	Òdemahi		1) Caranguejo
II-	TL:20"	TT:1'10"	
1)	Ybòdò		1) Beija-flor
III-	TL:5"	TT: 1'8"	
1)	↓ Oròwete		1) Sapo
IV-	TL:20"	TT:1'20"	
1)	Aõkãhyky		1) Nãovejo nada. (Rejeição)
V-	TL:15"	TT:1'22"	
1)	Tyrehe		1) Morcego
2)	Usehewe wati		2) Perna de ema
VI-	TL:10"	TT:56"	
1)	Aõkãhyky		1) Nãovejo nada. (Rejeição)
VII-	TL:15"		
1)	Ritxòò		1) Boneca de Cerâmica
VIII-	TL:20"	TT:2'50"	
1)	Hãòì		1) Onça
2)	Ijòròsa		2) Cachorro
3)	Otxuruku lýtýwesemy		3) Teia de aranha
IX-	TL:12"	TT:2'	
1)	Jyiyi rue		1) Olho de cigarra
2)	Dore		2) Papagaio
X-	TL:5"	TT:30"	
1)	Sei		1) Grilo

CODIFICAÇÃO

- I.K. 18 anos

- I- 1) DF+A
- II- 1) DdbIF+A
- III- 1) DdbIF+A
- IV- Rejeição
- V- 1) GF+A
2) DF+Ad
- VI- Rejeição
- VII- 1) GM(H)
- VIII- 1) DF+A
2) DF+A
3) DbIF+A
- IX- 1) DF+Ad
2) DF+A
- X- 1) DF+A

PSICOGRAMA

I.K. 18 anos

$\Sigma R = 12$
R+ = 12 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$
G+ = 1 100%
 $\Sigma D = 7$
D+ = 7 100%
Dbl = 3

Determinantes:

$\Sigma F = 11$
F+ = 11 100%
M = 1

TRI

Primário: 1M:0C – Coartativo
Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
A = 9
Ad = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 24 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:10” TT:1’50”

- 1) Tyrehe wese
- 2) Kueu wese

- 1) Parece um morcego
- 2) Parece coelho

II- TL:12” TT:1’58”

- 1) “Girafa” Rati
- 2) Ikura-ki
Ybòdò ruhura nōirasa
tyreki nōirasa ritòreri

- 1) Cabeça de girafa
- 2) No branco (ybàdò) beija-flor (passarinho) está parando em cima da flor está chupando a flor

III- TL:10” TT:1’53”

- 1) Kròbi
- 2) Tyrene

- 1) Macaco
- 2) Morcego no meio branco

IV- TL:8” TT:2’10”

- 1) Hemylala Rati
- 2) Broreni rati
- 3) Kòrera

- 1) Cabeça de pirarára
- 2) Cabeça de vaca
- 3) Jacaré

V- TL:15” TT:53”

- 1) Tyrehe

- 1) Morcego

VI- TL:10” TT:1’51”

- 1) Itxioròsa ritxore
- 2) Nawikihiky rati

- 1) Cachorrinho
- 2) Cabeça de gavião

VII- TL:12” TT:2’30”

- 1) Itxòrosa
- 2) Ixyni rati
- 3) Txuxò Nòheraru

- 1) Cachorro
- 2) Cabeça de porquinho
- 3) Rabo de quati

VIII- TL:10” TT:2’5”

- 1) lowty
- 2) Odé (tipo quati)
- 3) Iny

- 1) Rato
- 2) Ouriço caceiro
- 3) Pessoas

IX- TL:10” TT:3’20”

- Raby kō kykylera
- 1) Hāwykynimÿraha rati (bera ki rasÿnymyhÿri)
 - 2) Kuladu ijōdireri
Karahitxi raueokuki

- Não vejo nada
- 1) Tem cabeça de jibóia (mora na água)
 - 2) Tem criança aqui em baixo

X- TL:20” TT:2’50”

- 1) Kotxuruku
- 2) Hānike
- 3) Āhadu

- 1) Aranha
- 2) Galinha
- 3) Lua

CODIFICAÇÃO

- M.K. 24 anos
- I- 1) GF+A
2) DF+A
- II- 1) DG+Ad
2) DbIF+ma+A
- III- 1) GMH
2) DdbIF+A
- IV- 1) DdF+A
2) DF+A
3) DF+A
- V- 1) GF+A
- VI- 1) DF+A
2) DdF+Ad
- VII- 1) DF+A
2) DdF+Ad
3) DdF+Ad
- VIII- 1) DF+A
2) DF+A
3) DdFCH
- IX- 1) DdFCA
2) DF+H
- X- 1) DF+A
2) DdF+A
3) DdF+Nat

IDENTIFICAÇÃO

Nome: A.H.K.

Idade: 18 anos

Sexo: F

Escolaridade: 8ª série

I- TL:10" TT:40"

1) Tyrehe wesemy

1) Parece morcego

II- TL:5" TT:50"

1) Bòrò wese

1) Parece arraia

III- TL:20" TT:1'30"

1) Kotxu ruku wese

1) Parece Kutirucu

IV- TL:25" TT:2'10"

1) Rusara wese irodu debure –
ruberura

1) Parece... esqueceu... um bicho mau
– assusta

V- TL:10" TT:1'50"

1) Kotxixa wese

1) Parece uma borboleta

VI- TL:20" TT:1'10"

1) Bòrò wese

1) Parece arraia

VII- TL:25" TT:1'18"

Rejeição

Rejeição

VIII- TL:30" TT:1'50"

1) Inatxi wariri wese

1) Parece dois tamanduás

2) Nõre sò wese

2) Parece camiseta vermelha

IX- TL:15" TT:2'10"

1) We wokuki ryireri – coração, bexi,
etc.

1) Parece dentro de uma barriga:
coração pulmão e etc .

X- TL:13" TT:1'58"

1) Inatxi kotxururu wese

1) Parece duas aranhas

2) Iny loti wese

2) Parece pescoço de gente

CODIFICAÇÃO

A.H.K. 18 anos

I- 1) GF+A

II- 1) DbIF+A

III- 1) DF+A

IV- 1) GkpA

V- 1) GF+A

VI- 1) DF+A

VII- Rejeição

VIII- 1) DF+A ban
2) DFC+obj

IX- 1) DbIF+Anat

X- 1) DF+A ban
2) DdF+Hd

PSICOGRAMA

A.H.K. 18 anos

$\Sigma R = 11$
R+ = 11 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 3$
G+ = 3 100%

$\Sigma D = 5$
D+ = 5 100%
Dd = 1
Dbl = 2

Determinação:

$\Sigma F = 10$
F+ = 9 90%
F± = 1 10%
Kp = 1

TRI

Primário: OM:OC = Coartado
Secundário: 1(K):O(C) Coartativo

Conteúdo:

Hd = 1
A = 8
Anat = 1
obj = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.K. Idade: 34 anos Sexo: F Escolaridade: 8ª série

I- TL:12” TT:1’50”

- 1) Tyrehe
- 2) Wawyy umy

- 1) Morcego
- 2) Corpo de mulher

II- TL:10” TT:1’48”

- 1) Iny umy-kre

- 1) Parte das pessoas, ovário, útero e bacia

- 2) Iso-ki halubu

- 2) No vermelho sangue

III- TL:12” TT:1’10”

- 1) Iny umy-kre isidi retehemy

- 1) Parte de gente se olhando

IV- TL:15” TT:2’20”

- 1) Aõni bederahy ludu wese inihikymy myÿ tebody (tebo riteosinymy Aõdi imynyny risyny)

- 1) Parece um bicho do mato, grande fazendo assim com as mãos (movimenta as mãos para frente como se estivesse querendo agarrar)

V- TL:20” TT:1’50”

- 1) Dtxixa ruorerimy

- 1) Borboleta, está voando

VI- TL:15” TT:1’5”

- 1) Boro sohoji

- 1) Uma arraia

VII- TL:13” TT:2’50”

- 1) Sohoji orowete

- 1) Um sapo

- 2) Snyeawoni-si

- 2) Cérebro de pessoa

VIII- TL:19” TT:2’55”

- 1) Inatxi leãowesemy òwòmÿ

- 1) Parecendo dois leões

IX- TL:20” TT:2’20”

- 1) Iy sonity wese hanyy umy

- 1) Parece com a coluna das pessoas do corpo de mulher
- 2) Pênis de homem

- 2) Pênis we Tori (tori)

X- TL:15” TT:3’50”

- 1) Iny umy wese

- 1) Parece corpo de gente (está muito mobilizada)

- 2) Urile robura aparelho quimioterapia Araújo Jorge ludu-wese wanohoti nadi-txi rea câncer – di rurure

- 2) Começa a chorar... Parece aparelho de Quimioterapia de Araújo Jorge – lembra minha mãe quemorreu de câncer

- 3) Hãwÿky tira

- 3) Parte do útero de mulher

CODIFICAÇÃO

W.K. 34 anos

I- 1) GF+A
2) DF_H

II- 1) DF-Anat
2) D C Sang

III- 1) DdKpHd

IV- 1) GF+ma+A

V- 1) GF+ma+A

VI- 1) GF+A

VII- 1) DbIF+A
2) DF-Anat

VIII- 1) DF+ma+A

IX- 1) DbIF-Anat

X- 1) DF+H
2) DF+obj
3) DdF-Anat

PSICOGRAMA

W.K. 34 anos

$\Sigma R = 16$	
R+ = 11	68%
R- = 15	32%

Abrangência:

$\Sigma G = 4$	
G+ = 4	100%
$\Sigma D = 7$	
D+ = 4	57%
D- = 3	43%
$\Sigma Dd = 3$	
Dd+ = 2	75%
Dd- = 1	25%
$\Sigma Dbl = 2$	
Dbl+ = 1	50%
Dbl- = 1	50%

Determinantes:

$\Sigma F = 14$	
F+ = 10	72%
F- = 4	28%
Kp = 1	
mat+ = 3	

TRI

Primário: 3M:OC = Coartativo

Secundário: 1(K):O(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 2
Hd = 1
A = 6
nat = 3
Sangue = 1
Anat = 1
obj = 1
sexo =

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.M.K.

Idade: 22 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:10" TT:2'15"

1) Tyrehe ruomy oworu-o rÿmy risynyeri tai rexiukÿnykemy

II- TL:15" TT:3'20"

1) Ijòròsa sohoji

2) Sohoji boro mar ludu

3) Ijare hyna raberemy sor hoji Rutxuenyia! Tebo co-o ritgdira

III- TL:12" TT:2'58"

1) Buhã noãxi to buhã rati

2) Oworu rubu-kre

3) Holòe rali ikremy (iuraki)

IV- TL:20" TT:2'5"

1) Ijòròsa rowòlohomy

2) Aõni rati, owòru webro-ki

V- TL:10" TT:1'53"

1) Aõma-my rabireri hãnieti-my

2) Òtxixa rati

VI- TL:20" TT:1'58"

1) Aõmy rabiõhykyreri Rutxuenyra

VII- TL:10" TT:2'10"

1) Ori ratilemy rebireri retehemy

2) Hãlòeni noheroru resemey

VIII- TL:18" TT:1'48"

1) Inatri Hãlòemy

2) Bedebute Kati txiàtiri

IX- TL:15" TT:43"

Ãõmy rabiõhykyreri

X- TL:20" TT:3'40"

1) Otxuku sohoji, odemahi

2) Sohoji òròbi

3) Iny iÿjayjamÿ, tera, tebole toi inyhikymy

1) Morcego voando querendo pendurar no pau para balançar

1) Um cachorro

2) Uma arraia do mar

3) Pendurado Sorriu! Colocou a mão no rosto

1) Rabo de boto e cabeça de boto

2) Pedaco de pau quebrado

3) Parte da cabeça de uma onça (no branco)

1) Cachorro latindo

2) Cabeça de um monstro atrás de uma árvore

1) Estou vendo perna de frango que as pessoas chama de batata

2) Cabeça de borboleta

1) Não estou vendo nada. (Rejeição) Sorriu!!

1) Só vejo cabeça de uma anta olhando

2) Rabo de um gato caindo, descendo...

1) Estou vendo duas onças

2) Uma ilha bem aqui beirando

Não estou vendo nada!

1) Uma aranha caranguejeira

2) Um macaco

3) Uma pessoa bem pequena só os braços e as mãos fica grande

CODIFICAÇÃO

W.M.K. 22 anos

- I- GF+ma+A
- II-
 - 1) DF+A
 - 2) DbIF+A
 - 3) FDF+A
- III-
 - 1) DF+Ad
 - 2) DF-Nat det
 - 3) DbIF+Ad
- IV-
 - 1) DF+A
 - 2) DF+Ad
- V-
 - 1) DdF+Ad
 - 2) DdF_Anat
- VI-
 - 1)
- VII-
 - 1) DF+Ad
- VIII-
 - 1) DF+A ban
 - 2) DdF+nat
- IX-
- X-
 - 1) DdF+A ban
 - 2) DdF+A
 - 3) DbIF+H

PSICOGRAMA

W.M.K. 22 anos

$\Sigma R = 18$	
R+ = 16	88%
R- = 2	12%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$	
G+ = 1	100%
$\Sigma D = 9$	
D+ = 8	89%
D- = 1	11%
Dd = 4	
Dbl = 3	

Determinantes:

$\Sigma F = 18$	
F+ = 17	94%
F- = 1	6%
ma+ = 1	

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo
Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
A = 8
Ad = 5
Nat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K. Idade: 24 anos Sexo: M Escolaridade: 2º grau

I- TL:10" TT:50"

1) Tyrehe

1) Morcego

II- TL:20" TT:1'50"

Rabi kō hy kylera

Obs.: Não vê nada

III- TL:15" TT:1'20"

1) Krobi (inatxi)

1) Macaco (dois)

IV- TL: 12" TT: 59"

Rabi Kōhykylera

Obs.: Não vê nada

V- TL:15" TT: 1'10"

1) Tyrehe

1) Morcego

VI- TL:25" TT:1'40"

1) Wariri

1) Tamanduá

VII- TL:50" TT:1'10"

Rabi Kōhykylera

Obs.: Não vê nada

VIII- TL:20" TT:1'55"

1) Halokòc (Inatxi)

1) Onça (duas)

IX- TL:10" TT:2'20"

1) Kutura wese (iura-ki)

1) Parecendo um peixe (no branco)

2) Krobi wibireki

2) Parecendo macaco um cada lado

X- TL:18" TT:1'59"

1) Krobi wese

1) Parecendo um macaco

2) Helykure

2) Parecendo um pato

CODIFICAÇÃO

- K.K. 24 anos

- I- 1) GF+A
- II- Rejeição
- III- 1) GMH
- IV- Rejeição
- V- 1) GF+A
- VI- 1) DF+A
- VII- Rejeição
- VIII- 1) DF+A
- IX- 1) DbIF+A
2) DF+A
- X- 1) DdF+A
2) DdF+A

PSICOGRAMA

K.K. 24 anos

$\Sigma R = 9$
R+ = 9 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 3$
G+ = 3 100%

$\Sigma D = 3$
D+ = 3 100%
Dd = 2
Dbl = 1

Determinantes:

$\Sigma F+ = 8$
F+ = 8 100%
M = 1

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo

Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1

A = 8

IDENTIFICAÇÃO

Nome: I.K. Idade: 36 anos Sexo: M Escolaridade: 2º grau

I- TL:10” TT:1’59”

1) Iny inataxi wibiremy “anjo” wesemy aõhe-wana

1) Parece que é duas pessoas juntas de costas em forma de anjo

II- TL:15” TT:1’40”

1) Inatxi ijøròsa wibiremi

1) Dois cachorrinhos juntos

III- TL:25” TT:2’8”

1) Warasi: Tityby ròhò nÿrerimyÿ ryribi bisamadobo lyre ribi tasy iso ribi

1) Sonho meu: esqueleto saindo da estrada, ao lado sinal amarelo e vermelho aqui

IV- TL:18” TT:1’50”

1) Rati wori raimyhyre

1) Parte do crânio

V- TL:20” TT:1’25”

Aõmi rabiohykyreri

Não viu nada – Rejeição

VI- TL:25” TT:3’10”

Aõmi rabiohykyreri

Não viu nada - Rejeição

VII- TL:15” TT:2’5”

1) Inatxi uladu widi retehereny reri

1) Duas crianças olhando uma para outra

VIII- TL:15” TT:2’54”

1) “Urso” wese aõbo rimirimy

1) Parece urso pegando alguma coisa

IX- TL:12” TT:1’59”

1) Inatxi rue “cortina” webroki iura-ki

1) Dois olhos atrás de uma cortina no branco

X- TL:10” TT:1’50”

1) Mobo tebo titerenymy irehe ribi reximÿ-my

1) Alguém estendendo a mão de longe segurando

CODIFICAÇÃO

- I.K. 36 anos

- I- 1) DF+(H)
- II- 1) DGF+Anat
- III- 1) GKpCFH desv
- IV- 1) GF+ Anat
- V- Rejeição
- VI- Rejeição
- VII- 1) DMH
- VIII- 1) DFma+A
- IX- 1) DbIF+(Hd)
- X- 1) DdF+KpH

PSICOGRAMA

I.K. 36 anos

$\Sigma R = 8$
R+ = 8 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 3$
G+ = 3 100%

$\Sigma D = 3$
D+ = 3 100%
Dd = 1
Dbl = 1

Determinantes:

$\Sigma F = 7$
F+ = 7 100%
CF = 1
Kp = 2
ma+ = 1
M = 1

TRI

Primário: 2M:1C = Coartativo
Secundário: 2(K)O(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 3
Hd = 1
A = 1
Anat = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.K.

Idade: 32 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:5" TT:59"

1) Ti wese irodu kòsana

1) Parece osso numa casa de animal

II- TL:10" TT:1'20"

1) Hawyry Tyra

1) Útero de mulher

III- TL:15" TT:2'30"

1) Isira tu lobixi

1) Difícil de ver...

Ixyni. Inatxi ixyni ni, ixyni rubu

Porco, dois porcos, porco morto

IV- TL:12" TT:2'20"

1) ãsy tÿkÿ macacão nihiky rite reny my roireri raru by kremy

1) Couro de guariba, macacão grande aberto para secar

V- TL:20" TT:1'50"

1) Tyrehe rudreri tuna!

1) Morcego está voando né!

VI- TL:18" TT:2'5"

1) Sohosi boro, ta boro tvhy aõkò iwesena

1) Uma arraia, não é uma arraia normal só parece

VII- TL:10" TT:1'55"

1) Elefante wese tabroki ãnõ dibo tabroki, retÿkÿ reri

1) Parece elefante tem alguma coisa nas costas, carregando alguma coisa

VIII- TL:20" TT:2'10"

1) Hawyy umy wese

1) Parece o corpo de mulher o tórax, útero, etc.

IX- TL:10" TT:1'58"

1) Hawyÿ umy wese ta inatxi kuladu iwokaki roireri

1) Parecendo o corpo de uma mulher com dois bebês dentro da barriga

X- TL:15" TT:2'50"

1) Krobi

1) Macaco

2) Santo

2) Santo

3) Irodu sómó

3) Animais pequenos

CODIFICAÇÃO

- W.K. 32 anos
- I- 1) GF-A
- II- DF+anat
- III- 1) DGF+A deter
- IV- 1) GE+A desv
- V- 1) GFma+A
- VI- 1) GF+A
- VII- 1) GDdblma+A
- VIII- 1) DF-Anat
- IX- 1) GDblF+H orig
- X- 1) DdF+A
2) DbIF+(H)
3) DdF+A

PSICOGRAMA

W.K. 32 anos

$\Sigma R = 12$	
R+ = 10	83%
R- = 2	17%

Abrangência:

$\Sigma G = 6$	
G+ = 5	83%
G- = 1	17%
$\Sigma D = 3$	
D+ = 2	66%
D- = 1	34%
Dd = 2	
Dbl = 2	

Determinantes:

$\Sigma F = 11$	
F+ = 9	81%
F- =	19%
ma+ = 2	

TRI

Primário: 2M:OC = Coartativo

Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
(H) = 1
A = 7
Anat = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: B.K.

Idade: 20 anos

Sexo: F

Escolaridade: 2º grau

I- TL:20" TT:2'58"

1) Howyky ruti wesemy

2) Iny rosyny wesemy

1) Coxa de mulher

2) Rosto da pessoa

II- TL:15" TT:1'49"

1) Itoxorosarati inatxi wibiremy

1) Duas cabeças de cachorros juntos

III- TL:10" TT:1'52"

1) Walaju wesémy

1) Dente de formigão

IV- TL:12" TT:1'55"

1) Dinossauro rati

1) Cabeça de dinossauro

V- TL:15" TT:1'20"

1) Tyrehe

1) Morcego

VI- TL:18" TT:59"

Kaaikuni isirare

Não viu nada – Rejeição

VII- TL:20" TT:2'48"

1) Kotxixa

1) Borboleta

2) Kuladu tiradu

2) Criança arrastando

VIII- TL:25" TT:3'20"

1) Nõre, Kaa ikuni anokrebo

1) Camisa ou camiseta

Txikokretarkuni

Esta aqui não sei mas espere

2) Halokoe irati sohojile rarekiele

2) Cabeça de onça só isso

IX- TL:30" TT:3'50"

1) Rawiunere

1) Cantou

Tebodi Tary-ki ròimyhy

Pôs o dedo na boca

Rutxvenyre

Riu

Koa rekerykõhykyreri

Essa não sei

Waxi, koa isirare, rekerykõre

Waxi, essa está difícil não sei

X- TL:20" TT:2'55"

Tebo-di tary-ki roimyhÿ

Pôs o dedo na boca

Rarybera Tõhõti rearemÿ

Falou que lembrou do passado

1) Walaju

1) Dente de formigão

CODIFICAÇÃO

- B.K. 20 anos
- I- 1) DF+Hd
2) DF+Hd
- II- 1) DF+Ad
- III- 1) DF+Ad
- IV- DF+Ad
- V- GF+A
- VI- Rejeição
- VII- 1) DF+A
2) DMH
- VIII- 1) DFCobj
2) DF+Ad
- IX- Rejeição
- X- 1) DdF+Ad

IDENTIFICAÇÃO

Nome: A.K.

Idade: 20 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:5" TT:1'20"

- 1) Buhã noãxi
- 2) Nawihiky rati

- 1) Rabo de boto
- 2) Cabeça de gavião

II- TL:15" TT:1'10"

- 1) Kão aõkore

- 1) Nada foi visto – **Rejeição**

III- TL:8" TT:48"

- 1) Tule aõkore

- 1) Também não – **Rejeição**

IV- TL:16" TT:1'5"

- 1) Kasy tule aõkore

- 1) Esse também não – **Rejeição**

V- TL:13" TT:56"

- 1) Otxixa ruòmý

- 1) Borboleta voando

VI- TL:5" TT:28"

- 1) Koa aõkore

- 1) Não foi visto – **Rejeição**

VII- TL:25" TT:1'56"

- 1) Orowete
- 2) Ori retehemy
- 3) Kahu koru

- 1) Sapo
- 2) Anta olhando
- 3) Capota do carro

VIII- TL:15" TT:20"

- 1) Ixy ijaramy reareri

- 1) Porco do mato correndo

IX- TL:30" TT:1'20"

Aõkõre

Não foi vista – **Rejeição**

X- TL:15" TT:1'30"

- 1) Tule aokore

- 1) Também não – **Rejeição**

CODIFICAÇÃO

- A.K. 20 anos

- I- 1) DdF+Ad
2) DFAd

- II- Rejeição

- III- Rejeição

- IV- Rejeição

- V- 1) GF+A

- VI- Rejeição

- VII- 1) GF+A
2) DFma+A
3) DF+obj

- VIII- DFma+A

- IX- Rejeição

- X- Rejeição

PSICOGRAMA

A.K. 20 anos

$\Sigma R = 7$	
R+ = 6	85%
R± = 1	15%

Abrangência:

$\Sigma G = 2$	28%
G+ = 2	100%
$\Sigma D = 4$	72%
D± = 1	25%
Dd = 1	

Determinantes:

$\Sigma F = 7$	
F+ = 6	85%
F± = 1	15%
ma+ = 2	

TRI

Primário: 2M:OC = Coartativo

Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 4
Ad = 2
obj = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: I.K. Idade: 18 anos Sexo: M Escolaridade: 8ª série

I- TL:15" TT:1'20"

1) Tyrehe
rarekiele

1) Morcego
Só isso

II- TL:10" TT:1'5"

1) Ijorosa rati

1) Cabeça de cachorro

III- TL:5" TT:30"

1) Aõkõre

1) Nãofoi visto – Rejeição

IV- TL:15" TT:45"

1) Tule aõkore

1) Também não – Rejeição

V- TL:18" TT:59"

1) Otxixa ruomy

1) Borboleta voando

VI- TL:10" TT:35"

1) Tule aõkõre

1) Também não – Rejeição

VII- TL:25" TT:1'56"

1) Tule aõkõre

1) Também não – Rejeição

VIII- TL:10" TT:1'50"

1) Irodu raowonyrerimy

1) Um animal subindo

IX- TL:5" TT:40"

1) Aõkõre

1) Nãofoi visto – Rejeição

X- TL:15" TT:1'59"

1) Odemahi

1) Caranguejo

2) Otxuruky

2) Borboleta

CODIFICAÇÃO

- I.K. 18 anos

- I- 1) GF+A
- II- 1) DF+A
- III- Rejeição
- IV- Rejeição
- V- 1) GFma+A
- VI- Rejeição
- VII- Rejeição
- VIII- 1) DFma+A
- IX- Rejeição
- X- 1) DF+A
2) DF+A

PSICOGRAMA

I.K. 18 anos

$\Sigma R = 6$
R+ = 6 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 2$ 34%
G+ = 2 100%
 $\Sigma D = 4$ 66%
D+ = 4 100%

Determinantes:

$\Sigma F = 6$
F+ = 6 100%
ma+ = 2

TRI

Primário: 2M:OC = Coartativo
Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 6

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 18 anos

Sexo: M

Escolaridade: 8ª série

I- TL:15”

TT:1’40”

1) Aõkõre

1) Não viu nada – Rejeição

II- TL:5”

TT:1’10”

1) Ijorosa rati

1) Cabeça de cachorro

2) Boro

2) Arraia

III- TL:20”

TT:30”

1) Aõkõre

1) Não – Rejeição

IV- TL:10”

TT:40”

1) Tule aõkõre

1) Também não – Rejeição

V- TL:5”

TT:1’10”

1) Tyrere

1) Morcego

VI- TL:20”

TT:45”

1) Aõkõre

1) Não – Rejeição

VII- TL:15”

TT:2’7”

1) Heiyyre wiji tyhy ruòmý

1) Pato preparando para voar

2) Òri rati

2) Cabeça de anta

VIII- TL:5”

TT:1’5”

1) Halõe

1) Onça

IX- TL:20”

TT:35”

1) Kaa Aõkõre

1) Esse não – Rejeição

X- TL:26”

TT:1’15”

1) Otxuruku sirisíri

1) Aranha

2) Ijòre

2) Lagarta

CODIFICAÇÃO

- K.K. 18 anos

- I- Rejeição

- II- 1) DF+A
2) DF+A

- III- Rejeição

- IV- Rejeição

- V- 1) GF+A

- VI- Rejeição

- VII- 1) DF+A
2) DF+Ad

- VIII- 1) DF+A

- IX- Rejeição

- X- 1) DF+A
2) DF+A

PSICOGRAMA

K.K. 18 anos

$\Sigma R = 8$
R+ = 8 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$ 13%
G+ = 1 100%
 $\Sigma D = 7$ 87%
D+ = 7 100%

Determinantes:

$\Sigma F = 8$
F+ = 8 100%

TRI

Primário: OM:OC extremamente
Coartado
Secundário: (OK):O(C) extremamente
Coartado

Conteúdo:

A = 7
Ad = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: T.K.

Idade: 25 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:15” TT:1’54”

- 1) Tyrehe vicotemy
- 2) Ijòròsa rati
- 3) Tirehe-de

- 1) Fileira de morcego
- 2) Cabeça de cachorro
- 3) Asa de morcego

II- TL:8” TT:1’20”

- 1) Ijòròsa umy-kre

- 1) Parte da cabeça do cachorro

III- TL:30” TT:58”

- 1) Koa aõkõre aõmy rahikõhy

- 1) Esse não, não estou vendo nada – Rejeição

IV- TL:12” TT:1’50”

- 1) Oworu rarut-kre
- 2) Oworu-o

- 1) Toco
- 2) Caule

V- TL:15” TT:45”

- 1) Tyrehe

- 1) Morcego

VI- TL:18” TT:1’10”

- 1) Ybòdò ruomy

- 1) Beija-flor voando

VII- TL:20” TT:1’05”

- 1) Orowete rubu

- 1) Sapo morto

VIII- TL:21” TT:1’20”

- 1) Hàlòe raowonyreri-my oworu tyred

- 1) Onça subindo no pau

IX- TL:15” TT:50”

- 1) Koa aõkõre

- 1) Não foi visto – Rejeição

X- TL:8” TT:30”

- 1) Kõrehe

- 1) Não – Rejeição

CODIFICAÇÃO

T.K.	25 anos
I-	1) DF+A 2) DF+Ad 3) DF+Ad
II-	1) DF+A
III-	Rejeição
IV-	1) GF+Nat 2) DF+Nat
V-	1) GF+A
VI-	1) GFma+A
VII-	1) GF+Adet
VIII-	1) DFma+A
IX-	Rejeição
X-	Rejeição

PSICOGRAMA

T.K. 25 anos

$\Sigma R = 10$
R+ = 10 100%

Abrangência:

G = 4 40%
G+ = 4 100%
 $\Sigma D = 6$ 60%
D+ = 6 100%

Determinantes:

$\Sigma F = 10$
F+ = 10 100%
ma+ = 2

TRI

Primário: 2M:OC = Coartado
Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 6
Ad = 2
Nat = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: I.K.

Idade: 22 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:15" TT:1'4"

- 1) Tyrehe reotchekymy ryimyhyre
- 2) Tyrehe-de

- 1) Morcego fazendo fila
- 2) Asa de morcego

II- TL:20" TT:1'50"

- 1) Iratxi yorosa rati
- 2) Boro

- 1) Duas cabeças de cachorros
- 2) Arraia

III- TL:25" TT:40"

- 1) Koa aõkõre

- 1) Esse não foi visto – Rejeição

IV- TL:8" TT:1'40"

- 1) Asynihiky
- 2) Hemylala rabereny

- 1) Guariba
- 2) Cobra balançando

V- TL:10" TT:1'20"

- 1) Rara biu-di ruomyhyre

- 1) Urubu voando no céu

VI- TL:15" TT:1'50"

- 1) Nawi ruomyhÿre
- 2) Me rati

- 1) Pássaro voando
- 2) Cabeça de capivara

VII- TL:30" TT:50"

- 1) Aõkõre

- 1) Não foi visto – Rejeição

VIII- TL:18" TT:1'15"

- 1) Haloe reamyhÿre

- 1) Onça correndo

IX- TL:10" TT:45"

- 1) Aõkõre

- 1) Não foi visto – Rejeição

X- TL:19" TT:40"

- 1) Tule aõkõre

- 1) Também não – Rejeição

CODIFICAÇÃO

- I.K. 22 anos

- I- 1) DF+A
2) DF+Ad

- II- 1) DF+A
2) DF+A

- III- Rejeição

- IV- 1) GF+A
2) DdFma+A

- V- 1) GF+A

- VI- 1) DFma+A
2) DF+Ad

- VII- Rejeição

- VIII- 1) DF+A

- IX- Rejeição

- X- Rejeição

PSICOGRAMA

I.K. 22 anos

$\Sigma R = 10$
R+ = 10 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 2$ 30%
G+ = 2 100%
 $\Sigma D = 7$ 100%
D+ = 7 100%
Dd = 1

Determinantes:

$\Sigma F = 10$
F+ = 10 100%
ma+ = 2

TRI

Primário: 2M:OC = Coartativo
Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo

A = 7
Ad = 3

IDENTIFICAÇÃO

Nome: V.K.

Idade: 25 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:10”

TT:1’48”

- 1) Nawiihiky
- 2) Ijorosa

- 1) Gavião
- 2) Cabeça de cachorro

II- TL:8”

TT:39”

- 1) Aõkõre

- 1) Não foi visto – Rejeição

III- TL:15”

TT:1’57”

- 1) Oworu kre
- 2) Otxixa

- 1) Pedaco de pau
- 2) Borboleta

IV- TL:11”

TT:40”

- 1) Aõkõre

- 1) Não foi visto – Rejeição

V- TL:14”

TT:1’5”

- 1) Otxixa ruomy

- 1) Borboleta voando

VI- TL:10”

TT:1’30”

- 1) Ue rati

- 1) Cabeça de capivara

VII- TL:11”

TT:1’59”

- 1) Holoeni nõheraru
- 2) Herana ratybona

- 1) Rabo de gato
- 2) Tampa de panela

VIII- TL:18”

TT:1’20”

- 1) Ue reamyhyre

- 1) Capivara correndo

IX- TL:5”

TT:50”

- 1) Aõkõre

- 1) Não foi visto - Rejeição

X-

- 1) Otxurukuhuky
- 2) Ijare

- 1) Aranha
- 2) Lagarta

CODIFICAÇÃO

- V.K. 25 anos

- I- 1) DF+A
2) DF+Ad

- II- Rejeição

- III- 1) DF+Nat
2) DF+A

- IV- Rejeição

- V- 1) GF+A

- VI- 1) DF_Ad

- VII- 1) DF+Ad

- VIII- 1) DFma+A

- IX- Rejeição

- X- 1) DF+A
2) DF+A

PSICOGRAMA

V.K. 25 anos

$\Sigma R = 11$	
R+ = 10	90%
R- = 1	10%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$	20%
G+ = 1	100%
$\Sigma D = 10$	80%
D+ = 9	90%
D- = 1	10%

Determinantes:

$\Sigma F = 11$	
F+ = 10	90%
F- = 1	10%
ma+ = 1	

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo

Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 6
Ad = 3
Nat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: L.K.

Idade: 20 anos

Sexo: M

Escolaridade: 2º grau

I- TL:5” TT:45”

1) Aõkõre

1) Não foi visto – Rejeição

II- TL:10” TT:1’50”

1) Boro

1) Arraia

2) Ijorosa rati

2) Cabeça de cachorro

III- TL:20” TT:2’

1) Holòe osyny

1) Face de anta

2) Otxixa ruomy

2) Borboleta voando

3) Waxiti idòdimy

3) Anzol com isca

IV- TL:15” TT:30”

1) Aõkõre

1) Não foi visto – Rejeição

V- TL:20” TT:1’40”

1) Rara ruomy

1) Urubu voando

VI- TL:18” TT:1’20”

1) Iròdu ty

1) Couro de um animal

VII- TL:5” TT:1’20”

1) Orowete rurumy

1) Sapo morto

VIII- TL:10” TT:50”

1) Koa aõkõre

1) Esse não foi visto – Rejeição

IX- TL:20” TT:45”

1) Aõkõre

1) Não foi visto – Rejeição

X- TL:15” TT:55”

1) Tule aõkõre

1) Também não – Rejeição

CODIFICAÇÃO

- L.K. 20 anos

- I- 1) Rejeição

- II- 1) DF+A
2) DF+Ad

- III- 1) DF+Ad
2) DFma+A
3) DF+obj

- IV- Rejeição

- V- 1) GF+A

- VI- 1) GF+A

- VII- 1) GF+A det

- VIII- Rejeição

- IX- Rejeição

- X- Rejeição

PSICOGRAMA

L.K. 20 anos

$\Sigma R = 8$
R+ = 8 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 3$ 25%
G+ = 3 100%
 $\Sigma D = 6$ 75%
D+ = 6 100%

Determinantes:

$\Sigma F = 8$
F+ = 8 100%
ma+ = 1

TRI

Primário: 1M:OC = Coartativo

Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 5

Ad = 2

obj = 1

A N E X O 2

PROTOCOLO DE RORSCHACH

GRUPO B

KARAJÁ COM CONTATO

PROTOCOLO DE RORSCHACH

IDENTIFICAÇÃO

Nome: I.K.

Idade: 20 anos

Sexo: F

I- TL:5" TT:1'20"

- 1) Debo
- 2) Korerawe
- 3) Ixÿni iwa raberemy
- 4) Iny Taratytimy
- 5) Tõrikokó
- 6) Helykÿre rati
- 7) Krowete

- 1) Mão
- 2) Barriga de jacaré
- 3) Pé de porco caindo
- 4) Pessoa de cabeça para baixo
- 5) Lagartixa
- 6) Cabeça de pato
- 7) Sapo

II- TL:10" TT:1'05"

- 1) Hemylala rati, irati, sohojile
- 2) Myna

- 1) Cabeça de cobra, só a cabeça
- 2) Pedra

III- TL:20" TT:1'20"

- 1) Kusehewewa
- 2) Itxorosa rati, irati sohojile

- 1) Pé de ema
- 2) Cabeça de cachorro, só a cabeça

IV- TL:12" TT:1'20"

- 1) Inywa raderemy roireri, iwa sohojile
- 2) Iny rymy rymyneri

- 1) Perna de pessoa, mas só o pé caindo
- 2) Gente sentada

V- TL:8" TT:1'19"

- 1) Kòwòru rubukremy
- 2) Kydò

- 1) Pedação de pau seco
- 2) Toco

VI- TL:3" TT:48"

- 1) Nawiki rati, ira sohojile

- 1) Cabeça de pássaro, só a cabeça

VII- TL:40" TT:1'6"

- 1) Kaki anõmy rabikõhykireri

- 1) Não vejo nada

VIII- TL:18" TT:56"

- 1) Kue raritxamy

- 1) Capivara andando

IX- TL:12" TT:1'2"

- 1) Hawaló wikómy ryreri

- 1) Um morro de um lado

X- TL:3" TT:1'20"

- 1) Budoe nõhõti
- 2) Bederade

- 1) Orelha de veado
- 2) Árvore

CODIFICAÇÃO

- I.K. 20 anos
- I- 1) DdF
2) DF+Ad
3) DdF+Ad
4) DdF+H
5) DdF+A
6) DFclobeAd
7) DF+A
- II- 1) DF+Ad
2) DF+nat
- III- 1) DF+Ad
2) DdF+Ad
- IV- 1) DdF+Hd
2) DdF+H
- V- 1) DdF+nat desv
2) DdF+nat
- VI- 1) DdF+Ad
- VII- Rejeição
- VIII- 1) DF+A
- IX- 1) DF+nat
- X- 1) DdF+Ad
2) DdF+nat

PSICOGRAMA

I.K. 20 anos

$$\sum R = 21$$

Abrangência:

$$\begin{array}{l} G = 0 \\ \sum D = 10 \\ D+ = 10 \quad 100\% \\ Dd = 11 \end{array}$$

Determinantes:

$$\begin{array}{l} \sum F = 19 \\ F+ = 19 \quad 100\% \\ Clob = 2 \end{array}$$

TRI

Primário: OM:1C = Coartativo

Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

$$\begin{array}{l} H = 2 \\ Hd = 2 \\ A = 3 \\ Ad = 8 \\ Nat\ desv = 1 \end{array}$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.K.

Idade: 42 anos

Sexo: F

I- TL:12" TT:2'05"

- 1) Koriwe wesemy
- 2) Kotxixa
- 3) Makolo – kolo wibiremyra kurukure inatxi – my

- 1) Besouro
- 2) Borboleta
- 3) Duas corujas sentadas juntas

II- TL:20" TT:1'48"

- 1) Itxorosa inatxi – my rakurukure
- 2) Sei
- 3) Hanike takumy krelemy

- 1) Dois cachorros sentados juntos
- 2) Gafanhoto
- 3) Galinha, só a parte do corpo

III- TL:30" TT:2'08"

- 1) Nawikihiky
- 2) Rararesa
- 3) Kuóru inatxi
- 4) Dore inatxi rakurukure

- 1) Gavião
- 2) Urubu-rei
- 3) Dois peixes elétricos
- 4) Dois papagaios sentados

IV- TL:20" TT:1'53"

- 1) Kotxuruku hukÿ
- 2) Korera irati sohojile
- 3) Tysi weloko

- 1) Aranha
- 2) Cabeça de jacaré
- 3) Barriga de grilo

V- TL:23" TT:2'12"

- 1) Dybure wokuludu irati sohojile
- 2) Inty wesemy, iti sohojile
- 3) Buhã sukutxi iwesemy
- 4) Hãwalò iratykymy rÿimyhÿre

- 1) Cabeça de jacaré
- 2) Osso de ser humano
- 3) Bico de boto
- 4) Árvore que fica em cima do morro

VI- TL:18" TT:1'59"

- 1) Holokoeni iko sohojile
- 2) Bòtòe sumy rÿimyhÿre wesemy
- 3) Koworu herimy roimyhÿre wesemy

- 1) Rosto de gato
- 2) Pombinha que fica no chão
- 3) Pedaco de pau que fica no chão

VII- TL:25" TT:2'04"

- 1) Hekÿkÿre wesemy
- 2) Wyka wesemy rÿmy runyreri
- 3) Iny takumydi lymany rÿire

- 1) Parece um pato
- 2) Parece um mergulhão sentado
- 3) Pessoa em pé

VIII- TL:29" TT:2'1"

- 1) Jyre inatxi
- 2) Inyityby sokuni tityby
- 3) Bederade wesemy

- 1) Duas ariranhas
- 2) Osso de coluna
- 3) Parece uma árvore

IX- TL:2'

- 1) Katahe anõkore

- 1) Aqui não

X- TL:5" TT:1'29"

- 1) Korera bera-ki
- 2) Ijare inatxi sõe
- 3) Kodemahi inatxi sõe

- 1) Jacaré nas águas
- 2) Duas lagartas
- 3) Dois caranguejos

CODIFICAÇÃO

W.K.	42 anos
I-	1) DF+A 2) DF+A 3) DFClob A
II	1) DF+A 2) DF+A 3) DF+Ad
III-	1) DF+A 2) DF+A 3) DF+A 4) DF+A
IV-	1) DF+A 2) DF+Ad 3) DF+Ad
V-	1) DF+Ad 2) DF+Ad 3) DF+Ad 4) DF+nat
VI-	1) DF+Ad 2) DdF+A 3) DF+nat
VII-	1) DF+A 2) DF+A 3) DF+H
VIII-	1) DF+A 2) DF+Anat 3) DF+nat
IX-	Rejeição
X-	1) DF+A 2) DF+A 3) AF+A

PSICOGRAMA

W.K. 42 anos

$\Sigma R = 29$
R+ = 29 97%
R- = 3 3%

Abrangência:

$\Sigma R = 30$
G = 0
D = 29
Dd = 1

Determinantes:

$\Sigma F = 28$
F+ = 27 95%
F- = 1 5%
Fglob = 1
ma+ = 1

TRI

Primário: 1M:1C = Coartativo
Secundário: O(K):O(C) = Coartado

Conteúdo:

A = 17
Ad = 7
nat = 3
H = 1
Anat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 22 anos

Sexo: M

I- TL:5" TT:56"

1) Otxurruu siri – wesemy

1) Parece uma aranha

II- TL:10" TT:48"

1) Hãbe Tary rianyrerimy

1) Onça abrindo a boca

III- TL:12" TT:35"

1) Iny

1) Pessoa

IV- TL:18" TT:45"

1) Tyrehe

1) Morcego

V- TL:12" TT:39"

1) Otxixa

1) Borboleta

VI- TL:6" TT:58"

1) Kaa tahe cõkõhykyra

1) Não viu nada

VII- TL:12" TT:55"

1) Biu wetyy

1) Nuvem

VIII- TL:20" TT:51"

1) Broreni

1) Boi

IX- TL:30" TT:1'10"

1) Odemahi

1) Caranguejo

X- TL:13" TT:1'5"

1) Kaa tule cõkõhyky

1) Não viu nada

CODIFICAÇÃO

- K.K. 22 anos

- I- 1) DF+A
- II- 1) Ddblma+A
- III- 1) DF+H
- IV- 1) GF+A
- V- 1) GF+A
- VI- Rejeição
- VII- 1) DFclob nuvem
- VIII- 1) DF+A
- IX- 1) DF+A
- X- Rejeição

PSICOGRAMA

K.K. 22 anos

$$\begin{aligned}\Sigma R &= 8 \\ R+ &= 8\end{aligned}$$

Abrangência:

$$\begin{aligned}\Sigma G &= 2 \\ G+ &= 2 \\ \Sigma D &= 5 \\ D+ &= 5 && 100\% \\ Ddbl &= 1\end{aligned}$$

Determinantes:

$$\begin{aligned}\Sigma F &= 6 \\ F+ &= 6 && 100\% \\ Fclob &= 1 \\ ma+ &= 1\end{aligned}$$

TRI

Primário: 1M:1C
Secundário: 0(K)0(C)

Conteúdo:

$$\begin{aligned}H &= 1 \\ A &= 6 \\ nuvem &= 1\end{aligned}$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 29 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:50"

1) Kodemahi

1) Caranguejo

II- TL:6" TT:15"

1) Itxorosa rorenymy

1) Cachorro brigando

2) Itxorosa halubu

2) Sangue de cachorro

III- TL:12" TT:48"

1) Broreni tikolala

1) Sambari (osso de boi)

IV- TL:5" TT:51"

1) Ture rati

1) Cabeça de pirarara

V- TL:6" TT:48"

1) Tyrehe

1) Morcego

VI- TL:12" TT:1'15"

1) Asy wiwebrony rakurukure

1) Dois macacos sentados juntos

VII- TL:15" TT:59"

1) Kro rurumyhyre

1) Sapo morto

VIII- TL:3" TT:1'30"

1) Lakua

1) Rato

2) Iny debo wesemy

2) Parece mão de pessoa

IX- TL:10" TT:1'12"

1) Kuladu inatxi inywoky – ki roimyhÿre

1) Crianças gêmeas que fica dentro da mãe

2) Weryri

2) Estômago

X- TL:10" TT:38"

1) Kuni

1) Fantasma

CODIFICAÇÃO

- K.K. 29 anos
- I- 1) DF+A
- II- 1) Dma+A
2) DC sangue
- III- 1) DF-anat
- IV- 1) DF+Ad
- V- 1) GF+A
- VI- 1) Dma+A
- VII- 1) GF+A desv
- VIII- 1) DF+A
2) DdF+Hd
- IX- 1) DF+H
2) DF-anat
- X- 1) GF-H)

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 20 anos

Sexo: M

I- TL:5”	TT:48”	
1) Debo		1) Mão
II- TL:6”	TT:50”	
1) Otxixa		1) Borboleta
2) Debo		2) Mão
III- TL:15”	TT:2’56”	
1) Weryri		1) Estômago
2) Ijòròsa		2) Cachorro
3) Nõre løy		3) Gola de camisa
4) Ówòru-kre		4) Pedaco de galho
IV- TL:12”	TT:49”	
1) Ijòròso		1) Cachorro
V- TL:6”	TT:1’50”	
1) Tyrehe		1) Morcego
2) Otxixa		2) Borboleta
3) Irodu debo		3) Mão de um animal
VI- TL:12”	TT:1’10”	
1) Asÿ		1) Macaco
2) Nawiu rati		2) Cabeça de um pássaro
VII- TL:15”	TT:1’15”	
1) Ijòròso		1) Cachorro
2) Otxixa		2) Borboleta
VIII- TL:12”	TT:39”	
1) Lywyty		1) Rato
IX- TL:15”	TT:1’5”	
1) Iy sonitiweere hawyy umy		1) Parece coluna de pessoa, corpo de mulher
X- TL:7”	TT:1’23”	
1) Kotxuruku		1) Aranha
2) Hãnike		2) Galinha

CODIFICAÇÃO

M.K.	20 anos
I-	1) DdF+Hd
II-	1) DF+A 2) DdF+Hd
III-	1) DF+Anat 2) DF+A 3) DF+obj 4) DF+Nat
IV-	1) GF+A
V-	1) GF+A 2) GF+A 3) DdF+Ad
VI-	1) DGF+A 2) DF+Ad
VII-	1) DF+A 2) DF+A
VIII-	1) DF+A
IX-	1) DdbIF±Anat
X-	1) DF+A 2) DF+A

PSICOGRAMA

K.K. 20 anos

$\Sigma R = 19$	
R+ = 17	90%
R± = 1	5%
R- = 1	5%

Abrangência:

$\Sigma G = 4$	
G+ = 4	100%
$\Sigma D = 11$	
D+ = 10	90%
D- = 1	10%
Dd = 2	
Dbl = 1	

Determinantes:

$\Sigma F = 19$	
F+ = 17	90%
F+ = 17	
F± = 1	5%
F- = 1	5%

TRI

Primário: 0M:0C

Secundário: 0(K):0(C)

Conteúdo:

Hd = 2
A = 11
Ad = 2
Anat = 2
Obj = 1
Nat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: W.K.

Idade: 90 anos

Sexo: M

I- TL:15" TT:2'30"

- 1) Helÿÿre biu-ki runyleri
- 2) Turehe oworu-my reotemyhÿre

3) Ijòròsa retehemy runyleri

II- TL:12" TT:1'15"

- 1) Boro
- 2) Wala bederade-di retyleri

III- TL:11" TT:1'20"

- 1) Ixÿ rati
- 2) Oworu rubukre

IV- TL:6" TT:2'5"

- 1) Ijòròsa rexielehyny-my runyleri
- 2) Iny biutxi retehemy

V- TL:16" TT:1'58"

- 1) Dybure ratri, ira sohojile

VI- TL:16" TT:1'54"

- 1) Ohote ikremy
- 2) Hálàtyy

VII- TL:8" TT:1'54"

- 1) Orowete rubu
- 2) Haloeni nõheraru

VIII- TL:20" TT:2'25"

- 1) Ori reamy rareri
- 2) Orowete retehemy runyleri
- 3) Utura tityby

IX- TL:40" TT:53"

Rejeição

X- TL:10" TT:2'18"

- 1) Otxuruku siri
- 2) Otuni
- 3) Biuwetyy biu-ki roimyhyre

- 1) Um pato sentado no alto
- 2) Um morcego pendurado no pau em fila

3) Cachorro sentado olhando

- 1) Arara
- 2) Formigão carregando uma folha

- 1) Cabeça de porco do mato
- 2) Um pau podre

- 1) Cachorro sentado descansando
- 2) O rosto de uma pessoa olhando o céu

1) Cabeça de caracol

- 1) Pedaco de uma borduna
- 2) Couro de caititu

- 1) Sapo morto
- 2) Rabo de um gato

- 1) Anta vindo correndo
- 2) Sapo sentado e olhando
- 3) Osso de peixe

Rejeição

- 1) Aranha
- 2) Tartaruga
- 3) Nuvem que fica no céu

CODIFICAÇÃO

W.K.	90 anos
I-	1) DF+A 2) DF+A 3) DF+A
II-	1) DF+A 2) Dma+
III-	1) DF+Ad 2) DSF±Bot desv
IV-	1) DF+A 2) DdMH (Antr. Reg.)
V.	1) DF+Ad
VI-	1) DF+obj.arma 2) DF+A
VII-	1) GF+A desv 2) DF+Ad
VIII-	1) Dma+A 2) DF+A 3) DdBIF+OBJ
IX-	Rejeição
X-	1) DF+A 2) DF+A 3) DF±Nuvem

PSICOGRAMA

W.K. 90 anos

$\Sigma R = 20$	
R+ = 18	90%
R± = 2	10%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$	
G+ = 1	100%
$\Sigma D = 17$	
D+ = 15	88%
D± = 2	12%
Ddbl = 1	

Determinantes:

$\Sigma F = 17$	
F+ = 15	88%
F± = 2	12%
M = 1 (Antropologia Regional)	
ma+ = 2	

TRI

Primário: 3M:0C = Coartativo
Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
A = 12
Ad = 3
obj = 2
arma = 1
Bot = 1
nuvem = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 46 anos

Sexo: F

I- TL:30" TT:3'15"

- 1) Iny tebo ritekosingyneri
- 2) Itxorosa rati
- 3) Hawoko ikremy
- 4) Bederade

- 1) Uma pessoa mostrando a mão
- 2) Cabeça de cachorro
- 3) Parte de uma canoa
- 4) Uma árvore

II- TL:40" TT:2'51"

- 1) Kue robunyreri ira itynimy
- 2) Itxòròsa ikumykremy

- 1) Capivara nadando, só a cabeça
- 2) Parte do corpo do cachorro

III- TL:20" TT:2'20"

- 1) Lakua
- 2) Buha Rati
- 3) Buhã wati

- 1) Rato
- 2) Cabeça de boto
- 3) Rabo de boto

IV- TL:15" TT:1'58"

- 1) Koworukonihiky
- 2) Halokoe retehemy runireri

- 1) Uma árvore grande
- 2) Onça olhando

V- TL:16" TT:1'52"

- 1) Helykÿre rati
- 2) Wakòreheky widi retehereri

- 1) Cabeça de pato
- 2) Dois jaburus olhando um para o outro

VI- TL:8" TT:1'20"

- 1) Walaju wikomy
- 2) Myna

- 1) Dente de formigão
- 2) Pedra

VII- TL:25" TT:1'53"

- 1) Kõri irati sohojile
- 2) Holokòe rati

- 1) Cabeça de anta
- 2) Cabeça de onça

VIII- TL:40" TT:2'20"

- 1) Ixÿni
- 2) Kure rakòwonymy
- 3) Iny anõkòbo rekàrenyreri

- 1) Porco
- 2) Camaleão subindo
- 3) Uma pessoa segurando alguma coisa

IX- TL:18" TT:2-08"

- 1) Hekòty

- 1) Fogo

X- TL:18" TT:2'08"

- 1) Kotu ratitxamy
- 2) Asy inatxi rekarenymy

- 1) Tracajá andando
- 2) Dois guaribas segurando um no outro

CODIFICAÇÃO

- M.K. 46 anos
- I- 1) DF+Hd
2) DF+Ad
3) DF+obj
4) DdF+bot
- II- 1) Ddbma+Ad
2) DF+Ad
- III- 1) DF+A
2) DF+Ad
3) DF+Ad
- IV- 1) GF+bot
2) Ddma+A
- V- 1) DF+Ad
2) Dma+A
- VI- 1) DdF+Ad
2) DF+Nat
- VII- 1) DF+Ad
2) DF+Ad
- VIII- 1) DF+A
2) Dma+A
3) DdMH
- IX- DCfogo
- X- 1) Dma+A
2) Dma+A

PSICOGRAMA

M.K. 46 anos

$$\sum R = 23$$

$$\sum R+ = 21$$

$$\vee R- = 1$$

Abrangência:

$$\sum G = 1$$

$$\sum D = 14$$

$$D+ = 14 \quad 100\%$$

$$Dd+ = 5$$

Determinantes:

$$\sum F = 15 \quad 100\%$$

$$F+ = 1$$

$$M = 1$$

$$ma+ = 6$$

$$C = 1$$

TRI

Primário: 7M:1C = Coartativo

Secundário: 0(K):0(C) = Coartativo

Conteúdo:

$$Hd = 1$$

$$A = 7$$

$$Ad = 9$$

$$nat = 1$$

$$bot = 2$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: D.K.

Idade: 20 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:1'50"

- 1) Deho wesemy
- 2) Turehede ikyrelemy

- 1) Parece com mão
- 2) Parte da asa do morcego

II- TL:20" TT:2'03"

- 1) Krowete iti sohojile
- 2) ↓ Iny wiwana rorurunyrere

- 1) Perna de sapo
- 2) Duas pessoas puxando uma para cada lado

III- TL:28" TT:1'50"

- 1) Biku rewetyky wesemy
- 2) Itxòròsa wesemy itile

- 1) Nuvem no céu
- 2) Parece com perna de cachorro

IV- TL:30" TT:2'

- 1) Helÿkÿre
- 2) Iny herimy roireri

- 1) Pato
- 2) Uma pessoa deitada

V- TL:50" TT:1'18"

- 1) Inyti sohojile

- 1) Só a perna de uma pessoa

VI- TL:12" TT:1'15"

- 1) Botoe
- 2) Inywitxiti

- 1) Pombinha
- 2) Costela do ser humano

VII- TL:20" TT:58"

- 1) Krowete kumy wana butumy

- 1) Sapo inteiro

VIII- TL:10" TT:2'10"

- 1) Wariri wiwana rarurunyrerimy
- 2) Iny sokuniti irehemy
- 3) Iny irodu wadi rarurunyreri

- 1) Tamanduá um puxando o outro
- 2) A espinha da coluna
- 3) Uma pessoa puxando a perna do animal

IX- TL:15" TT:51"

- 1) Asÿ

- 1) Macaco

X- TL:12" TT:2'18"

- 1) Iny widi rarurunyreri
- 2) Biku rawetyky
- 3) Iny kotu-di rarurunyreri

- 1) Uma pessoa puxando a outra
- 2) Uma nuvem
- 3) Pessoa puxando tracajá

CODIFICAÇÃO

- D.K. 20 anos
- I- 1) DdF+Hd
2) D→DoF+Ad
- II- 1) DF+Ad
2) DdF(C)Kp H original → M
- III- 1) DclobFnuvens
2) DF+Ad
- IV- 1) DF+A
2) DKpH
- V- 1) DF+Hd
- VI- 1) DF+A
2) DF-Anat
- VII- 1) GF+A
- VIII- 1) DF+A
2) D(C)Fanat
3) DdF+Ad
- IX- 1) DF+A
- X- 1) D(M)KpH
2) DF±nuvem
3) DM + H A

PSICOGRAMA

D.K. 20 anos

$\Sigma R = 19$
R+ = 18 95%
R± = 1 5%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$
 $\Sigma D = 15$
D = 15 100%
Dd = 3

Determinantes:

$\Sigma F = 12$
F+ = 11 92%
F± = 1 8%
M = 1
Kp = 2
(C) = 1
(C) = 1
Clob = 1

TRI

Primário: 3M:1C = Coartativo
Secundário: 2(K):2(C) = Ambigüal

Conteúdo:

(H) = 4
A = 6
Ad = 4
nat =

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 63 anos

Sexo: F

I- TL:12" TT:58"

1) Iwakaiwa wite

1) Nuvem

II- TL:6" TT:1'54"

1) Kuwara oitxemy ohomeko, cãramueko

1) Pôr-do-sol com seu avermelhado pelos raios do sol

III- TL:12" TT:2'10"

1) Arutxama wite

1) Parece um bicho

2) Wararuá

2) Caranguejo

3) Maenuarera poty-patyra wite (okoi ywyrá potyra wite)

3) Uma flor de uma árvore

IV- TL:10" TT:1'5"

1) Ywytximaa wite amananite ipaparawa

) Uma nuvem preta misturada com branco quando vai chover

V- TL:15" TT:1'59"

1) Wyrápya cuija, ywata pytxara wite

1) Um gavião que fica parado no ar

2) Ipanatxi

2) Chifre de um gavião

VI- TL:15" TT:1'25"

1) Nite amaé

1) Não vejo nada (Rejeição)

VII- TL:20" TT:35"

1) Nite rany

1) Também não (Rejeição)

VIII- TL:8" TT:2'15"

1) Kuanõãtxia awile

1) Ouriço caixeiro

2) Ywira potyra wite

2) Uma flor de uma árvore

3) Ywyrá rowa wite

3) A folha de árvore

IX- TL:15" TT:2'30"

1) Toratxikai, ywyrarehe ajeupira macô wite

1) Quati subindo na árvore

2) Ywyrá rowa wite

2) Folha de árvore

3) Ywyrá potyra wite

3) Uma flor de árvore

X- TL:20" TT:2'40"

1) Jãnuhã wite

1) Aranha

2) Ywyrá potyra wite

2) Flor de uma árvore

3) Amynujua ahá potyra wite

3) Flor do algodão

CODIFICAÇÃO

- M.K. 63 anos
- I- 1) GFclob nuvem
- II- 1) DCF+nat
- III- 1) DF±A
2) DF+A
3) DF+bot
- IV- 1) Dclob Kob Dbl nuvem
OBS.: Sincrética patológica
profundo sentimento de
medo arcano.
- V- 1) Gma+A
2) DdF+Ad
- VI- Rejeição
- VII- Rejeição (choque claro-
escuro)
- VIII- 1) DF+A
2) DFCnat
3) DFCnat
- IX- 1) DF+A
2) DFCnat
3) DF±nat
- X- 1) DF+A
2) DF±nat
3) DblFCnat

PSICOGRAMA

M.K. 63 anos

$$\Sigma R = 16$$

Rejeição = VI e VII

$$\Sigma R = 13$$

$$R+ = 10 \quad 77\%$$

$$R- = 3 \quad 23\%$$

Abrangência:

$$\Sigma G = 2$$

$$G+ = 2 \quad 100\%$$

$$\Sigma D = 14$$

$$D = 14 \quad 100\%$$

$$Dd = 1$$

Determinantes:

$$\Sigma F = 10$$

$$F+ = 7 \quad 70\%$$

$$F\pm = 3 \quad 30\%$$

$$Kob = 1$$

$$ma+ = 1$$

$$FC = 3$$

$$CF = 1$$

$$Fclob = 1$$

TRI

Primário: 2M:4C = Coartativo

Secundário: 0(K)0(C) = Coartado

Conteúdo:

$$A = 6$$

$$Ad = 1$$

$$nat = 7$$

$$Bot = 1$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: B.K.

Idade: 59 anos

Sexo: M

I- TL:10" TT:2'40"

- 1) Tyrehede, te sohojile iyre ribi
- 2) ↓ Iny retehemý runyleri biu-txi
- 3) Ixÿ rati irati krelemy
- 4) Toriwa tary rianymy

II- TL:15" TT:49"

- 1) Ijòròsa irati kremy

III- TL:12" TT:2'38"

- 1) Buhã rati
- 2) Ue rati ikremy
- 3) Hãuri rÿmÿ runyleri
- 4) Buhã noãxi

IV- TL:6" TT:2'20"

- 1) Ijòròso retehemý runyleri
- 2) Oworu raruti-kre irati sohojile
- 3) Helyÿre rati

V- TL:18" TT:1'3"

- 1) Juwata rati ikremy

VI- TL:5" TT:25"

Rejeição

VII- TL:12" TT:2'15"

- 1) Ixÿni rubu rati ikremy
- 2) Hãlòeni retehemý runyleri iretile itãnymy
- 3) Õri irati krelemy

VIII- TL:11" TT:58"

- 1) Ue ijaramy rearcri

IX- TL:18" TT:53"

- 1) Txusò iratile itÿnymy

X- TL:16" TT:1'50"

- 1) ↓ Iny lymamy rÿleri
- 2) Hawalo sõemý

- 1) Parte da asa do morcego
- 2) Pessoa sentada olhando o céu
- 3) Cabeça de porco do mato
- 4) Tucano abrindo a boca

- 1) Só a cabeça de cachorro

- 1) Cabeça de boto
- 2) Cabeça de capivara
- 3) Paca olhando e sentada
- 4) Rabo de boto

- 1) Cachorro sentado olhando
- 2) Raiz de uma árvore
- 3) Cabeça de pato

- 1) Cabeça de piranha

Rejeição

- 1) Cabeça de porco morto
- 2) Gato olhando, só a cabeça
- 3) Cabeça de anta, só a cabeça

- 1) Capivara correndo

- 1) Cabeça de quati, só a cabeça

- 1) Pessoa em pé
- 2) Muitos mortos

CODIFICAÇÃO

- B.K. 59 anos
- I- 1) DdF_±Ad
2) DdFKpH
3) DdF+Ad
4) DdF+A
- II- 1) DF+Ad
- III- 1) DF+Ad
2) DF+Ad
3) DF+A
4) DF+Ad
- IV- 1) DF+A
2) DF_±bot
3) DF+Ad
- V- 1) DF+Ad
- VI- Rejeição
- VII- 1) DF+Ad
2) DdF+Ad
3) DF+Ad
- VIII- 1) DF+ma+A
- IX- 1) DdF+Ad
2) DdF+H
- X- 1) DdF+H
2) DdF_±nat

PSICOGRAMA

B.K. 59 anos

$\Sigma R = 19$	84%
$R+ = 16$	
$R_{\pm} = 3$	16%

Abrangência:

$\Sigma D = 11$	
$D+ = 10$	90%
$D_{\pm} = 1$	10%

Determinantes:

$\Sigma F = 19$	
$F+ = 17$	89%
$F_{\pm} = 2$	11%
$Kp = 1$	

TRI

Primário: 0M:0C

Secundário: 1(K):0(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 2
A = 4
Ad = 12
bot = 1
nat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: H.K.

Idade: 35 anos

Sexo: F

I- TL:15" TT:1'50"

1) Kushewe

2) Nawikihikÿ

1) Ema

2) Gavião

II- TL:12" TT:58"

1) Ritxoo wesemy

1) Parece uma boneca (imagem)

III- TL:15" TT:53"

1) Iny wokumy rÿimyhÿre wesemy

1) Parte interna de uma pessoa

IV- TL:8" TT:1'30"

1) Wariri

2) Kõrimi

1) Tamanduá

2) Hipopótamo (no rio)

V- TL:13" TT:2'40"

1) Kybòdò juhute, txuhute sohojile

2) Debo wesemy

3) Korera rati, ira sohojile

1) Só o bico de beija-flor

2) Parece a mão

3) Cabeça de jacaré

VI- TL:15" TT:1'50"

1) Tyrehe kosÿny wesemy

2) Helÿkÿre

1) Cara de morcego

2) Pato

VII- TL:18" TT:32"

Rejeição

Rejeição

VIII- TL:12" TT:1'50"

1) Jyreni raritxareri

1) Ariranha andando

IX- TL:15" TT:28"

Rejeição

Rejeição

X- TL:11" TT:1'56"

1) Kotxurukuhÿ

2) Kodemahi

1) Aranha

2) Caranguejo

CODIFICAÇÃO

H.K.	35 anos
I-	1) DdF+A 2) DdF+A
II-	1) DF+(H)
III-	1) DF-Hd
IV-	1) DF+A 2) DF+A
V-	1) DF+Ad 2) DF+Hd 3) DF+Ad
VI-	1) DdF+A 2) DdF+A
VII-	Rejeição
VIII-	1) DF+A
IX-	Rejeição
X-	1) DF+A 2) DF+A

PSICOGRAMA

H.K. 35 anos

$$\sum R = 14$$

$$\sum R+ = 13 \quad 93\%$$

$$\sum R- = 1 \quad 7\%$$

Abrangência:

$$\sum D = 10$$

$$D+ = 10 \quad 100\%$$

$$Dd = 4$$

Determinantes:

$$\sum F = 14$$

$$F+ = 13 \quad 93\%$$

$$F- = 1 \quad 7\%$$

TRI

Primário: 0M:0C

Secundário: 0(K):0(C)

Conteúdo:

$$Hd = 2$$

$$(H) = 1$$

$$A = 9$$

$$Ad = 2$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 21 anos

Sexo: F

I- TL:5" TT:1'2"

1) Tyrehe

1) Morcego

II- TL:10" TT:59"

1) Iny witxi tutyby wesemy

1) Costela de ser humano

III- TL:15" TT:55"

1) Iny tarako rerimy rÿreri

1) Pessoa segurando sua cabeça

IV- TL:8" TT:1'30"

1) Itxòròsa wesemy isuku sohojile

1) Parece a cabeça de cachorro

2) Koworu rubu wesemy

2) Pedaco de pau seco

V- TL:12" TT:2'30"

1) Kotxixa wesemy ruòmÿ

1) Borboleta voando

2) Itxorosa rutimÿ, iruti, sohojile

2) Perna de cachorro, só a perna

3) Wakorehehÿ ruti wesemy iruti

3) Perna de jaburu, só a perna

sohojile

VI- TL:10" TT:58"

1) Iyre wesemy, toti sohojile inati wona

1) Pescoço e cabeça de ariranha

VII- TL:12" TT:59"

1) Krtowete wesemy ibutumÿ takumÿ wana

1) Corpo inteiro do sapo

VIII- TL:15" TT:1'20"

1) Hãlokoe wesemy raritxamÿ

1) Onça andando

2) Iny witxi tityby wesemy

2) Costela de um ser humano

IX- TL:11" TT:1'3"

1) Asÿ debo wesemy

1) Mão de macaco

X- TL:12" TT:2'50"

1) Kodemahi wesemy raritxamÿ

1) Parece caranguejo andando

2) Tysi wesemy

2) Parece um grilo

3) Kutura wesemy

3) Parece um peixe

4) Ijaré wesemy

4) Parece um lagarto

CODIFICAÇÃO

M.K.	21 anos
I-	1) DF+A
II-	1) DF \pm Anat
III-	1) GF \pm H
IV-	1) DF+Ad 2) DF+nat.desv.
V-	1) GF+A 2) DF+Ad 3) DdF+Ad
VI-	1) DF+Ad
VII-	1) GF+A
VIII-	1) Dma+A 2) DbIF-nat
IX-	1) DdF+Ad
X-	1) Dma+A 2) DF+A 3) DF+A 4) DF+A

PSICOGRAMA

H.K. 21 anos

$\Sigma R = 17$	
R+ = 13	76%
R \pm = 2	12%
R- = 2	12%

Abrangência:

$\Sigma G = 3$	
G+ = 2	66%
G \pm = 1	34%
D = 11	100%
Dbl = 1	
Dd = 2	

Determinantes:

$\Sigma F = 15$	
F+ = 12	80%
F \pm = 1	13%
F- = 1	7%
ma+ = 2	

TRI

Primário: 2M:0C = Coartativo
Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
A = 8
Ad = 5
nat = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 33 anos

Sexo: F

I- TL:12" TT:1'50"

- 1) Ityboboro wesemy
- 2) Kodemahi ikrelemy

- 1) Aqui parece um escorpião
- 2) Vejo a parte da cabeça do caranguejo

II- TL:15" TT:59"

- 1) Boro raritxamy ramyhÿremy

- 1) Vejo a arraia andando

III- TL:12" TT:2'50"

- 1) Kakita kademahi debo sohojile roire ikrelemy
- 2) Nowiki tasiwoku-ki rōimymyhyre, irati sohojile
- 3) Lywyty inatxi
- 4) Nawiki ruomy ramyhÿre inatxi-my sōe

- 1) Aqui vejo só a mão do caranguejo
- 2) Vejo um pássaro que fica dentro do ovo, mas só a cabeça
- 3) Dois ratos
- 4) Dois pássaros voando

IV- TL:15" TT:1'56"

- 1) Kakita kotxixa irati sohojile

- 1) Vejo só a parte da cabeça da borboleta

- 2) Biku wetyky ikyjalemy

- 2) Aqui vejo nuvem bem pequena

V- TL:14" TT:2'58"

- 1) Kaki tahe kotxixa ruãmy rareri
- 2) Irodu wati kremy inatxi sōe

- 1) Aqui vejo a borboleta voando
- 2) A parte da perna de um animal. São dois

- 3) Ijare tōhetidimy wikolemy

- 3) A lagarta com duas antenas na frente e atrás

- 4) Watxiturehe ijōra itu sohojile

- 4) Pássaro, mas só o rabo

VI- TL:11" TT:1'57"

- 1) Wala irati kremy txu-le wikomy

- 1) Vejo só a cabeça do formigão e os dentes

- 2) Bese

- 2) Tijela

(Continuação)

Identificação:

Nome: K.K.

Idade: 33 anos

Sexo: F

VII- TL:8" TT:2'51"

- 1) Kasi tasy, Ix̄ydo raritxamy rareri suwokudi
- 2) Kaki tasy Irodu roire, irati sohojile, hanoma kue
- 3) Kōrini isuku sohojile inatxi sōe

VIII- TL:18" TT:3'5"

- 1) Kòde raritxamu rareri, inatxi sōe
- 2) Kopbroro ijōmy roire, inatximy sōe, ikumy butumy, toherarute ijōkōmy
- 3) K̄ynadure roire

IX- TL:15" TT:1'59"

- 1) Tohokuã eetehemy tahyna woku-ki roire
- 2) Dywe koworu koki roireri

X- TL:20" TT:3'30"

- 1) Katahe beramy r̄ymyh̄re roire, ilailahak̄ymy r̄ymyh̄re
- 2) Bexi, iny woku-ki roimuh̄re
- 3) Hanikesi wiji relemy roimyh̄re, h̄alubumy rarunymy
- 4) Iny lymany r̄yire
- 5) Rara rati ijōre, irati sohojile

- 1) Aqui vejo uma minhoca andando na terra ou digo na areia
- 2) Aqui vejo um animal e só a cabeça, mas me parece que é capivara
- 3) Vejo anta mas só a cabeça

- 1) Ouriço-caixeiro andando juntos, são dois
- 2) Vejo o jacaré são dois, mas ele está sem rabo
- 3) Vejo peixe bicudo

- 1) Só a parte do rosto de um bebê olhando dentro de seu carrinho
- 2) Cupim pendurado na árvore

- 1) Aqui vejo um bicho que fica no fundo do rio, mas não sei o nome (polvo)
- 2) Vejo pulmões
- 3) Vejo o ovo
- 4) Pessoa em pé
- 5) Vejo só a cabeça do urubu

CODIFICAÇÃO

- K.K. 33 anos
- I- 1) DF+A
2) DF+Ad
- II- 1) Dma+A
- III- 1) DF+Ad
2) DF+Ad
3) DF+A
4) Dma+A
- IV- 1) DF+Ad
2) DclobF+nuv
- V- 1) Gma+A
2) DF+Ad
3) DF+A
4) DdF+A
- VI- 1) DF+Ad
2) DclobF+obj
- VII- 1) Dclobma+A
2) DF+Ad
3) DF+Ad
- VIII- 1) Dma+A
2) DFCA
3) DbIFCA
- IX- 1) DF+Hd
2) DF+Anat
- X- 1) DF+A
2) DdF-Anat
3) DdF+Anat
4) DdF+H
5) DdF+Ad

PSICOGRAMA

K.K. 33 anos

$\Sigma R = 27$
 $\Sigma R+ = 27$ 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$
G+ = 1 100%
 $\Sigma D = 21$
D = 21 100%
Dbl = 1
Dd = 4

Determinantes:

$\Sigma F = 20$
F+ = 19 95%
F- = 1 5%
FC = 2%

TRI

Primário: 5M:2C = Coartativo
Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

Hd = 1
H = 1
A = 13
Ad = 9
nat = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: E.K.

Idade: 19 anos

Sexo: F

I- TL:15" TT:1'50"

- 1) Nowiki takywetemy tarati sohojile rikokudÿ kënyemy
- 2) Broreni hawakò ratyka ribi retehemy rÿireri

- 1) Pássaro mostrando só a parte da cabeça
- 2) Boi olhando lá de cima do morro

II- TL:12" TT:2'50"

- 1) liãõ tawale ribererunymy roireri
- 2) Iny ikosynyle itynymy roireri
- 3) Kÿiaõ itxo riterenymy

- Leão mostrando só a perna
- 2) Pessoa mostrando só a cabeça
 - 3) Canhão

III- TL:15" TT:1'59"

- 1) Itxòròsa rati, hãluku ribi retehemy
- 2) Iny kãwalò ribi tera riterenyreri

- 1) Cachorro mostrando a cabeça, dentro de um buraco
- 2) Pessoa em cima do morro com braço aberto

IV- TL:18" TT:1'55"

- 1) Krobi bikutxi retehemy runyreri takuma wekremy
- 2) Asÿ kosyny roireri

- 1) Macaco olhando o céu
- 2) Rosto do macaco

V- TL:20" TT:1'10"

- 1) Kaki awã-my rabikõhykyreri

- 1) Aqui não vejo nada – Rejeição

VI- TL:15" TT:3'8"

- 1) Hire rati
- 2) Koworu-kre inatxi wibiremy rõireri
- 3) Kydo wityre-tyremy

- 1) Cabeça de cara-cará (pássaro)
- 2) Peçaço de dois paus
- 3) Um toco em cima do outro

VII- TL:12" TT:1'

- 1) Wala icyja
- 2) Kahury itxo wesemy roireri

- 1) Formiga bem pequena
- 2) Parece estrada de um carro

VIII- TL:15" TT:1'6"

- 1) Iny tati ritytemy, iti sohojile

- 1) Pessoa esticando a perna, só a parte da perna

IX- TL:20" TT:1'10"

- 1) Budoeni biku-kó retehemy takumy krelamy
- 2) Iny ratikrelamy, irati sohojile

- 1) Um carneiro olhando no céu
- 2) Cabeça de pessoa só a cabeça

X- TL:5" TT:59"

- 1) Iny-tyra woky-ki roimyhÿre wesemy

- 1) Ovário

CODIFICAÇÃO

- E.K. 19 anos
- I- 1) DdF+A
2) Ddma+A
- II- 1) DdF+Ad
2) DdF+Hd
3) DdF+obj
- III- 1) DdF+Ad
2) DdF+H
- IV- 1) DdF+A
2) DdF+Ad
- V- 1) Rejeição
- VI- 1) DdF+A
2) DdF+bot
3) DdF+bot
- VII- 1) DdF+A
2) DdF+obj
- VIII- 1) DdF+Hd
- IX- 1) DdbIF+A
2) DdF+Hd
- X- 1) DdF-Anat

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 31 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:1'58"

- 1) Tyrehe tesohojile
- 2) Tyrehe oworomy reotehekÿmy
- 3) Ijòròsa rati
- 4) Iny rati
- 5) Maoló-óló retehemý runyneri

- 1) Asa de morcego
- 2) Morcego que fica nas fileiras pendurado no pau
- 3) Cabeça de cachorro
- 4) Cabeça de uma pessoa
- 5) Coruja olhando

II- TL:5" TT:2'5"

- 1) Boro
- 2) Ijòròsa iumykremý

- 1) Arraia
- 2) Só a parte do corpo do cachorro

III- TL:12" TT:2'53"

- 1) Iny cõdibo wiribi rarurunyneri
- 2) Otxuruku siri-siri
- 3) Otxixa

- 1) Duas pessoas humanas puxando alguma coisa
- 2) Aranha
- 3) Borboleta

IV- TL:20" TT:2'12"

- 1) Hemylala bedè retehemý roireri
- 2) Ijòròsa rawolohareri
- 3) Helaa rati

- 1) Cobra olhando para baixo
- 2) Cachorro latindo
- 3) Cabeça de piolho de cobra

V- TL:18" TT:48"

- 1) Otxixa ruomy
- 2) Inyti raberemy

- 1) Borboleta voando
- 2) Perna de uma pessoa caindo

VI- TL:15" TT:1'53"

- 1) Helÿÿre rõhõneri
- 2) Ohote

- 1) Pato tomando banho
- 2) Borduna

VII- TL:12" TT:25"

Rejeição

Rejeição

VIII- TL:18" TT:2'30"

- 1) Haloé reamy
- 2) Orowete iratikõmy
- 3) Iny osÿny tibyby

- 1) Onça correndo
- 2) Sapo sem cabeça
- 3) Esqueleto da cabeça

IX- TL:10" TT:20"

Rejeição

Rejeição

X- TL:7" TT:2'59"

- 1) Asi
- 2) Nawiihikÿ rati inatxi widi retehemý
- 3) Otu
- 4) Ue rati

- 1) Capim
- 2) Duas cabeças de gavião olhando um para o outro
- 3) Tracajá
- 4) Cabeça de capivara

CODIFICAÇÃO

- K.K. 31 anos
- I- 1) DF+Ad
2) DFma+A
3) DF+Ad
4) DdF+Hd
5) Dclob ma+A
- II- 1) DF+A
2) DF+Ad
- III- 1) DMH
2) DF+A
3) DF+A
- IV- 1) DFma+A
2) DFma+A
3) DF+Ad
- V- 1) GFma+A
2) DF+Ad
- VI- 1) Ddma+A
2) DF+obj
- VII- Rejeição
- VIII- 1) DFma+A
2) DF+A
3) DdbIF+(Ad)
- IX- Rejeição
- X- 1) DF+Bot
2) DFma+Ad
3) DF+A
4) DF+Ad

PSICOGRAMA

K.K. 31 anos

$\Sigma R = 24$
R+ = 24 100%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$
G+ = 1 100%
 $\Sigma D = 20$
D+ = 20 100%
Dd = 2
Ddbl = 1

Determinantes:

$\Sigma F = 20$
F+ = 20 100%
ma+ = 7
M = 1
Clob = 1

TRI

Primário: 8M:1C = Coartativo

Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

H = 1
Hd = 1
H = 1
A = 12
Ad = 8
Bot = 1
obj = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 40 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:3'40"

- 1) Krowete wesemy
- 2) Watxiwi wesemy
- 3) Asy suku
- 4) Ijoti ratyky
- 5) Bederede hāwalo-my rýimyhýre wesemy
- 6) Nawikihiký tee rabesenymy runymyhýre

- 1) Parece um sapo
- 2) Uma panela
- 3) Só rosto de macaco
- 4) Barranco do rio, parte mais alta
- 5) Uma árvore fica no morro
- 6) Gavião abrindo suas asas

II- TL:12" TT:3'10"

- 1) Brorenitivityby wesemy
- 2) Kue wesemy
- 3) Ityti boro wesemy

- 1) Osso de boi
- 2) Capivara
- 3) Uma arraia que fica na terra, tipo camarão dos tocos podres

III- TL:10" TT:2'50"

- 1) Krowete rubu
- 2) Kuladu wijityhy relemý roimyhýre wesemy
- 3) Uladu hina

- 1) Sapo morto
- 2) Um feto de criança

IV- TL:8" TT:2'20"

- 1) Budoeni
- 2) Hākuri, rýmy runyleri rirakuximý
- 3) Kóde rýmy runyleri rirakuximi

- 1) Carneiro
- 2) Uma paca sentada e comendo
- 3) Ouriço-caixeiro sentado esticando o corpo e olhando

V- TL:10" TT:2'15"

- 1) Kotxixa ruomy
- 2) Tyrehe roireri
- 3) Budoe reakamy ijarany

- 1) Borboleta voando
- 2) Morcego deitado
- 3) Veado correndo

VI- TL:15" TT:1'40"

- 1) Kodemahi
- 2) Rara ruomy rareri
- 3) Ahādu

- 1) Caranguejo
- 2) Urubu voando
- 3) Lua

VII- TL:18" TT:2'24"

- 1) Kusehewe retehemy rýireri
- 2) Huru
- 3) Kuja-kuja rirakuximý

- 1) Ema olhando
- 2) Rã
- 3) Siriema comendo

(Continuação)

Identificação:

Nome: K.K.

Idade: 40 anos

Sexo: F

VIII- TL:15" TT:3'50"

- 1) Hãlokoe raritxany
- 2) Kode rokònònymy
- 3) Biku wetyky biku-txi rÿmyrany hÿre wesemy
- 4) Krobi anorade-kibo reximyny runyreri

- 1) Onça andando
- 2) Ouriço-caixeiro subindo
- 3) Nuvem que fica no céu
- 4) Um macaco segurando alguma coisa

IX- TL:12" TT:3'15"

- 1) Kuladu wihijumy roireri
- 2) Wariri herimy roireri
- 3) Krowete rÿmy runyreri

- 1) Duas crianças gêmeas
- 2) Tamanduá deitado
- 3) Sapo sentado

X- TL:10" TT:4'10"

- 1) Kodemati
- 2) Ijare bederade riromy roirery
- 3) Jyreni
- 4) Biku wetyky rabute rabutenymy roimyhÿre e wesemy
- 5) Iny wiwana rarururery

- 1) Caranguejo
- 2) Lagarta comendo uma folha
- 3) Ariranha
- 4) Uma nuvem que fica assim pintando no céu
- 5) Uma pessoa puxando outra

CODIFICAÇÃO

- K.K. 40 anos
- I- 1) DF+A
2) DdbIF+obj
3) DF+Ad
4) DF+nat
5) DF+nat bot
6) DM+A
- II- 1) DdbIF±Anat
2) DF+A
3) DF+A
- III- 1) DF+Adet
2) DF+(H)
3) DF±Anat
- IV- 1) DF+A
2) Dma+A
3) Dma+A
- V- 1) Gma+A
2) GF+A
3) Dma+A
- VI- 1) DF+A
2) Dma+A
3) DF±Astro
- VII- 1) Dma+A
2) DF+A
3) Dma+A
- VIII- 1) Dma+A
2) Dma+A
3) Dclob nuvens
4) DF+A

(Continuação)

Codificação:

- IX- 1) DF+H
 2) DF+A
 3) DF+A

- X- 1) DF+A
 2) Dma+Abot
 3) DF+A
 4) DCFnat
 5) DMH

PSICOGRAMA

K.K. 40 anos

$\Sigma R = 36$	
R+ = 32	88,9%
R± = 4	11,1%

Abrangência:

$\Sigma G = 2$	
G+ = 2	100%
$\Sigma D = 31$	
D+ = 29	93,5%
D± = 2	6,5%
Dd = 1	2,8%
Ddbl = 2	

Determinantes:

$\Sigma F = 22$	
F+ = 19	86,4%
F± = 3	13,6%
M = 1	
ma+ = 10	
CF = 1	
Clob = 1	

TRI

Primário: 11M:1C = Coartativo
Secundário: 0M:0C = Coartado

Conteúdo:

(H) = 1
H = 2
A = 23
Ad = 1
nat = 3
Bot = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: K.K.

Idade: 26 anos

Sexo: F

I- TL:20" TT:30"

Rejeição

Rejeição

II- TL:10" TT:1'30"

1) Deseiã televisão-ki realmyhÿre
wesemy

1) Vejo um desenho que passa na TV

III- TL:15" TT:1'20"

1) Koworu rodu ratimy

1) Um besouro grande que fica
comendo a árvore

IV- TL:10" TT:2'5"

1) Helyka ratikre
2) Itxorosa sirisiri ikumy sohojile

1) A cabeça de piolho de sobra
2) Um cachorro peludo, mas só a parte
da cabeça

V- TL:20" TT:56"

1) Tyrehe

1) Morcego

VI- TL:30" TT:1'20"

1) Jumytyta txuu sohojile

1) Formigão, mas só o dente

VII- TL:7" TT:59"

1) Kodemahi

1) Caranguejo

VIII- TL:20" TT:30"

Rejeição

Rejeição

IX- TL:30" TT:38"

Rejeição

Rejeição

X- TL:20" TT:2'50"

1) Irodu beramy rÿimyhÿre, iti sõe-sõe
hekÿmy rÿimyhÿre
2) Kotxuruku lybyhykÿ

1) Um bicho que fica no fundo do rio
(polvo)
2) Aranha preta

CODIFICAÇÃO

- K.K. 26 anos

- I- Rejeição
- II- 1) DF+obj
- III- 1) Dma+A
- IV- 1) DF+Ad
2) DF+A
- V- 1) GF+A
- VI- 1) DF+Ad
- VII- 1) DF+A
- VIII- Rejeição
- IX- Rejeição
- X- 1) DF+A
2) DF+A

PSICOGRAMA

K.K. 26 anos

$$\Sigma R = 9$$

Rejeição: I, VIII, IX

$$R+ = 9 \quad 100\%$$

Abrangência:

$$\Sigma G = 1$$

$$G+ = 1 \quad 100\%$$

$$\Sigma D = 8$$

$$D+ = 8 \quad 100\%$$

Determinantes:

$$F+ = 8$$

TRI

Primário: 1M:0C

Secundário: 0(K):0(C)

Conteúdo:

$$A = 6$$

$$Ad = 2$$

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 70 anos

Sexo: M (Pajé – Ex-cacique)

I- TL:12” TT:3’58”

- 1) Tyrehe
- 2) Tyrehe rÿmy runyreri
- 3) Iny herimy roireri
- 4) Debo
- 5) Iny otuti tityby

II- TL:10” TT:3’20”

- 1) Asy widebo-ki ini wii rimymy
- 2) Asy Halubu
- 3) Hãnie widee rearerimy
- 4) Iny tawa ritytemy

III- TL:15” TT:3’50”

- 1) Oworu Rubu
- 2) Dyy
- 3) Nawii
- 4) NawiiHi-kÿ tado rimymy
- 5) Radetaana wiomy ibedosidi-my

IV- TL:7” TT:3’10”

- 1) Helÿÿre juhute
- 2) Iny tiohu
- 3) Iny ãxiokre
- 4) Helaa rati

V- TL:20” TT:2’40”

- 1) Tyrehe wati
- 2) Tyrehe teery-di rimymy irati-ki

VI- TL:10” TT:3’10”

- 1) Iny tedimy
- 2) Irodu Rubu
- 3) Nawiihikÿ rati
- 4) Iny Tary rianymy

VII- TL:15” TT:2’10”

- 1) Orowete
- 2) Helÿÿre iratikõmy iumy sohojile

- 1) Morcego
- 2) Vejo o morcego sentado
- 3) Uma pessoa deitada
- 4) Mão
- 5) Vejo a bacia da gente

- 1) Macaco segurando na outra mão do macaco
- 2) O sangue do macaco
- 3) Vejo a galinha brigando
- 4) Pessoa sentada com a perna esticada

- 1) Galho podre
- 2) Cupim
- 3) Pássaro
- 4) Vejo o gavião pegando a sua comida
- 5) Rabicó (laço de amarrar o cabelo)

- 1) Bico de um pato
- 2) Joelho de gente
- 3) Braço de pessoa
- 4) Cabeça de piolho de cobra

- 1) Perna de morcego
- 2) Morcego matando não sei o quê

- 1) Pessoa com asa
- 2) Animal morto
- 3) Cabeça de gavião
- 4) Uma pessoa abrindo a boca

- 1) Sapo
- 2) Um pato sem cabeça só o corpo

(Continuação)

Identificação:

Nome: M.K.

Idade: 70 anos

Sexo: M (Pajé – Ex-cacique)

VIII- TL:18” TT:3’50”

- 1) Iny wotityby
- 2) Iny rexiàtityby
- 3) Irodu
- 4) Iny irodu watiki Rimymy

- 1) Esqueleto do ser humano
- 2) Esqueleto da coluna do ser humano
- 3) Animal
- 4) A pessoa segurando a perna de animal

IX- TL:10” TT:2’50”

- 1) Asy rÿmy runyreri
- 2) Barata
- 3) Iny asy Dimymy roireremy

- 1) Macaco sentado
- 2) Barata
- 3) Uma pessoa segurando o macaco ainda deitado

X- TL:20” TT:3’49”

- 1) Bexi
- 2) Nõhõsaraty
- 3) Weryri deote
- 4) Utari
- 5) Uladu hina

- 1) Pulmões
- 2) Coração
- 3) Bucho da pessoa
- 4) Fígado
- 5) Ovário

CODIFICAÇÃO

M.K. 70 anos

- I-
1) DF+A
2) DF+A
3) DF+HKp
4) DdF+Hd
5) DF-Anat

- II-
1) Dma+A
2) DC-Sangue
3) Dma-A
4) DdKpH→(C)→Ddbl

- III-
1) DF_±bot det
2) DF+nat
3) DF+A
4) DMA+A
5) DF+obj

- IV-
1) DdF+Ad
2) DdF+Hd
3) DF(C)Hd
4) DF+Hd

- V-
1) DoF-Ad
2) Do ma-A
3) DdF-Ad desv

- VI-
1) DF+HA
2) DF-A desv
3) DdF+Ad
4) Dd Kp H

- VII-
1) GF+A
2) DF+Ad

- VIII-
1) DdblF-H desv
2) DF-desv
3) DF+a
4) DdF_±H

(Continuação)

Codificação

- IX- 1) DF+A
 2) DdF+A
 3) D Kp H

- X- 1) DF-Anat
 2) DF-Anat
 3) DF-Anat
 4) DF-Anat
 5) DF-Anat

PSICOGRAMA

M.K. 70 anos

$\Sigma R = 39$	
R+ = 22	56%
R \pm = 3	8%
R- = 14	36%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$	
G+ = 1	100%
$\Sigma D = 26$	
D+ = 13	50%
D \pm = 2	8%
D- = 11	42%
$\Sigma Dd = 9$	
Dd \pm = 1	
Dd- = 1	
Dd+ = 7	
Do- = 2	
Ddbl = 1	

Determinantes:

$\Sigma F = 30$	
F+ = 16	53,3%
F \pm = 3	10%
F- = 11	36,7%
F(C) = 1	
(C) = 1	
C =	
Kp = 3	
ma+ = 3	
ma- = 2	

(Continuação)

Psicograma

TRI

Primário: 3M1C = Coartativo

Secundário: 5(K)2(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 6

Hd = 4

A = 13

Ad = 3

Anat = 6

bot = 1

obj = 1

Sangue = 1

desvit = 4

deter = 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: N.K.

Idade: 63 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:1'50"

- 1) Debo
- 2) Tyrehe ruòmý

- 1) Mão
- 2) Morcego voando

II- TL:20" TT:3'10"

- 1) Itxorosa wiryko ruomy
- 2) Hanike wabu wideke anobinamy reakareri

- 1) Dois cachorros se beijando
- 2) Dois galos brigando

- 3) Boro beko-ki roireru roromy

- 3) Arraia bem na beira do rio

III- TL:10" TT:3'5"

- 1) Kotxixa ruomy
- 2) Dore bydeko retehemy runyneri
- 3) Hire rati, irati sohojile

- 1) Borboleta voando
- 2) Papagaio olhando para baixo
- 3) Cabeça de gavião caracara

IV- TL:12" TT:2'50"

- 1) Nawiki lyty
- 2) Woo kiawada

- 1) Ninho de pássaro
- 2) Fumaça de queimada

V- TL:15" TT:3'50"

- 1) Kotxixa ruomy
- 2) Wakoreheky juhute
- 3) Myna
- 4) Wyka juhute

- 1) Borboleta voando
- 2) Bico de jaburu
- 3) Pedra
- 4) Bico de mergulhão

VI- TL:18" TT:1'50"

- 1) Nawikihiky tytyribi reteheny runyneri irati itÿnymy

- 1) Gavião olhando dentro do seu ninho

VII- TL:20" TT:2'30"

- 1) Wyka biku-txi retehemy
- 2) Lakua rati
- 3) Halokòe tary rianymy

- 1) Mergulhão olhando para o céu
- 2) Cabeça de rato
- 3) Onça com a boca aberta

VIII- TL:21" TT:2'50"

- 1) Hawalo
- 2) Halakòe
- 3) Iny rÿmy runyneri

- 1) Morro
- 2) Onça
- 3) Uma pessoa sentada

IX- TL:12" TT:2'53"

- 1) Woo
- 2) Kue rati
- 3) Iny retemy ryireri kue sohoji

- 1) Queimada
- 2) Cabeça de capivara
- 3) Uma pessoa olhando para o céu

X- TL:20" TT:3'50"

- 1) Ijare wikomy roire
- 2) Kue reakareri
- 3) Kodemahi
- 4) Kotxuruku siri-siri

- 1) Duas lagartas
- 2) Capivara correndo
- 3) Caranguejo
- 4) Aranha

CODIFICAÇÃO

N.K. 63 anos

I- 1) DdF+Hd
2) DF+A

II- 1) Dma+A
2) Dma+A
3) DF+A

III- 1) DF+A
2) DF+A
3) DF+Ad

IV- 1) DdF+obj
2) Dclob fumaça

V- 1) GF+A
2) DF+Ad
3) DF+nat
4) DF+Ad

VI- 1) Ddma+A original

VII- 1) Dma+A
2) DdF+Ad
3) DF+A

VIII- 1) DF+nat
2) DF+A
3) DF+H

IX- 1) DCF Kobj fogo
2) DF+Ad
3) DdF+H

X- 1) DF+A
2) Dma+A
3) DF+
4) DF+A

PSICOGRAMA

N.K. 63 anos

$\Sigma R = 28$	
R+ = 26	92,8%
R- = 2	7,2%

Abrangência:

$\Sigma G = 1$	
G+ = 1	100%
$\Sigma D = 22$	
D+ = 21	95,5%
D- = 1	4,5%
Dd = 5	

Determinantes:

$\Sigma F = 21$	
F+ = 21	100%
ma = 5	
Kobj = 1	
CF = 1	
Clob = 1	

TRI

Primário: 5M1C = Coartativo
Secundário: 2(K):(C) = Coartativo

Conteúdo:

H = 2
Hd = 1
A = 14
Ad = 5
nat = 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: M.K.

Idade: 19 anos

Sexo: F

I- TL:10" TT:3'5"

1) Tyrehe

2) Debo

3) Rara ruamy rareri

1) Morcego

2) Mão

3) Urubu voando

II- TL:15" TT:3'20"

1) Txim rackokunymyhÿre wigityhy

2) Kãnike

3) Kgdo inatxi wibiremy

1) Um sol nascendo

2) Galinha

3) Dois tocos juntos queimados

III- TL:10" TT:3'12"

1) Adedura bedede-txi retehemmy runyreri

2) Irodu tityby

3) Kuseheweti

1) Arara olhando pra baixo

2) Osso de um animal

3) Perna de ema

IV- TL:15" TT:2'50"

1) Asÿ nihiky

2) Hely ka rati

3) Itxorosa irati kremy

1) Um gorila

2) Cabeça de piolho de cobra

3) Cabeça de cachorro

V- TL:18" TT:2'30"

1) Kotxixa

2) Korera rati

1) Borboleta

2) Cabeça de jacaré

VI- TL:20" TT:3'10"

1) Broremi tyky

2) Nawikirati

3) Halokoeni rati

1) Couro de boi

2) Cabeça de pássaro

3) Cabeça de um gato

VII- TL:12" TT:3'20"

1) Krowete rubu

2) Helÿkÿ ruomy

3) Myna nikikÿ

1) Sapo morto

2) Pato voando

3) Uma pedra grande

VIII- TL:10" TT:3'25"

1) Kue

2) Korera rubehemmy bera-ko

3) Krowete iratikomy

1) Capivara

2) Um jacaré descendo pro rio

3) Sapo sem cabeça

IX- TL:15" TT:1'50"

1) Kõri rati

2) Brore-kó ikó sohijile

1) Cabeça de anta

2) Chifre de veado

X- TL:10" TT:3'20"

1) Kodemahi

2) Kotu

3) Kotxuruku siri-siri inatxi

4) Ijare

1) Caranguejo

2) Tracajá

3) Aranha

4) Lagosta

CODIFICAÇÃO

- M.K. 19 anos
- I- 1) DF+A
2) DdF+Hd
3) DF+A
- II- 1) DCFnat
2) DF+A
3) DF+nat.desv.
- III- 1) Dma+A
2) DF-Ad
3) DF+Ad
- IV- 1) GF+A
2) DF+Ad
3) DF+Ad
- V- 1) DF+A
2) DF+Ad
- VI- 1) DF+A
2) DF+Ad
3) DdF+Ad
- VII- 1) GF+A desv
2) Dma+A
3) DF+nat
- VIII- 1) DF+A
2) Dma+A
3) DF+Ad desv.
- IX- 1) DF+Ad
2) DF+Ad
- X- 1) DF+A
2) DF+A
3) DF+A
4) DF+A

PSICOGRAMA

M.K. 19 anos

$\Sigma R = 29$
 $\Sigma R+ = 28$ 96%
 $\Sigma R- = 1$ 4%

Abrangência:

$\Sigma G = 2$
G+ = 2 100%
 $\Sigma D = 25$
D+ = 25 100%
Dd = 2

Determinantes:

$\Sigma F = 24$
F+ = 23 96%
F- = 1 4%
ma+ = 3
CF = 1

TRI

Primário: 3M:1C = Coartativo
Secundário: 0(K):0(C) = Coartado

Conteúdo:

Hd = 1
A = 14
Ad = 9
nat = 3